



**CRISTIANE DELFINA SANTOS DUARTE**

**A MULHER ORIGINAL  
PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ARQUEÓLOGA NIÉDE GUIDON**

**CAMPINAS,**

**2015**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
**LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO -**  
**LABJOR**

**CRISTIANE DELFINA SANTOS DUARTE**  
**A MULHER ORIGINAL**  
**PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ARQUEÓLOGA NIÉDE GUIDON**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

**Orientador: Prof. Dr. Celso Luiz Figueiredo Bodstein**

**CAMPINAS, 2015**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

D85m Duarte, Cristiane Delfina Santos, 1981-  
A mulher original - produção de sentidos sobre a arqueóloga Niède Guidon /  
Cristiane Delfina Santos Duarte. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Celso Luiz Figueiredo Bodstein.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Guidon, Niède. 2. Arqueólogos - Brasil - Biografia. 3. Documentário  
(Cinema) - Produção e direção. 4. Parque Nacional da Serra da Capivara (PI). I.  
Bodstein, Celso Luiz Figueiredo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto  
de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The original woman - production of senses on the archaeologist Niède Guidon

**Palavras-chave em inglês:**

Guidon, Niède

Archaeologists - Brazil - Biography

Documentary films - Production and direction

Parque Nacional da Serra da Capivara (PI)

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Celso Luiz Figueiredo Bodstein [Orientador]

Carolina Cantarino Rodrigues

Ariane Porto Costa Rimoli

**Data de defesa:** 25-02-2015

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Celso Luiz Figueiredo Bodstein

celso Bodstein

Carolina Cantarino Rodrigues

Carolina Cantarino Rodrigues

Ariane Porto Costa Rimoli

Ariane Porto Costa Rimoli

Simone Pallone de Figueiredo

\_\_\_\_\_

Amarildo Batista Carnicel

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2015



## RESUMO

O presente trabalho busca a construção, em audiovisual e em texto, do perfil da arqueóloga Niéde Guidon, pesquisadora premiada e condecorada internacionalmente.

Atualmente com 82 anos, Niéde é neta de franceses e de um casal de militar brasileiro com índia Kaingang. Ela tem sido uma forte atuante em pesquisas e ações sociais na região do sudeste do Piauí desde 1973, quando visitou pela primeira vez sítios arqueológicos de pinturas rupestres encontrados por moradores da área, que a levaram, então, à formação da primeira missão Franco-Brasileira de pesquisas e, posteriormente, do Parque Nacional Serra da Capivara e da Fundação Museu do Homem Americano.

Com a captação em vídeo de mais de dez horas de entrevistas diretas com a pesquisadora e mais de 40 horas de material audiovisual, entre imagens e entrevistas com pessoas envolvidas em sua vida, seu trabalho e na construção do Parque Nacional Serra da Capivara, apresenta-se aqui um perfil de Niéde, administrando sua expressão pública controversa e tratando também dos sentidos produzidos na entrevistadora/documentarista; frutos deste processo sem o vínculo direto com a verdade e com maior interesse na manipulação estética dos sentidos e memórias.

As entrevistas são organizadas e comentadas em paralelo à polifonias de autores e participantes da vida da pesquisadora e funcionam como disparadores de reflexões sobre História, Política, Autoria e temas que perpassam os diálogos e as relações estabelecidas no processo de produção do documentário "A Mulher Original".

**PALAVRAS CHAVE:** Documentário, Perfil, Arqueologia, Niéde Guidon, Biografia



## **ABSTRACT**

This paper builds, with audiovisual and text, a profile of Niéde Guidon, an eighty two years old Brazilian archaeologist, granddaughter of french immigrants and a couple of a Brazilian army officer and a Kaingang native.

After building a strong career in research in France, in 1973 Guidon first visited archaeological sites of rock paintings in the southeastern region of Piauí–Brazil, found by residents of the area, which led her to the organization of the first French–Brazilian mission research, and later to the foundation of the National Park Serra da Capivara, the Museum of the American Man Foundation and a path of many social works around the park.

With over ten hours of direct interviews with the researcher, captured on video, and 40 hours of images and interviews with people involved in her life, her work and the construction of the National Park Serra da Capivara; also with citations of interviews conducted by different authors and institutions in recent years, I introduce a character profile and her public controversy image, dealing with the feelings and impressions developed on me as interviewer/documentarist, without the direct link with the truth and facts, but higher interest on handling aesthetic senses and memories of the process itself. Inspired by essays and literary journalism, the interviews will be arranged and discussed in parallel to the polyphony from various authors and participants in the life of the researcher.

The Original Woman intends to trigger thoughts on history, politics, authorship and themes that pervade the dialogues and the relationships established in the process of documentary production and construction of this text; assuming an establishment of exchanges and interactions between interviewer and interviewees, and also discussing the documentary production process.

**KEYWORDS:** Documentary, Profile, Niéde Guidon, Archaeology, Biography



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1 / CONTEXTO GERAL	16
• Sobre desconhecidos	16
CAPÍTULO 2 / NIÈDE GUIDON - CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E PASSAGENS	29
• Arqueologia I - Um contexto brasileiro	50
• Exílio - livres pensamentos	58
• São Raimundo Nonato	71
• Sobre o Piauí	75
• A Serra da Capivara	84
• Missão Franco-brasileira - Primeiras escavações	94
• Arqueologia II - O Boqueirão da Pedra Furada	107
• O Parque Nacional Serra da Capivara - Conflitos	120
• Territórios	129
• Protagonista dos Conflitos	135
• Quem quer viver no Piauí?	155
• Ser Social	161
• A Boa Escola	171
• Desenvolvimento	180
• O Futuro	188
CAPÍTULO 3 / DOCUMENTÁRIO - A MULHER ORIGINAL	196
• Imposições técnicas e a montagem	205
CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
ANEXOS	230



PARA GABRIEL.  
COM VOCÊ EU ME ENFRETEI.  
POR VOCÊ, TANTAS VEZES EU NÃO DESISTI.



## AGRADECIMENTOS

Deixei os agradecimentos por último, já que tanta gente me ajudou em tantas etapas deste trabalho. É curioso como neste processo, me senti extremamente solitária, mas ao mesmo tempo tão grata pela generosidade e apoio de tantas pessoas que me abriram as portas de suas casas, me trouxeram suas histórias, ideias, ensinamentos, caronas, doces de leite, amizade.

Começo agradecendo à minha mãe, Marina, minha estrutura; e ao Gabriel Duarte, meu marido, meu amor. Sei que estes dois tiveram que ser muito fortes e pacientes para me aturar nessa jornada. E nunca se recusaram.

Ao Gustavo, que acreditou no projeto, sempre foi uma ótima companhia e ajudou a fazer, com nossa pequena equipe de 2011, um trabalho que valia a pena ser concluído com dedicação.

À Juliana Meres. Sem sua ajuda com o projeto, eu nem estaria no mestrado; e Andreia Couto, que sempre surge para me ajudar.

À professora Vera Regina Camargo Toledo, uma grande motivadora, uma amiga, uma pessoa que iluminou meu caminho em muitos aspectos, e creio que uma das pessoas que mais conseguiu absorver meu entusiasmo por tudo que eu vi e vivi na Serra da Capivara.

Ao meu orientador, Celso Figueiredo Bodstein, que me deu a liberdade para criar e o tempo para amadurecer com meu trabalho.

Ao meu irmão, Fabrício Geraldo pela trilha sonora original, ao Felipe Gomide por gentilmente me deixar usar suas belas composições.

À Lena, minha sogra, e Ligia Struckel, por serem motivadoras, interessadas e pelas correções que tão prontamente se dispuseram a fazer.

Aos meus professores e a equipe do Labjor. Pessoas que trabalham, que acreditam e gostam do que fazem, que se dedicam e querem fazer a diferença.

Às equipes da ClimaCom e da ComCiência, com pessoas como a professora

Susana, que me motivam, ensinam, me deram espaço para me dedicar a este trabalho e me tiram do lugar comum a todo momento.

Aos meus irmãos, sogros, vó-sogras, cunhados, parentes e amigos, que apesar de sentirem e reclamarem de minha ausência, me dão a segurança e a vontade de correr pra eles quando tudo se concluir. (E além disso, muitas ideias e sugestões salvadoras vieram de vocês, não é, Camila e Roberta?).

Agradeço a todos que conheci em São Raimundo Nonato: à Rosa Trakalo, que atendeu meu primeiro contato telefônico com tanta atenção e disposição em ajudar, e foi minha última entrevistada. Aos motoristas (Lourival, Neto, James) e outros taxistas inspiradores, à Sirleide e ao Carlos Ribeiro; à Cléo, Gisele Felice; toda a equipe da FUMDHAM; Fátima Luz, minha primeira entrevistada, cujo falecimento, em 2014, foi uma triste notícia, Bete Buco, Fátima Barbosa, Beth Medeiros, André Pessoa e à equipe de guias da expedição à Serra das Confusões, Girleide; aos meus novos amigos: Vinícius, Rafael, Camila, Dimas, Arnaldo, Roberta, Élver; ao professor Éric Boëda, que me apresentou Hannah Arendt e me ensinou a lascar pedras. Ao Joãozinho da Borda (João Batista Dias), sua esposa Edith e sua filha Niéde, ao Nivaldo, dona Carmelita, Rogério, Adão, Nilson Parenti, Severino, Geraldo e Iracema. Ao Ernesto Guidon, Silvia Maranca, Vilma Chiara e Solange Bastos, que me receberam em suas casas e se dispuseram a falar por horas e responder generosamente às minhas perguntas até a luz se acabar. À Glória Tega e Flávio Calippo, por seu conhecimento e suas visões sobre arqueologia, e amor no que fazem, hospedagem e oportunidades; à Elizabeth Drévilion e aos professores Fábio Parenti, Elaine Ignácio e Conceição Lage; ao Pedro Gaspar, Pedro Pinho, Marco Del Fiol e à Minom Pinho. Aos professores e colegas que consultei sobre índios, sobre jornalismo e sobre a vida; em memória do vô Luís, o mais curioso sobre as viagens; e do meu pai...que eu bem sei que teria me ajudado e apoiado muito em tudo isso.

Finalmente, agradeço à doutora Niéde Guidon, que sempre me abriu as portas, respondeu meus emails, a todas as minhas perguntas, me levou ao seu mundo, me permitiu construir tudo isso. Doutora Niéde, muito obrigada por viabilizar todo este processo. Obrigada por me deixar contar um pouco de sua vida, obrigada por ser a mulher originária de experiências inesquecíveis. Como dizem lá em São Raimundo, "Quem fez Niéde Guidon, jogou a forma fora".

Sou muito feliz por conhecer todas essas pessoas, e tantas outras que fizeram deste caminho algo engrandecedor. Acho que cada uma delas renderia um bom filme.



## LISTA DE IMAGENS

- 1 - PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA. PIAUÍ, AGOSTO DE 2014. C.DELFINA. PG 1
- 2 - SLIDES DE FILMES FOTOGRÁFICOS DE ARALD SCHULTZ, ACERVO FUMDHAM E AUTORIZADOS POR VILMA CHIARA. PIAUÍ, AGOSTO DE 2014. C.DELFINA. PG 15
- 3 - NIÉDE GUIDON EM SEU ESCRITÓRIO. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 27
- 4 - NIÉDE GUIDON E SEU IRMÃO GILBERTO. ACERVO FUMDHAM. PG 28
- 5 - ESCAVAÇÃO REALIZADA PELA MISSÃO FRANCO-BRASILEIRA. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 49
- 6 - NIÉDE E AMIGOS. ACERVO FUMDHAM. PG 57
- 7 - CAMINHONETE QUEBRADA DURANTE PRIMEIRA VIAGEM AO PIAUÍ. ACERVO FUMDHAM. PG 57
- 8 - DECORAÇÃO DE RUA. FESTA DO PADROEIRO DA CIDADE: SÃO RAIMUNDO NONATO. PIAUÍ, AGOSTO DE 2014. C.DELFINA. PG 70
- 9 - ENTRADA DO HOTEL ONDE A EQUIPE SE HOSPEDAVA NAS PRIMEIRAS MISSÕES. PIAUÍ. ACERVO FUMDHAM. PG 75
- 10 - PAREDÃO ROCHOSO. PIAUÍ. JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 82
- 11 - CACTUS DA SERRA DAS CONFUSÕES. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 83
- 12 - NIÉDE GUIDON E SILVIA MARANCA EM VIAGEM. ACERVO FUMDHAM. PG 89
- 13 - VISTA DA SERRA DAS CONFUSÕES. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C. DELFINA PG 90
- 14 - BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C. DELFINA. PG 91
- 15 - PLANTAS. SÍTIO DO MOCÓ, PIAUÍ. JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 92
- 16 - ESCAVAÇÃO REALIZADA PELA MISSÃO FRANCO-BRASILEIRA. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 93

- 17 - PEDRA FURADA. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 106
- 18 - CAMINHO PARA SÍTIO ARQUEOLÓGICO. SÍTIO DO MOCÓ. PIAUÍ, 2013. C.DELFINA. PG 119
- 19 - VISTA DA SERRA DAS CONFUSÕES. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 128
- 20 - PASSARELAS DE VISITAÇÃO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA. PIAUÍ, AGOSTO DE 2014. C.DELFINA. PG 134
- 21 - SÍTIO DO MOCÓ VISTO DE CIMA. PIAUÍ, JUNHO DE 2013 C.DELFINA. PG 154
- 22 - ARARA DA FUMDHAM NO FINAL DA TARDE. PIAUÍ, AGOSTO DE 2014. C.DELFINA. PG 159
- 23 - TEIA DE ARANHA NA ESTRADA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA. PIAUÍ, OUTUBRO DE 2012. C.DELFINA. PG 160
- 24 - PRÉDIO DA ANTIGA ESCOLA DO SÍTIO DO MOCÓ, CRIADA PELA FUMDHAM. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 170
- 25 - TERRENO BALDIO NO MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO. PIAUÍ, OUTUBRO DE 2012. C.DELFINA. PG 179
- 26 - TERRENO ONDE SERIAM AS INSTALAÇÕES DO AEROPORTO SERRA DA CAPIVARA. PIAUÍ, MAIO DE 2011. GUSTAVO ALMEIDA. PG 187
- 27 - NIÉDE E FUNCIONÁRIO ESCAVANDO. ACERVO FUMDHAM. PG 195
- 28 - PEDRA FURADA. PIAUÍ, JUNHO DE 2013. C.DELFINA. PG 204
- 29 - NIÉDE EM VISITA À OBRA DO AEROPORTO SERRA DA CAPIVARA. PIAUÍ, AGOSTO DE 2014. C.DELFINA. PG 210



*1 - O sol escolheu meu olhar*

## **INTRODUÇÃO**

Niéde Guidon não é a mulher original. A mulher original também não é Eva nem nenhuma mulher que existe ou existiu. A mulher original é um ponto de partida. Neste caso para este texto que, aos poucos, se revelou mais do que isso: ela, a mulher original do título, é a origem, o processo e o fim, pois este trabalho se fez em instantes vivos. Niéde Guidon é a mulher desta concretude. Suas buscas também a conduzem a origens, e em meio às escavações de pessoas do passado, também busca, parece-me, as suas próprias: a avó índia, a mãe, a própria força, juventude e sua pátria.

Encontrei, finalmente, uma personagem cuja energia para ação me motivasse. Talvez para meu trabalho de documentarista, talvez para o desenvolvimento de minha consciência como mulher, enquanto cidadã ou como parte de uma grande sociedade pela qual sou também responsável. Tentando conhecer Niéde Guidon aprendi mais sobre política. Tentando conhecer uma mulher, aprendi um pouco sobre os índios, sobre o Brasil, sobre arqueologia, sobre jornalismo, sobre cinema e sobre relações pessoais. Aquisição de repertório, de novas alteridades e sensações.

Por que esta personagem?

Em busca de um tema para a consolidação de um projeto autoral como diretora de documentários, encontrei em Niéde os elementos que alimentam muitas de minhas questões pessoais. Após realizar um trabalho de gravações em diversos estados do Brasil, como assistente de direção de produções audiovisuais institucionais, fui parar na Serra da Capivara; e ao ouvir os “causos” sobre aquela arqueóloga que tanto fez no sudeste do Piauí, fiquei curiosa por ainda hoje existirem personagens “mitológicas” em nossa sociedade, aquelas que, automaticamente, nos remetem a grandes feitos e palavras problemáticas, impositivas e unilaterais, como *salvação e justiça*.

Decidi confrontar o que ouvi sobre Niéde Guidon com o que eu mesma veria e sentiria. Ouvi que ela é uma mulher brava, autoritária, guerreira. Que foi ameaçada de morte por defender animais, mulheres e patrimônios arqueológicos pré-históricos, que desenvolveu a cidade de São Raimundo Nonato, que é uma pessoa muito generosa e realista; ao mesmo tempo que não deixa ninguém entrar no Parque Nacional Serra da Capivara, e que foi insensível à cultura local ao fazê-lo. Li que as datações de mais de cinquenta mil anos, referentes à fogueiras encontradas próximas aos paredões das serras eram usadas para atrair a atenção de políticos e visitantes ao parque.

Muitos não sabiam se a pesquisadora é arqueóloga, antropóloga ou ativista, se é francesa ou brasileira; e por quais razões reais teria saído de Paris para mo-

rar no interior do Piauí. Nas matérias menos aprofundadas que encontrei, comparações a Indiana Jones, Chico Mendes e Jane Goodall me deixavam ao mesmo tempo mais intrigada e menos convencida de quem seria "mesmo" Niéde Guidon. Mas foi nesse "mesmo" que eu também me embosquei, e acabei perdendo bastante tempo buscando definir uma pessoa até me dar conta de que isso é impossível.

Não fui atrás de uma reportagem e nem a comando de instituições ou de editoras. Iniciei minhas pesquisas com questões próprias, e a estética do documentário e do jornalismo literário me trouxeram liberdade para lidar com minhas impressões. As implicações disso também serão aqui abordadas.

Considero três principais grupos de pessoas que sustentaram esta construção: o de relacionadas pessoalmente à Niéde Guidon, o das que a conhecem indiretamente e partilham de algo em comum com a pesquisadora (a ponto de se sentirem de alguma forma afetados por suas ações); e os que nunca ouviram falar em seu trabalho ou na Serra da Capivara.

Os que conhecem indiretamente Niéde Guidon são os que muitas vezes transformam a arqueóloga em uma entidade extremamente poderosa, onisciente, onipresente e com poderes quase sobrenaturais. Projeções próprias à estrelas de cinema, políticos, criminosos e outras personalidades influentes e poderosas. As ações de Niéde Guidon, arqueóloga e administradora, vão além das causas e consequências dentro de seu círculo direto de decisões e enfrentam questionamentos públicos em diferentes instâncias; políticas, científicas, ambientais e econômicas. Em parte porque refletem e afetam fortemente estes cenários, como foi o caso do processo de formação do Parque Nacional Serra Capivara, que ao ser transformado em Unidade de Conservação de proteção integral, sob o Código Florestal de 1934, desencadeou a desapropriação de centenas de famílias de agricultores descendentes dos primeiros exploradores de maniçoba<sup>1</sup> na região; em parte também por características peculiares ao meio acadêmico e social em que

---

1 planta da caatinga usada para produção de látex.

ela e seus pares estão inseridos, a arqueologia, uma ciência muito nova no Brasil, determinada por métodos de pesquisa divergentes se vindos dos Estados Unidos ou de países da Europa, e extremamente sujeita à asserções dos pesquisadores.

No universo das pessoas que conhecem e conheceram pessoalmente Niéde Guidon, meu desafio foi lidar com visões e histórias ora conflitantes, em busca de minhas melhores assertivas. São pesquisadoras e alunas, em sua maioria arqueólogas que trabalharam com ela em diferentes épocas, desde sua primeira viagem a São Raimundo Nonato até décadas recentes, guias e pessoas da cidade que prestaram serviços à Fundação Museu do Homem Americano, um de seus irmãos mais novos, Ernesto Guidon, filho do segundo casamento de seu pai, e jornalistas que escreveram livros aprofundados sobre Niéde e a Serra da Capivara, como a francesa Elizabeth Dré villon e a brasileira Solange Bastos.

Com Niéde Guidon interagiram pessoas que também trazem lindas histórias, como os mateiros, por exemplo, pessoas nativas da região, que conhecem como poucos as trilhas, as plantas e os animais. Alguns deles tiveram a generosidade de me receber em suas casas e me contar suas memórias.

Finalmente, aos que nunca ouviram falar nem dela e nem da Serra da Capivara, faz-se aqui o convite, em forma de texto e vídeo, para que conheçam uma personalidade com trânsito no hibridismo da ciência, política, e das afirmações sociais, e cujo trabalho deixa à vista vários tempos de Brasil. "Niéde é a memória do passado do Brasil" disse-me o professor Éric Boëda, francês, chefe atual da Missão Franco-Brasileira de pesquisas arqueológicas, professor da Université Paris X Nanterre, numa conversa após o jantar da equipe de alunos e pesquisadores em escavação.

Este trata-se, de fato, de busca por um perfil, de um recorte impressionista, e uma elaboração estética em que texto e documentário se complementam. Falar sobre uma cientista com ações políticas e humanistas no sertão nordestino expõe.

*"Assim, para se compreender a ciência, não bastaria observar seus produtos, como os papers; seria preciso abordar também, e principalmente, as atividades de rotina, os processos repetitivos, seu contexto e as interações entre os pesquisadores para compreender como, de fato, se dava a construção do conhecimento científico – compreendendo a ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2001) que também permeia a atividade científica. Temos aí duas representações de ciência (LATOURETTE, 2000): aquela acabada, de que se conhecem apenas os produtos e nada se sabe sobre seu funcionamento, e a ciência em construção, em que todas as etapas, inclusive resultados e conclusões, têm forte influência social, em que 'contexto e conteúdo se confundem' (2000, p.18), e também cuja divulgação permite conhecer, enfim, a forma como se produz conhecimento." (PASSOS, M. E BELDA, F. 2013, p.4)*

As bases pesquisadas selecionadas, trazem entrevistas em periódicos impressos, digitais, em texto e mídias audiovisuais foram:

### **Livros**

- +Le secret de la roche percée: Niède Guidon, le destin d'une aventurière, de Elizabeth Drévillon;
- +O paraíso é no Piauí: a descoberta da arqueóloga Niède Guidon, de Solange Bastos;

### **+Meios digitais**

- + Site Museu da Pessoa. A Arqueologia de Niède Guidon - publicado em 17/03/2008;
- +Roda Viva. Entrevistas com Niède Guidon de 17/11/2003 e 25/09/2014

### **Periódicos impressos**

- +Revista Caros Amigos, edição 193 de 2013;
- +Revista Piauí, edição 88 de 2014;

→Revista Trip, edição 135 de 2005.

As entrevistas diretas foram realizadas na residência da pesquisadora, em São Raimundo Nonato, Piauí; no Parque Nacional Serra da Capivara e dentro de seu carro em trânsito pelo parque nacional por ela comandado.

A primeira viagem a São Raimundo Nonato durou sete dias e ocorreu em maio de 2011, com uma equipe de 3 pessoas: eu, como diretora; Gustavo Almeida, como produtor e câmera; e Gabriel Duarte, também como câmera. No mês de outubro do ano seguinte, viajando para São Raimundo Nonato via Teresina, passei 6 dias gravando sozinha e mais 6 dias com equipe formada por mim, a professora Dra. Vera Regina Toledo Camargo, uma das coordenadoras do projeto Arqueologia e Divulgação Científica - Diálogos e Saberes, que teve grande influência e contribuição em meu trabalho; Ma. Glória Tega Calippo, como produtora e entrevistadora; e Me. Pedro Gaspar, como câmera. O material captado foi produzido pelo projeto “Arqueologia e Divulgação Científica, Diálogos e Saberes”, organizado pelo LABJOR - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e NEPAM - Núcleo de Pesquisas Ambientais, ambos da UNICAMP. As imagens foram cedidas para utilização neste documentário. O projeto - Arqueologia e Divulgação Científica, Diálogos e Saberes - venceu o Edital 2012 da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB.

A última viagem ocorreu em agosto de 2014, com a duração de 18 dias e novamente a captação foi feita por mim.

Os principais temas abordados nas entrevistas com Niéde Guidon foram sua infância, juventude, profissão, pessoas com quem se relacionou e se relaciona profissional e afetuosamente, e a polêmica das datações no Boqueirão da Pedra Furada. A pauta prioritária, no entanto, foi a respeito de suas pesquisas em arqueologia e de seu trabalho como responsável pelo Parque Nacional Serra da Capiva-

ra. Outros assuntos surgiram de forma espontânea, relacionados às suas vivências e saberes, e também foram incorporados ao documentário.

Perguntas aguardam respostas, e durante nossas conversas, insistia que Niéde trouxesse lembranças de sua infância e que descrevesse os membros de sua família e seus amigos. Econômica em adjetivos, pareceu-me sempre objetiva e sem afetações. Somente da infância ofereceu mais momentos marcantes e pessoais, daqueles que fizeram de sua família “só sua” e que não haveriam perguntas que me permitissem chegar àquelas respostas. Entendo essas memórias mais como cenas fotográficas em nossa mente; os registros pré-históricos de Flusser, que ao propor um glossário para uma futura filosofia da fotografia, define como Pré-história: “domínio de ideias, ausência de conceitos; ou domínio de imagens, ausência de textos.” (FLUSSER, V. 2011, p.19). São como informações lineares e descritivas, estão ali num vai-e-vem e interação conosco das mais diversas formas.

O que registro aqui provém da mesma fonte viva que outros autores abordaram e destes encontros diretos e indiretos, construo este perfil, que se torna uma memória de tantas memórias que agora se reorganizam sob meu olhar.

É preciso determinar se verdades são vistas como fatos (ARENDDT, H. 1997) e como as interpretações as constroem, cientes de que a constituição da verdade não gera necessariamente valores de honestidade intelectual, e esta precisa se fazer presente nestes relatos.

*"(...)Nenhuma opinião é evidente ou se impõe por si. Em matérias de opinião, mas não em matéria de verdade, o nosso pensamento é verdadeiramente discursivo, correndo por assim dizer, de um lugar para o outro, de uma parte do mundo para outra, passando por todas as espécies de pontos de vista antagônicos, até que finalmente se eleva das suas particularidades até a uma generalidade imparcial. Comparada a este processo, no qual uma questão particular é trazida com esforço ao dia claro, para poder mostrar-se sob todos os seus aspectos e em todas as perspectivas possíveis até estar inundada de luz e se tornar transparente para a plena luz da compreensão humana, a afirmação de uma*

*verdade possui uma singular opacidade. A verdade racional ilumina o entendimento humano, e a verdade de facto deve servir de matéria às opiniões, mas estas verdades, ainda que não sejam nunca obscuras, não são transparentes por isso, e está na sua própria natureza recusar-se a uma elucidação ulterior, como é da natureza da luz recusar-se a ser iluminada.*”(ARENDT, H. 1997, p.300)

Com esse pensamento estabeleci conexões e hipóteses de formulação de sentidos entre as entrevistas diretas feitas em suporte audiovisual e com outras entrevistas feitas com a arqueóloga Niéde Guidon em vários anos, por outros agentes-entrevistadores com diferentes abordagens e objetivos. Além disso, busquei a compreensão dos contextos políticos e sociais brasileiros do período retratado e coletei fotos de arquivo da Fundação Museu do Homem Americano.

Conforme já sugerido, na escrita desta dissertação serão estabelecidos diálogos com o pensamento de Hannah Arendt, que me foi apresentada pelo arqueólogo e atual chefe da Missão Franco-Brasileira Éric Boëda durante as penúltimas captações de campo. A escolha desta filósofa é importante por trazer uma visão de política liberta do que assistimos diariamente em nome das personificações políticas. Arendt é uma autora que, apesar de densa em seus longos parágrafos, traz em sua escrita (e também em registros sobre sua personalidade e história de vida) sua humanidade, tornando a leitura, para mim, quase que como um diálogo. No livro: "Entre o Passado e o Futuro", Arendt trata de política, História e tempo, trazendo nomes como Platão e Marx para discutir nossas responsabilidades no destino de nossa sociedade.

A fim de tratar das questões de autoria e dos discursos coletados para compor esta história, trago metodologias propostas por Eni Orlandi, uma vez que trabalhei com grande volume de entrevistas e discursos contrastantes, Michel Foucault em "A Ordem do Discurso" e "O que é um Autor", também para embasar um trabalho polifônico e "escavador" de memórias; e ainda autores que trabalham com o testemunho, como Márcio Seligmann e Suely Rolnick, cujo estilo de estrutura das produções a que tive acesso transitam entre a Ciência e a Literatura.

No livro *Uma Trajetória em Narrativas*, a antropóloga Suely Kofes faz o que chama de abordagem biográfica, ao remontar experiências de Consuelo Caiado, uma mulher de família tradicional de Goiás, nascida em 1899, que abdicou de sua vida social e passou a viver em reclusão até sua morte, em 1981. Para narrar essas experiências, Suely usou e problematizou relatos orais de pessoas que a conheciam e documentos relacionados à Consuelo. “(...) *escrevo sobre o que pode ser construído, tecido através das indagações sobre uma pessoa. (KOFES, S. 2001, p.22)*. Segundo Kofes, os relatos de outros sobre sua personagem “biografada”, traziam elementos sobre ela, sobre valores, política, histórias de vida dos próprios relatantes e dos locais que descreviam, e introduz a etnobiografia como uma proposta de se verificar a narrativa biográfica como experiência etnográfica.

No caso deste trabalho, temas recorrentes nas entrevistas com Niéde Guidon foram amarrando a construção de seu perfil, como política, educação e ditadura. As entrevistas coletadas buscavam também a construção de sua trajetória de vida e trabalho na Serra da Capivara, ao mesmo tempo em que eu mesma discutia o processo de construção deste texto.

As abordagens sobre documentário seguirão textos de Fernão Ramos, Bill Nichols, Hélio A. Godoy de Souza, Sérgio Puccini e principalmente a experiência de Eduardo Coutinho, aquele que leva a extremos as fricções das teorias do cinema documental, culminando numa integridade do gênero, não mais subjugado à aplicação de teorias formais de análise e validação, mas como livre exercício de captação e edição de imagens e de discursos. A atividade documentária, é sabido, não pode estar baseada em uma pretensa neutralidade ético-normativa para seus autores. Ela pode ser crítica e imbuir-se de criticismos diante de seu próprio fazer. Busquei, assim, a formulação de um produto autoral que unificasse sensações, memórias e atributos audiovisuais.

Puccini traz um livro rico em exemplos de processos de elaboração de roteiros e opções por sistematizar essa etapa do processo de produção documental, enquanto Fernão Ramos e Bill Nichols são bases respeitáveis para se apoiar

quando necessárias algumas justificativas e posicionamentos diante de opções estéticas, éticas e históricas para atribuições formais de uma produção; finalmente Helio Godoy traz o elo entre jornalismo e documentário, necessários também neste projeto, que transita entre gêneros de escrita e pragmatismo.

Comecei e termino este trabalho por admiração e considero como outro de meus propósitos: fazer notar não apenas a personagem, mas os chamados mateiros e a Serra da Capivara. Mais do que isso: instigar leitores a irem atrás de seus próprios sentidos. Não tenho um compromisso com a verdade institucionalizada, tenho sim, com a comunicação e com a expressão de minhas experiências. *“Os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas nas relações com as exterioridades, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções do sujeito.” (ORLANDI, E. 2005, p.30).*

Cabe a nós, pesquisadores e insatisfeitos, buscar sempre mais repertório para visualizar as diversas formas de compreender tantos ângulos que a História possui, mas que, muitas vezes, por diversas obras, oculta.

Ao ler e tentar descrever os eventos passados, muitas vezes parece-me que, por serem mais objetivas, as memórias coletivas (SIMSON, O. 2000) são quase dicotômicas e extremistas, como se houvessem trincheiras separando pessoas e territórios, e as pessoas do passado tivessem muito claro seu lugar no mundo, suas crenças, valores e objetivos. Deveriam ser mais sábias que nós, que *“vivemos, quase que cotidianamente em crise; crise da economia, especialmente a do desejo, crise dos modos que vamos encontrando para nos ajeitar na vida. Mal conseguimos articular um certo jeito e ele já caduca. Vivemos sempre em defasagem em relação à atualidade de nossas experiências” (ROLNICK, S. 1996, p.11)*

A filósofa política Hannah Arendt, que muito discute as abordagens e processos de construção e interpretação da História, no ensaio: "O conceito de História: Antigo e Moderno" traz um conceito "primeiro" de História, e como ele foi sendo processado ao longo dos anos, passando da busca pela imortalidade na antiguidade greco-romana à contemplação e à instrumentalização do *homo-faber*, que

levou à uma padronização não só de coisas, mas de pessoas alinhadas para fins específicos, como a fabricação de um futuro ideal, através do que ela pontua como o grande salto conceitual para a História moderna, que é o processo.

*“(...) Conhecemos a curiosa ausência de sentido que surgem em última instância de todas as filosofias estritamente utilitaristas tão comuns e características da primeira fase industrial da época moderna, quando os homens, fascinados pelas novas possibilidades de manufaturar, pensavam todas as coisas em termos de meios e fins, isto é, categorias cuja validade obtinha sua origem e justificação na experiência de produção de objetos-de-uso. O problema está na natureza do quadro de referência categórico de meios e fins, que transforma imediatamente todo fim alcançado nos meios para um novo fim, como que destruindo assim o sentido onde quer que este se aplique, . até que, no decurso do aparentemente interminável questionar utilitarista: "Para que serve...?", em meio ao aparentemente interminável progresso onde a finalidade de hoje se torna o meio de um amanhã melhor, surge a única questão que nenhum pensamento utilitarista pôde jamais responder: "E para que serve servir?", como o colocou Lessing de modo sucinto certa vez." (ARENDDT, H. 1997, p.112)*

Muitas vezes, a atribuição de objetivos finais como sentido das ações pode tirar dessas ações sua humanidade e a grande variedade de conflitos, emoções, intenções imediatas e memória que carregamos conosco a cada ato efetivo, ato este, que leva ao registro do evento mas pode não levar ao reconhecimento do humano em cada tempo. A superficialidade que os enquadramentos em grupos de mesma situação econômica, étnica, religiosa, intelectual, cultural promovem deixa de lado as nuances, escolhas e pontos de vista que constroem cada indivíduo,

perdido em suas “ferramentas” automáticas (ARENDR<sup>2</sup>, 1997) e naturalizadas (ORLANDI<sup>3</sup>, 1994).

Uma vida que serve de exemplo é um caminho trilhado que cruzou com outros caminhos e enfrentou suas sortes à sua maneira. Não é História, são vidas que fazem nossa sociedade e a maioria dos sentidos não consegue ser passado através de uma palavra seguida de outra.

Quanto mais sabemos sobre a vida de alguém, mais carente ou cheia de lacunas se torna a História. Nietzsche já questionava sua utilidade: "Quantas diferenças é preciso negligenciar, para que ela faça aquele efeito fortificante? Com que violência é preciso meter a individualidade do passado dentro de uma forma universal e quebrá-la em todos os ângulos agudos e linhas, em benefício da concordância!" (NIETZSCHE, 1983. p.58), e Arendt, ainda no prefácio do texto "Entre o Passado e o Futuro", inicia sua involuntária contribuição com este texto que aqui se constrói, trazendo sua forma de lidar com ela, a História:

*"(...) Caso fosse preciso escrever a história intelectual de nosso século, não sob a forma de gerações consecutivas, onde o historiador deve ser literalmente fiel à sequência de teorias e atitudes, mas como a biografia de uma única pessoa, não visando senão a uma aproximação metafórica do que ocorreu efetivamente na consciência dos homens, veríamos a mente dessa pessoa obrigada a dar uma reviravolta não uma, mas duas vezes: primeiro, ao escapar do pensamento para a ação, e a seguir, quando a ação, ou antes, o ter agido, forçou-a de volta ao pensamento. Seria, pois, de certa importância observar que o apelo ao pensamento surgiu no estranho período intermediário que por vezes se insere no tempo histórico, quando não somente os historiadores futuros, mas também os atores e testemunhas, os vivos mesmos, tornam-se*

---

2 "A verdade é que o automatismo é inerente a todos os processos, não importa qual possa ser sua origem: é por isso que nenhum ato, nenhum evento isolado, podem jamais, de uma vez por todas, libertar e salvar um homem, uma nação ou a humanidade. É da natureza dos processos automáticos a que o homem está sujeito, porém no interior dos quais e contra os quais pode se afirmar através da ação, só poderem significar ruína para a vida humana. Uma vez que processos históricos e artificiais se tenham tornado automáticos, não são menos destruidores que os processos vitais naturais que dirigem nosso organismo e que em seus próprios parâmetros, isto é, biologicamente, conduzem do ser para o não-ser, do nascimento para a morte." (ARENDR, H. 1997. p.217)

3 "Pela ideologia se naturaliza o que é produzido pela história; há transposição de certas formas materiais em outras. Há simulação (e não ocultação de conteúdos) em que são construídas transparências (como se a linguagem não tivesse sua materialidade, sua opacidade) para serem interpretadas por determinações históricas que aparecem como evidências empíricas." (ORLANDI, E. 1994, p.57)

*conscientes de um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda. Na História, esses intervalos mais de uma vez mostraram poder conter o momento da verdade.” (ARENDDT, H. 1997, p.35)*

*“A História como uma categoria de existência humana é, obviamente, mais antiga que a palavra escrita, mais antiga que Heródoto, mais antiga mesmo que Homero. Não historicamente falando, mas poeticamente, seu início encontra-se, antes, no momento em que Ulisses, na corte do rei dos Feácios, escutou a estória de seus próprios feitos e sofrimentos, a estória de sua vida, agora algo fora dele próprio, um “objeto” para todos verem e ouvirem. O que fora pura ocorrência tornou-se agora “História”. Mas a transformação de eventos e ocorrências singulares em História era, em essência, a mesma “Imitação da ação” em palavras mais tarde empregada na tragédia grega, onde, como Burckhardt certa vez observou, “a ação externa é oculta do olho” através do relato de mensageiros, embora não houvesse absolutamente nenhuma objeção em mostrar o horrível”. A cena em que Ulisses escuta a estória de sua própria vida é paradigmática tanto para a História como para a Poesia; a “reconciliação com a realidade”, a catarse, que segundo Aristóteles era a própria essência da tragédia, constituía o objetivo último da História, alcançando através das lágrimas da recordação. O motivo humano mais profundo para a História e a Poesia surge aqui em sua pureza ímpar: visto que ouvinte, ator e sofredor são a mesma pessoa, todos os motivos de pura curiosidade e ânsia de informações novas, que sempre desempenharam, é claro, um amplo papel tanto na pesquisa histórica como no prazer estético, acham-se naturalmente, ausentes do próprio Ulisses, que se teria enfastiado mais que comovido se a História não passasse de notícias e a Poesia fosse unicamente entretenimento. (...)” (ARENDDT, H. 1997, p.74)*



*2 - (...) posso ver o que tem nessa mesa?*

## CAPITULO 1 – CONTEXTO GERAL

### SOBRE DESCONHECIDOS

*Niéde - Eu tenho uma avó que era índia, uma Kaingang que o meu avô, que era militar, roubou na tribo. (...) Tenho família em Jaú, tem na França, tem na Suíça, tem na Itália, porque a família do meu pai é lá do alto da montanha. Viviam ali naquela região que são os três países (...) então eu devia viver nua na neve! (...)<sup>4</sup>*

---

4 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011 e outubro de 2012

Ducado de Savóia, estado independente mas fortemente disputado. Delineado pelas fronteiras entre Itália, França e Suíça, uma área de maciços cobertos de neve que engloba o que hoje conhecemos por Piemonte e Savóia. Cultura franco-italiana com influências suíças. A capital, Chambéry,

*“(...) não está apenas presente na história do pensamento e da cultura do século XIX como cidade onde atuou Rousseau e que foi palco de correntes que prepararam a Revolução Francesa. Foi também cidade que se caracterizou pelo movimento oposto, contra-revolucionário e restaurador reacionário, porém influente no pensamento conservador do Romantismo.” (BISPO, A. 2005, p/)*

Durante a metade do século XIX e o longo processo de unificação italiana, enfraquecidos por invasões austríacas, Savóia e Nice são incorporados à França pelo tratado de Turim em troca de apoio bélico para combater os invasores e para fortalecer o processo de unificação em outras regiões. Em meio a estes conflitos e à crescente industrialização que gerava desemprego e instabilidade política, iniciam-se fortes movimentos de incentivo à emigração para o novo continente, onde eram ofertadas terras férteis e "boas" condições de trabalho<sup>5</sup> em troca de mão de obra, cultura e civilidade brancas para garantir a dominação das propriedades num momento de abolição da escravidão e crescimento da agricultura cafeeira.

Muitos navios chegavam ao Brasil trazendo europeus que desciam em nossas cidades portuárias ou seguiam para a Argentina. Conhecemos a história dos colonos italianos que imigravam para trabalhar nos latifúndios. Em menor escala chegaram alemães, japoneses, portugueses e espanhóis, mas vieram também outras nacionalidades menos mencionadas, como a francesa.

Na França, assim como nos outros países, as propagandas sobre o novo continente também eram efetivas, mas a importância da França para a coloniza-

---

<sup>5</sup> Que, não sendo bem a realidade encontrada, levou os governos francês e, posteriormente, italiano a proibirem os contratos de emigração a partir de 1875.

ção brasileira não se deve tanto à ocupação, e sim à forte influência cultural - intelectual que aqui se disseminaria.

*"A propaganda da colonização do Brasil tal como se espalhou na França em meados do século XIX dirigia-se a uma emigração de massa e tinha como chamariz a possibilidade do colono se tornar proprietário (...). Parte desse debate deu substância à idade de ouro da Revue de Deux Mondes<sup>6</sup>: entre 1830 e 1880 foram publicados 407 artigos sobre o Brasil (...)" (SILVA, opt. cit. apud VIDAL e DE LUCA. 2009. p.20 )*

*"As expropriações dos índios são uma das conseqüências naturais da conquista como a compreendem os fiéis súditos de sua majestade, o rei de Portugal, os [da casa] de Algarves e de Orleans.<sup>8</sup>*

*Um viajante francês, M. Auguste de Saint Hilaire, que visitava a província do Rio de Janeiro em 1816, conta que ele encontrou um dia, próximo à capital, uma delegação de índios que iam pedir ao rei D. João VI a autorização para conservar em suas antigas florestas um pedaço de terra de mil metros quadrados, onde eles pudessem construir um vilarejo e se colocar ao abrigo da invasão dos colonos. Essa tribo, pertencente aos índios Coroados onde se encontram ainda hoje alguns remanescentes no Vale do Alto Paraíba, ocupavam ainda quase todo o vale do rio. Antes de resolverem ir ao encontro de sua majestade real, eles tinham ido procurar o chefe da província, o Barão de Ubá, e um deles fez o seguinte discurso: "Esta terra é nossa, e são os brancos que a ocupam. Desde a morte de nosso grande capitão, nos caçam por todos os lados, e não temos nem mesmo espaço para poder repousar nossa cabeça. Diga ao rei que os brancos nos tratam como cães, e rogue-lhe para que nos dê o terreno para que possamos construir um vilarejo." (D'ASSIER, A. Revue des Deux Mondes. mai/juin 1863. p.562)*

---

6 "On August 1st, 1829 François Buloz created the Revue des Deux Mondes. It was the first "modern" publication of the 19th century." (traduzido pela autora)

7 Em pesquisa recente (junho/2013) no site da revista, ainda em circulação, encontrei dezoito artigos.

8 "Ces expropriations d'Indiens sont une des suites naturelles de la conquête telle que la comprenaient les fidèles sujets de sa majesté le roi de Portugal, des Algarves et de l'Océan. Un voyageur français, M. Auguste de Saint Hilaire, qui visitait la province de Rio-Janeiro en 1816, raconte qu'il trouva un jour à quelques lieues de la capitale une députation d'Indiens qui allait demander au roi dom João VI l'autorisation de conserver dans les vieilles forêts de leurs aïeux une lieue carrée de terrain où ils pussent bâtir un village et se mettre à l'abri de l'envahissement des colons. Cette tribu qui appartenait aux Indiens coroados (Indiens couronnés), dont on retrouve encore quelques débris sur le Haut-Parahyba, occupait alors presque toute la vallée du fleuve. Avant de se résoudre à affronter la majesté royale, ils étaient allés trouver le chef de la province, le baron d'ubá, et l'un d'eux lui avait tenu ce discours: "cette terre est à nous, et ce sont les blancs qui l'occupent. Depuis la mort de notre grand capitão, on nous chasse de tous côtés, et nous n'avons pas même assez de place pour pouvoir reposer notre tête. Dites au roi que les blancs nous traitent comme des chiens, et priez-le de nous faire donner du terrain pour nous puissions y bâtir un village" (traduzido por Andreia Couto)

*"(...) Igualmente, o francês, por todo o império continuou a estar presente no Brasil, já agora, através de forte influência 'intelectual'. Se do ponto de vista imigratório, formando núcleos sua importância é pequena ou quase nula, no campo das ideias sua participação foi bem significativa. Da França chegou a orientação da leitura de obras literárias e científicas; também nos mandou ideias de liberdade e igualdade entre os homens" (VIDAL e DE LUCA. 2009. p.20)*

Em meio às crises econômicas, europeus deixavam suas casas e embarcavam em navios emigratórios como medida desesperada para garantir o sustento de suas famílias. Outros enxergavam nos novos Estados da América do Sul oportunidades empreendedoras, aventureiras, de pesquisa e exploração (em todos os sentidos). Para citar alguns exemplos, o navio expedicionário Beagle trouxe o Inglês Charles Darwin na metade do século XIX. Em 1824 aportava no Rio de Janeiro a fragata Maria Thereza, trazendo o inventor e precursor da fotografia Hércules Florence, que veio a se estabelecer em Campinas, interior de São Paulo e, posteriormente, chegava da Alemanha o etnógrafo Curt Unckel, batizado Curt Nimuendajú pelos Guarani - Ñadeva para estudar e dedicar-se integralmente às culturas indígenas brasileiras.

Sud America, Sempione, Savóia. Em algum desses e outros navios, a História encaixotou tantas vidas diferentes. Entre alguns desses nomes que vez ou outra emergem nos registros e memórias de novas gerações, saberemos que aportou no Brasil Josef Guidoni<sup>9</sup>, e com destino certo para a ampliação de seus negócios, dirigiu-se ao interior paulista. Guidoni era importador de azeites, vinhos finos italianos e franceses que abasteceu hotéis e restaurantes elegantes nas recepções de elite da cidade de Jaú, enviando à Europa o valorizado café que era cultivado naquelas redondezas de terras férteis do pólo agrícola e urbanizado fundado em 1853.

Jaú fica no noroeste do estado de São Paulo. Cidade muito próspera no final do século XIX, após o declínio do café mudou seu foco econômico e é hoje co-

---

9 Cujos descendentes usariam o sobrenome Guidon, sem o último "i".

nhecida como a “capital do calçado feminino”. Muito distante, no entanto, das riquezas de outrora. O acesso à cidade é tranquilo pelas rodovias Engenheiro Paulo Nilo Romano ou Washington Luís. De asfalto azul escuro, bem conservado e brilhante, as margens da estrada são cercadas e delimitam plantações de cana e largos pastos. Portões indicam os nomes das propriedades e placas anunciam cachoeiras em diversos pontos das cidades de Brotas, Itirapina, Torrinha. Passando a entrada da cidade, uma longa ponte atravessa o rio Tietê levando placidamente os viajantes a Bauru e outras cidades adentro com o único transtorno: os altos preços dos pedágios.

Não foi com essa tranquilidade que temos hoje que Josef Guidoni, sua esposa Angela Povero e filho Ernesto (fossem eles sobreviventes, aventureiros ou empreendedores) chegaram a seu destino. Aqueles que aportavam em Santos e chegavam à capital, podiam ir de trem até Campinas e, à partir de 1876, quando a ferrovia estendeu seus trilhos, chegava-se até Rio Claro. Restava ainda um longo trecho de mais de 150 quilômetros de terra. Outra opção era o caminho fluvial pelo rio Tietê até o porto Iguatemi, que distava mais ou menos trinta quilômetros da cidade de Jaú.

A neve até já evaporara dos casacos e o sol sem sombra cozinhava os corpos como charque salgado pela maresia. As dunas de sal e areia, em breve seriam vermelhas e verdes, e cobririam o ar com a névoa erguida pelos cascos dos cavalos, tropegamente nos degraus e picadas. Faziam tudo chacoalhar sem descanso até o terreno de terra roxa do município de Jaú, a “mina de ouro” dos cafeicultores.

Não seria estranho supor que inspirado pelas dificuldades da viagem, Guidoni possa ter pensado em maneiras mais confortáveis de transitar pelos sertões paulistas, mas fato é que logo iniciou a fabricação de carroças para transporte de mercadorias e pessoas, e assim garantia sua participação de vanguarda na economia da região. Assumiu o Brasil como casa e garantiu, assim, a estabilidade financeira de sua família.

Jaú, que para os recém chegados europeus era um livro em branco a ser escrito graças a Estrada de Ferro Rio Claro e à agricultura cafeeira, na realidade não era nem um livro sem registros, nem branco.

Zona de conflitos entre índios e bandeirantes no séculos XIX, há quinze mil anos o noroeste paulista já poderia ser habitado por índios (PINHEIRO, N. 2004). Tem-se notícias de índios Kaingang no Estado de São Paulo desde 1773 (CRUZ, L.2007), mas mais ao sul do país, já vinham sendo molestados por jesuítas espanhóis, militares e bandeirantes desde o século XVII (VEIGA, J. 1994).

Os Kaingang, também conhecidos como Coroados, são um povo que habitou abundantemente as regiões sul e sudeste do país e se "aparentavam" até o território argentino. Pertencem à família Jê e se caracterizam por serem caçadores coletores que complementam sua alimentação plantando milho, mandioca, feijão, moranga entre outros alimentos. Produzem artesanato cerâmico, lítico<sup>10</sup>, de madeira e tecelagem com fibras vegetais. É um povo religioso e dedicado a seus mortos através de rituais e da festa do Kiki, bebida à base de um pinheiro, mel e canjica consumida em abundância nos funerais e cerimônias póstumas com o objetivo, aqui bem simplificado, de apaziguar as almas.

A estrutura social Kaingang se divide em dois grupos, os Kañerú e os Kamé, complementares. Das notas do etnólogo Curt Nimuendajú<sup>11</sup>, vislumbramos um pouco da cultura deste povo.

*"A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles tem a cor de terra. Numa serra no sertão de Guarapuava<sup>12</sup>, não sei bem aonde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou embaixo da terra onde eles permanecem até agora, e os que cá em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por*

---

10      feito de rochas.

11      etnólogo alemão naturalizado brasileiro, que percorreu o Brasil estudando diversas tribos indígenas por 40 anos.

12      cidade do interior do Paraná.

*dois irmãos por nome Kañerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Kañerú e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais, e que povoaram a terra com os seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo que não pertença ao clã de Kañerú ou ao clã de Kamé. Todos ainda manifestam a sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos seus traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã Kanerú é malhado, o que pertence ao clã Kamé é riscado. O Kaingang reconhece estas pintas tanto no couro dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas ou na madeira das plantas (...)" (NIMUENDAJÚ, C. 1993. p.58).*

Quando a caça e pesca escasseavam, as tribos se mudavam queimando a área antiga, mas hoje vivem em cerca de 30 aldeias espalhadas pelo sul e sudeste do Brasil, que divide uma população aproximada de 34 mil pessoas (FUNASA, 2009); um dos cinco povos indígenas mais populosos no país (PORTAL KAINGANG, 2010). Sem espaço suficiente para exercer seus costumes, os índios Kaingang tiveram de adaptar sua organização social às condições territoriais impostas e não aos caminhos percorridos por sua própria cultura.

Por volta de 1900, com as Bandeiras efetivamente alcançando o oeste paulista, os Kaingang dessa região começaram a ser perseguidos por bugreiros (os caçadores de terras e assassinos que as vendiam aos grileiros), e esses aos colonos e pecuaristas. A população de índios foi quase exterminada na massiva ocupação das terras pela agricultura cafeeira e construção das estradas de ferro. Houve muita luta, milhares de pessoas foram reduzidas a duas ou três centenas graças às doenças trazidas pelo homem branco e às armas de fogo que superavam as “armas primitivas”, estas mais úteis à manutenção da vida e pouco eficientes para o acúmulo da morte.

Os bravos Kaingangs ainda possuíam energia para a guerra, mas já estavam em número tão reduzido e condições de vida tão ruins que necessitavam

cada vez mais de uma medida governamental prática para impedir seu extermínio completo. Originalmente, o império não incentivava (mas também não impedia) o massacre<sup>13</sup>, mas já estava ciente de que os conflitos não se resolviam e que a imagem do país para a Europa, capitalista e humanista há tempos, já estava comprometida.

Em 19 de março de 1912 o primeiro grupo Kaingang se entrega à “Pacificação”, processo de contato e integração entre brancos e índios imposto pelo SPI - Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1910.

*“O momento da ‘pacificação’ (...) marca o início da implantação, entre os Kaingang, de valores da sociedade envolvente e de vantagens econômicas para os civilizados. Para grileiros, posseiros e criadores de gado, a melhor solução era o índio desaparecer de vez. Concordavam que o Estado deveria intervir na questão indígena, mas na prática achavam que era deles o monopólio do ‘chamamento’. Nesse mesmo caso também se encontravam os padres, pois queriam retomar para si a mediação entre índios e civilizados. Um terceiro grupo era formado pelos imigrantes, que chegavam aos milhares no porto de Santos, esperançosos de possuir um torrão do qual pudessem sobreviver. Suas opções eram a submissão aos fazendeiros ou a tentativa de um negócio próprio, disputando com os indígenas uma fração da terra. Após a pacificação dos Kaingang, a violência sobre os índios continuou, embora, sua ênfase tenha se deslocado do genocídio para o etnocídio.” (PINHEIRO, N. 2004)*

Neste contexto tenso de convivência entre brancos e índios, o militar André Avelino de Oliveira, descendente de nobres portugueses e recém regresso da guerra do Paraguai (onde tornou-se admirador das mulheres nativas sul-americanas), num dia de sol pesado, ou talvez numa noite seca e gelada, esgueirou-se

---

13 A partir do século XVI, medidas legais eram enviadas para regulamentar as relações entre brancos e índios: o Diretório dos Índios, assinado para os estados do Maranhão e Pará pelo rei de Portugal em 1757 e tornado nacional em 1758, garantia a "liberdade" do índio como cidadão da colônia, se incorporado à civilidade branca e incentivava a miscigenação, mas foi revogado em 1798 devido aos abusos cometidos pelos diretores instituídos às aldeias. Também neste período até 1831, cartas régias eram enviadas autorizando a realização de guerras justas (SPOSITO, 2006) contra índios bravos que não se submetessem à ordem civil. O "Regulamento acerca das missões de catequese e civilização dos índios" de 1845 também estabelecia que a relação deveria ser pacífica, mas sempre pouco eficiente na garantia da liberdade cultural e territorial desses nativos. Em paralelo às "orientações imperiais", conflitos ocorriam.

em uma tribo das redondezas de Jaú e raptou uma índia Kaingang. Mais uma menina que se separava de seu nome e de seu direito de ser índia de corpo, espírito e rotina. Seria ela Kañerú ou Kamé?

O novo mundo da jovem se chamava Bertolina Avelino de Oliveira. "Renascida" aos 14 anos para ser educada até ficar "madura" para o matrimônio, aos 17. Embora em seu registro de óbito conste como filha de Maria Delfina de Oliveira e Sebastião Viana Barcellos, o que sugere que já poderia se chamar Bertolina antes do matrimônio e que sua tribo já poderia estar aldeada e civilizada, o sobrenome da mãe é o mesmo do noivo: André Avelino de Oliveira, e membros mais novos da família não possuem recordação de nenhum parente de Bertolina, o que deixa a pista de que os pais da noiva possam ter sido registrados somente para viabilizar o casamento.

O cenário de encontro deste casal não alimenta suposições românticas de sua união. Também me pareceram raros os registros mais específicos de condições em que casamentos realizados entre civis e índios ocorreram. Devo ressaltar, porém, que as relações positivas que podem já ter ocorrido entre índios e brancos são pouco valorizadas nos registros que busquei. Silvia Borelli, por exemplo, registra que já houve um momento em que territórios eram relativamente respeitados:

*(...) Aí estava um sinal de harmonia entre índios e civilizados. E prosperavam os retireiros sem largamente derribarem a mata. Viviam aparentemente felizes os caingangues sem ser molestados. Assim foi até uns benditos Pintos Caldeira ferirem e mataram alguns índios quando estes roubavam milho na roça, atividade que não constituía nada de novo e nem revoltante aos outros moradores brancos mais inteligentes e mais humanos (...) (BORELLI, 1984 p.63 apud CRUZ, L 2007 p.63)*

Apesar de a miscigenação ser frequente e evidente até hoje na população brasileira, os contextos descritos e documentados parecem se fixar nos eventos de abuso e violência e, apesar de compreender e concordar que são os conflitos

que mais precisam ser discutidos, fico com a predominante impressão de que a maioria dos filhos de brancos e índios vieram de situações de coerção. Foi somente assim?

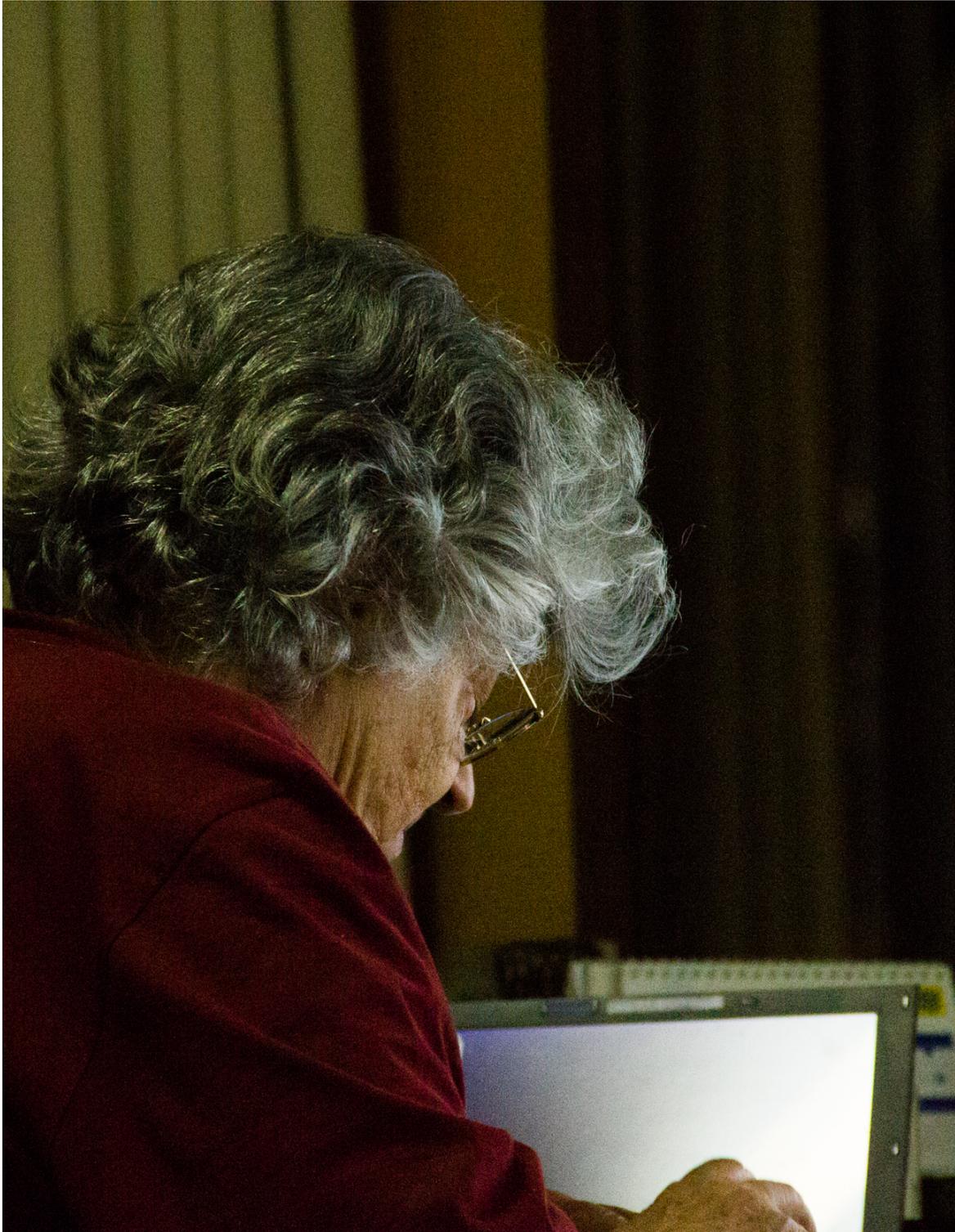
Militares roubavam índias, o interesse nas terras das reservas também levava a matrimônios, a incorporação condicionada dos índios à nação cristã brasileira era incentivada, mas não necessariamente recíproca. *"O etnocentrismo do ocidente cristão aliado à ideia de progresso restrito ao aspecto tecnológico, contaminou frentes pioneiras, que agiram como disseminadoras dessas ideias e da memória oficial, desacreditando conhecimento e práticas indígenas"* (PINHEIRO, N. 2004)

Com ou sem amor, militar e índia tiveram filhos e viveram na rua 13 de maio, centro de Jaú, onde cultivaram árvores frutíferas e uma horta. Bertolina tornou-se uma civil exemplar, cristã, educada e de "bons modos". Acordava e cuidava da alimentação de seus filhos, mas por opção nunca comia junto da família, comportamento curioso para se relacionar às observações feita por Phillippe Oliveira, pesquisador da etnia Kaingang *"(...) podemos perceber o importante papel desempenhado pelas mulheres indígenas na construção dos corpos e dos sujeitos sociais em diferentes sociedades. A comida possui um lugar importante nesse processo, uma vez que o compartilhamento diário de substâncias (ou, pode-se dizer, alimentos) possui tanta importância na constituição dos laços sociais e de parentesco nessas sociedades."* (OLIVEIRA, P. 2008. p.5).

Após a primeira refeição, a jovem índia saía para o quintal, acompanhando todas as atividades com as plantas e animais da propriedade. Sua natureza era transmitida através dos ensinamentos práticos que passou aos descendentes, a coragem, disciplina e força de adaptação e, mesmo que sob a persona burguesa e sempre vigiada por todos, talvez seu espírito fosse livre.

Toda a complementaridade descrita dos indígenas, através dos contrastes entre os clãs e atividades divididas entre os gêneros, sem o estabelecimento de uma hierarquia, mas sim com a valorização e reconhecimento da interdependência entre os seres e desses para com a terra, a compreensão das doenças e cu-

ras, o direito de, ao morrer, retornar à terra onde se tornou pessoa Kaingang para ter seu espírito descansado, a interpretação dos ventos e sons dos animais que aprendeu serem as ordens do mundo; tudo isso ficou para fora dos muros de sua propriedade e submissão. Tudo estava fora de suas saias. Talvez Bertolina não tivesse nem a quem perguntar o porque, pois o que se sabe é somente que assumiu esses muros e a família que a vida lhe trouxe, cuidou da casa, dos filhos e do marido. Talvez (e tomo a liberdade, aqui, de supor) sua sorte não deixasse de ser parte da natureza e ela tenha compreendido mais do que nós hoje interpretamos, através de nossa imaginação e conceitos, dos registros e matérias desses tempos recortados.



*3 - O trabalho mais pesado.*



*4 - As roupas engomadas.*

## **CAPÍTULO 2 - NIÉDE GUIDON**

### **CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E PASSAGENS**

De exportadores de café a índios, vemos em uma pequena família do interior de São Paulo, um microcosmo das forças econômicas e sociais que estruturaram nossa nação com a chegada de tantos navios nos sucessores séculos cristãos até os dias de hoje. Mas a vida não aceita generalizações.

As experiências da família Guidon levaram ao nascimento e formação de uma arqueóloga chamada Niéde, que acrescentará barcos à história dos que já estavam aqui.

Nas ruas da cidade bem calçada do centro do estado mapeado de São Paulo, conheceram-se a estudante de magistério Cândida Vianna de Oliveira e Ernesto Guidon. Este casamento foi por amor, mas a união não foi abençoada pelo pai da moça (contraditoriamente não simpático a imigrantes, mas já pouco influente nas decisões da filha). Ao revés do comportamento esperado das moças de "boa família" que estudavam em colégios de freiras e por volta dos 17 anos eram incentivadas a se casar, Cândida foi trabalhar na capital paulista. Em meio ao cenário bem evidente das crises econômicas e mudanças políticas que o país enfrentava, contextualizadas abaixo, nas palavras de Carlos Guilherme Mota, Cândida casou-se com o jovem, e em 1927 tiveram o primeiro filho, Gilberto.

*"(...) A nova oligarquia, gerada pela economia cafeeira, ao longo do período, mostrará seu poderio, mas também sua fraqueza. A República de 1889 nascerá de um golpe militar, não acolhendo as forças mais progressistas dessa sociedade que não se quer mais escravista (...). Resta no ar, a idéia do Império liberal e pacífico, a mais forte fabricação ideológica de nossa história, não obstante terem sido soterrados alguns dos projetos mais avançados de sociedade moderna como os de Frei Caneca, da República Farroupilha, de Mauá, Lopes Trovão, Raul Pompéia e o de nossos vizinhos paraguaios entre tantos outros vencidos.*

*A República brasileira oscilaria, desde o início, entre dois pólos: num, as oligarquias, geradas no Segundo Império e impulsionadas pela economia agroexportadora; no outro pólo, a caserna, inflada pela ascensão das classes médias. A montagem de uma rígida ordem oligárquica (Primeira República, 1889-1930), estribada na política do café-com-leite, explica a política dos governadores, de São Paulo e Minas. A ordem sociopolítica da Velha República assiste às contestações tenentistas (1922, 1924, 1926), aos movimentos do mundo do trabalho (greves de 1917, fundação do Partido Comunista em 1922) e a um sem-número de manifestações políticas e culturais. Dentre estas, avulta a Semana de Arte Moderna (1922), em que frações da burguesia exercitam novas formas de expressão em busca de nossa modernidade. Essa rígida ordem estamental oligárquica só seria abalada mas não desarticulada com a chamada Revolução de 1930, de efeitos limitados, em que emerge a figura do gaúcho Getúlio Vargas, que dominará a cena política brasileira até 1954, quando se suicida.*

*Durante o Estado Novo (1937-1945) consolida-se nos aparelhos ideológicos do Estado e fora deles uma concepção nacionalista de Cultura Brasileira: no ensino, na rede de bibliotecas, nas interpretações de ideólogos do porte de Fernando de Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Afonso Arinos, na concepção de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, etc. A Segunda Guerra Mundial quando Vargas vacila entre o apoio ao Eixo nazi fascista e a adesão aos Aliados, optando finalmente por estes mostrou a desatualização técnico-militar do país em relação às tropas dos países hegemônicos. No plano econômico, dominava a improvisação(...)" (MOTA, C. 1990, p.20).*

A segunda filha de Ernesto e Cândida nasceu na cidade de Jaú, interior de São Paulo, em 12 de março de 1933. Se nas veias da pequena o sangue francês também correria, correu então o rio Nied que, trazendo memórias literárias do país de seu marido, foi o nome que Cândida escolheu para o batismo: Niéde Guidon.

Mesmo com roupas diferentes e engomadas, escolhidas por sua mãe, bem novos Niéde e seu irmão já corriam pelas ruas largas da cidade até a chácara de seus avós. Cruzavam com outras crianças, que os fitavam e provocavam, intrigadas pela pressa e desenvoltura daquela menina pequena e desafiadora.

Chegando na casa dos avós, afobados, pediam a benção à senhora Bertolina que, numa solenidade automática, estendia sua mão e em seguida guiava os movimentos do marido, cego após as batalhas militares, para o breve e simbólico "a benção, senhor meu avô". Logo os irmãos e primos se perdiam no grande e organizado quintal, cheio de ervas e criações tratadas com muita dedicação pela jovem avó, que de rabo de olho sempre notava a presença de uma pequena sombra acompanhando seus afazeres e, vez ou outra, resolvia presentear sua curiosidade. Como quando, habilidosamente, agachou-se e segurou as saias para urinar como as mulheres de sua tribo faziam e fingiu que não via a neta observar aquele momento íntimo e tão libertador que revelava quem ela ainda era por baixo de tantas camadas e babados. Niéde tudo observava e nada perguntava "*Eu sou de um tempo que crianças não perguntavam nada aos adultos*", e assim tirava suas próprias conclusões sobre tudo, formulando seus ideais, crenças e anseios à sua maneira e por suas experiências.

***Mas e... E ela (sua avó) era carinhosa?***

***Niéde - [Silêncio] Não sei, entende? Quer dizer, não sei o que é carinhoso.<sup>14</sup>***

Seguir a avó devia ser mais interessante que acompanhar os movimentos do avô militar, cuja nova guerra era contra o tempo, pois cego logo após o casamento com a índia, não mais via os dias e as noites. O mundo não era mais feito de luz e sombra, e sim de sons e batidas. A porta para fora de sua mente era o relógio, que quando parava, fazia com que se levantasse tateando as paredes para dar-lhe corda e não perder muitos minutos nestas terras que colonizou eliminando tantos índios e devolvendo, consciente ou não, mestiços (pintados ou riscados?) cobertos de azeite português.

Com o avô paterno, Niéde começou a aprender francês. Bem pequena, ela era posta em pé, sobre a mesa de jantar, e ele lhe pedia que cantasse a Marsehesa, em troca de uma moeda que valia um algodão doce.

Com seu pai, Niéde aprendeu a ser responsável, cuidar de sua saúde e a ter amor pelo trabalho.

***Niéde - Todo domingo, na minha casa, vinham os amigos, os parentes. Vinham para o almoço e eu ficava encarregada de fazer um prato. Meu pai me ensinou, eu tinha que fazer, entende? Então eu aprendi que o trabalho não é uma desgraça para ganhar dinheiro. O trabalho é uma maneira de você viver sua vida agradavelmente. Eu trabalho pelo prazer (...) O que eu me lembro é que sempre eu tive uma vida muito regu-***

---

<sup>14</sup> Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013.

*lada, porque a partir de 8 anos, por exemplo, na minha casa, o meu pai não deixava mais a empregada ir limpar o meu quarto. Era eu que tinha que limpar porque disse que a gente tinha que aprender. Ele me disse que você nunca pode comandar ninguém se você não sabe fazer, que para você dirigir uma empregada você tem que saber. Então eu que sempre fiz essas coisas: arrumar minha cama, arrumar meu quarto.<sup>15</sup>*

Para o livro "Le Secret de la Roche Percée" (lançado em 2010, não editado no Brasil), da jornalista francesa Elizabeth Dréville, Niède se sentiu à vontade em explorar com mais detalhes suas memórias pessoais. Muitas informações que também me foram contadas pela pesquisadora, foram registradas com mais detalhes por esta autora trazida à São Raimundo por uma das arqueólogas que fez parte da primeira missão franco-brasileira à Serra da Capivara.

**Elizabeth Dréville** - *<sup>16</sup>Sempre fui interessada por suas descobertas. Questionar a teoria do estreito de Behring não é trivial. Sua abordagem científica e humana são diferentes. Penso que é uma personagem verdadeira, com convicções, valores, determinação, inteligência e rigor. É por isso que escrevi este livro. Ele fala das descobertas científicas, do trabalho e dos conflitos enfrentados de um grande nome. A França contribuiu com este trabalho. Os franceses devem conhecer essa "Indiana Jones" feminina.<sup>17</sup>*

---

<sup>15</sup> Trecho de entrevista com Niède Guidon. Piauí, maio de 2011

<sup>16</sup> "J'ai tout de suite été intéressée par ces découvertes. remettre en question la théorie du détroit de Behring ce n'est pas banal. Son approche scientifique et humaine m'a plu. Je trouve que c'est un vrai personnage avec des convictions, des valeurs, de la détermination, de l'intelligence et des règles. C'est pourquoi j'ai écrit ce livre, il fallait que la découverte scientifique, le travail effectué, le combat mené et la personnalité de Niède soient connus du plus grand nombre. Par ailleurs la France a collaboré à son travail, les français devaient connaître cet Indiana Jones au féminin".(Traduzido por Andreia Couto)

<sup>17</sup> Trecho de entrevista com Elizabeth Dréville concedida por email em maio de 2013.

Uma publicação importante por trazer o contexto político em que Niéde nasceu e cresceu na visão distanciada de uma estrangeira. Enfoca as principais ações de Niéde relativas às suas pesquisas e à fundação do Parque Nacional Serra da Capivara. Uma obra de jornalismo literário detalhada, que mantém a imagem da pesquisadora como uma aventureira em meio a uma terra selvagem e exótica (e observo que isso pressupõe que o leitor esteja sempre distante geográfica e politicamente dessa realidade).

Drévilhon passou cerca de um mês em São Raimundo Nonato e coletou informações também com alunos e amigos de Niéde para a produção do livro e de um documentário, este voltado principalmente para o assunto polêmico das datações obtidas nas escavações do Boqueirão da Pedra Furada, a primeira área da reserva a ser escavada e pesquisada. Os primeiros capítulos do livro possuem várias lembranças de infância da pesquisadora, entre elas uma das poucas de Cândida, mãe de Niéde:

*18" Cândida morreu cedo, aos trinta e três anos, ao dar à luz seu terceiro filho Cândido Henrique, e deixando à Niéde muitas recordações. Era uma mulher bem rígida, que queria fazer de Niéde uma filha modelo, elegante, usando saias plissadas e camisas brancas. Essa moda inglesa irritava profundamente a menina, que via a vida de uma outra maneira, e como aos seis anos luta-se com as armas que tem, rapidamente aprendeu que, se queria viver de acordo com seus desejos, deveria fazer tudo em segredo.*

---

18 "Candida meurt trop tôt, à trente-trois ans, en mettant au monde son troisième enfant, Cândido Henrique, pour que Niéde garde beaucoup de souvenirs d'elle, Candida est une femme très stricte, qui veut faire de Niéde une petite fille modèle, bien élevée, portant jupe plissée et chemisier blanc. Cette mode anglaise agace profondément l'enfant, qui envisage sa vie d'une tout autre façon. À six ans, on se bat avec les armes dont on dispose. Très vite, elle comprend que si elle veut vivre selon ses propres désirs, elle doit le faire en cachette. Enseignante, Candida n'est pas souvent à la maison. Des moments de total liberté dont Niéde profite. Les jours de pluie, avec ses copains de jeux, elle dévale la rue en jupe plissée, les fesses sur une feuille de palmier, et la feuille dans la rigole. La glissade se termine régulièrement dans le fleuve. Des instants merveilleux auxquels succèdent, de retour chez elle, la colère de sa mère et la punition qui s'ensuit. "Je crois que c'est à ce moment-là que je me suis dit que je ne voulais pas avoir d'enfants. Je me disais qu'il ferait comme moi, qu'il allait me mentir comme je mentais à mes parents. Si on observe les singes, lorsque le petit est capable de quitter les dos de sa mère et de sauter de branche en branche, il s'en va, il quitte la famille.

Enfin, l'institution familiale fait vivre ensemble des individus aux intérêts personnels souvent divergents, et cela crée obligatoirement des conflits. Les uns et les autres souffrent. (Traduzido pela autora)

*Professora, Cândida muitas vezes não estava em casa. Eram estes os momentos de total liberdade de Niède, que saía para brincar com os amigos. Em dias de chuva, mesmo que usando a saia plissada, sentava-se sobre uma folha de palmeira e ia deslizando pela água que corria na sarjeta até chegar ao rio. Instantes maravilhosos que, ao chegar em casa, eram seguidos pela raiva e punição de sua mãe. "Eu acho que por esses momentos disse a mim mesma que não teria filhos. Dizia-me que eles fariam como eu, me mentiriam como eu mentia aos meus pais. Se observamos os macacos, quando os pequenos conseguem finalmente deixar sua mãe e pular de galho em galho, eles deixam a família. Finalmente, a instituição família faz viverem juntas pessoas com interesses pessoais diferentes, e isso cria conflitos, todos sofrem."(DRÉVILLON, E. 2011. p.22)*

Em nossas conversas, Niède trouxe o fato de ter sido amamentada até os cinco anos de idade, técnica indígena para se evitar a gravidez, e que garantiu o intervalo de seis anos entre ela, o irmão mais velho e o mais novo. Outro fato que diz lembrar-se com mais nitidez, é da mãe escrevendo em uma mesa com o rádio ligado, tocando por vezes Bidu Sayão, outras Guiomar Novaes. Recordar-se bem destas cenas por sempre retornar à elas através das músicas que coleciona das duas artistas eruditas brasileiras, muito respeitadas principalmente fora do país.

*Niède - (...)Então o que eu me lembro dela era isso...e que tinha que obedecê-la porque se não obedecesse, ela puxava a ponta da orelha(...)<sup>19</sup>*

A seriedade de sua família está sempre presente em seus relatos, e também a gratidão por tantos aprendizados e preocupações.

O que talvez tenha gerado conflitos frequentes, foram seus questionamentos e incompatibilidades com as regras sociais de cunho burguês em que vivia. Bur-

---

<sup>19</sup> Trecho de entrevista com Niède Guidon. Piauí, junho de 2013

guesia torna-se um referencial frequentemente utilizado por Niéde ao falar da experiência de seu passado subjugado à sociedade em que viveu.

***O que a senhora define como burguesia?***

***Niéde - [Silêncio] Sim, são pessoas que tem aquelas..maneiras de agir que são aprovadas pela sociedade, fazem tudo direitinho: casa, tem filho, vai à igreja. Era obrigatório ir à igreja todo domingo, era obrigatório se confessar e tudo isso. Quer dizer, isto para mim são os burgueses.***

*(...) Era uma família religiosa não é? Batismo, crisma, primeira comunhão, tudo isso, mas muito cedo eu comecei a ver a hipocrisia das pessoas. Tanto os religiosos, que falam tanto isso, mas na hora de cumprir eles preferem as vantagens pessoais do que cumprir a religião. Vi também o que acontece...porque quando eu era jovenzinha, era obrigada a confessar para comungar toda semana, aí então o padre me perguntava: "Você tem namorado?" "Tenho" "O que você faz com o namorado?" Aí eu começava a contar horrores, às vezes coisa que eu nem fazia, só porque o padre ficava excitadíssimo e se masturbava lá dentro, entende? Sim, mas se você presta atenção nisso...eles são humanos também, só que sabiamente se investindo de poderes, e tem a vida deles garantida com o dízimo e todo esse dinheiro que as igrejas tem. E com Deus, eu já disse: se ele existe, nós vamos ter que conversar quando ele aparecer na minha frente. Vou dizer para ele que poderia ter feito um pouquinho melhor. Aliás, eu estou querendo convencer Gabriela, mas não consegui, a escrever um livro sobre a origem do homem:*

*Então, Deus criou o mundo a partir dos elementos químicos e na água, que se combinaram e formaram os primeiros seres vivos, e depois en-*

*tão foi havendo uma evolução. A Evolução que Darwin conta, não é? E daí chegaram os macacos...E o Demônio estava furioso, porque dizia: "Olha! Está dando tudo certo! Ele criou esse mundo, criou a vida..e está dando tudo certo. Olha só que natureza! O que que eu posso fazer para acabar com isso?" Aí o Demônio teve uma ideia: criou um bicho que parece estar na linha evolutiva, seguindo os macacos, parente dos macacos, e...se chama homo-sapiens. E foi esse bicho que está acabando com o mundo, entende? Vai acabar com a obra divina. Mas aí ela está com medo que a gente vá ser executada se escrever o livro.*

*(...) Na realidade a gente vive na hipocrisia, entende? Quando eu era pequena, diziam: "Não pode mentir. Mentir é errado. Tem que falar a verdade". Aí o que que eu via? Vinha visita lá em casa, daí quando a visita chegava: "lindo, maravilhoso, beijinho". Quando ia embora, começava a falar: "Porque fez isso, porque aquilo, porque..."..aí eu dizia: "Não tão falando a verdade, estão mentindo". Então, desde pequena eu acho que tinha uma vocação para pesquisadora, porque eu ficava olhando essas coisas e via tudo isso, como via que o padre fazia aquilo quando eu contava as coisas para ele, quer dizer, então, a sociedade é podre porque ela vive se mentindo! Ninguém tem coragem de falar a verdade, e vive a mentira, você está entendendo? Vive a mentira!<sup>20</sup>*

Após a morte da mãe, Niéde e seus irmãos passaram bastante tempo em convívio com os avós até seu pai se casar novamente. Mudaram-se para cidade vizinha: Pirajuí; sua madrasta assumiu a família sem dramas e teve mais dois filhos: Ernesto e Antônio. À pedido de Ernesto pai, os enteados também chamavam a madrasta de mãe, e para que não dissessem que privilegiavam os filhos biológi-

---

<sup>20</sup> Trechos de entrevistas com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011 e junho de 2013

cos, mesmo quando Cândido, o mais arteiro (filho do primeiro casamento) aprontava, eram Ernesto e Antônio que mais apanhavam, mas depois recebiam os pedidos de desculpas dos pais pelos tapas extras. *"isso foi uma coisa que marcou bastante, sabe? De eles pedirem desculpas. 'Eu bati mais em você, para ninguém poder falar nada'"*, me conta Ernesto, com os olhos mareados durante uma visita à sua casa, em São Paulo. Em meio a muitas fotografias, ele mostra tios e primos e fala bastante do irmão mais novo, falecido recentemente.

**Ernesto** - (...) o Antônio tinha uma bochecha bem grande, e puxando a minha mãe. Ela (Niéde), quando a gente era pequeno, ele era criança, ela queria beijar a bochecha dele e pagava para deixar ele beijar a bochecha (...)<sup>21</sup>

**Niéde** - (...) e foi a continuidade dessa vida tranquila, burguesa.<sup>22</sup>

Aos dez anos, Niéde perde também sua avó Bertolina, restando como figuras femininas mais próximas em sua vida apenas a madrasta Athir e sua avó paterna, de quem menos falou nas entrevistas e nos outros registros de depoimentos que coletei. Segundo Niéde, a avó teria retornado à Europa e não era tão próxima da família brasileira.

No começo dos anos cinquenta, passava a semana em Campinas para cursar o científico (equivalente ao ensino médio, atualmente). Frequentava o Jockey, localizado na região central da cidade, teve namorados, aproveitou sua adolescência até os dezoito anos, indo à festas e praticando esportes como natação e

---

21 Trecho de entrevista com Ernesto Guidon. São Paulo, junho de 2014

22 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013

tênis, quando resolveu estudar História Natural na Universidade de São Paulo (USP), mudar-se para São Paulo e começar a trabalhar.

A Família achava que deveria ser médica...

*Niéde - (...) Porque todas as bonecas que me davam eu abria, “estripava” para ver por que que abria e fechava os olhos, por que que falava. Quer dizer, eram coisas que eu queria entender por que aquilo acontecia. E todos achavam que era uma tendência para operar. (MUSEU DA PESSOA, 2008)<sup>23</sup>*

Niéde chegou a prestar vestibular para medicina, mas no dia da prova, afetada por uma enxaqueca crônica, que muitas vezes a derrubara na infância, não conseguiu completar a prova de química. Reprovada em medicina, sem sofrimento foi estudar História Natural. Assim passou a juventude: estudava, trabalhava, se divertia e protestava.

***E como que era ser jovem nessa época? Era... existia liberdade, como que era?***

***Niéde - Era muito melhor que hoje [risos]***

***Mesmo com...***

***Niéde - Sim, quer dizer, você sabia muito bem que você tinha que ter um certo comportamento: uma moça de família, se ficasse grávida, primeiro os rapazes eram os primeiros que tinham medo, porque o costume era mandar capar o cara que deixasse uma moça de família... Então tinha umas certas leis sociais, mas se você se virava e fazia as coisas***

---

23 Transcrição de depoimento de Niéde Guidon para o Museu da Pessoa, 2008

*de maneira a não dar escândalo (o que não podia era dar escândalo...), mas então eu acho que eu tive uma vida muito divertida. Fiz muitas coisas, não é? Conheci muitas coisas, adorava dançar. Eu ia dançar no clube todo fim de semana e tudo, jogar tênis, nadar e tudo. Quer dizer, acho que, realmente, são coisas que a gente... eu, minhas primas, todas fazíamos isso, não é?*

*(...) no meu tempo a gente manifestava, quer dizer, cada vez que havia algo que o governo fazia que nós não estávamos de acordo, que parecia contrário aos interesses do país. Inclusive muitas vezes eu e outros alunos da USP, a gente ia até o Rio de Janeiro para jogar pedra no Palácio da Guanabara! Manifestei bastante, entende? Não que eu fosse comunista. Eu nunca fui comunista, que eu não acredito no político, mas eu tinha os meus ideais e acho que lutei por eles. Como todo pessoal da USP daquelas épocas, não?(...)<sup>24</sup>*

A juventude em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro era ligada aos principais movimentos políticos e culturais que afetavam todo o país em proporções diferentes. Estudantes da USP eram engajados e vanguardistas em todos os aspectos e, as conquistas dos movimentos modernistas nas artes e de reforma da assembléia constituinte nas décadas anteriores, fizeram do início dos anos quarenta uma década de "desabrochares" intelectuais, em que um tema recorrente entre as produções era a miséria, corrupção e abandono da população nordestina por parte do governo, retratados em livros de literatura e ciências políticas ao longo da década, como "Seara Vermelha" de Jorge Amado, "Geografia da Fome" de Josué de Castro e "Coronelismo, Enxada e Voto", de Vitor Nunes Leal. A efervescência social e política que acontecia no sudeste brasileiro provocou grandes mudanças...a maioria no sudeste brasileiro. E enquanto os sertanejos estavam ocu-

---

24 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011

pados para conseguir um pouco de água e alimento, os metropolitanos, ao menos com o mínimo mais garantido, poderiam escrever e denunciar o coronelismo que ilhava os cidadãos das regiões secas.

***Niéde** - (...) quando eu cheguei aos 18 anos, eu já comecei a trabalhar como secretária no serviço social do Hospital das Clínicas da USP, e comecei a trabalhar com 18 anos, entende? E à partir daí nunca mais parei. Quando completei mais ou menos 20 anos, disse ao meu pai (porque morando lá em casa tinha que fazer todo aquele cerimonial burguês), então disse a ele que queria ir morar sozinha mas que isso não alterava em nada nossa relação. Se ele dissesse que sim, estava muito bem, se ele disse que não, eu ia e ele não me via nunca mais ele disse que “sim, está bom”, se eu queria, pronto, muito bem. Então eu aluguei um apartamento e comecei a levar minha vida sozinha, não é? E daí para frente, então, foi a vida toda trabalhando. Fazia USP à noite para poder trabalhar durante o dia e depois então foi o concurso para eu fazer, para poder entrar como professora efetiva, funcionária da Secretaria de Educação da USP.<sup>25</sup>*

Formada e aprovada no concurso para professores, em 1959 Niéde foi com mais três colegas: Luciana Pallestrini, Lia Garcia e uma terceira colega - cujo nome não se recorda - lecionar numa escola ginásial em Itápolis, interior de São Paulo,

***Niéde** - (...) onde os professores ainda eram o farmacêutico, o advogado...*

---

25 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013

*Então nós chegamos como titulares, cada uma na matéria, e daí começou a a história, não é? Primeiro, eu não ia à missa e acho que tinha mais duas que não iam à missa, e eu ensinava evolução, ensinava biologia, ciências físicas e naturais. Eu ensinava evolução, "Mas como?" E alguns alunos: "Mas não foi Deus?" E começou aquela história: houve um movimento na cidade contra mim e outras colegas, que então eram pessoas que não tinham religião, eram amorais e tudo isso, não é? Então houve...realmente foi um momento grande, saiu em todos os jornais e tudo isso, não é? A Secretaria da Educação fez uma investigação e disse "Não, elas estão totalmente de acordo, estão dando o currículo oficial, mas não tem condições de ficar na cidade".<sup>26</sup>*

Não somente por não serem religiosas e ensinarem evolução, a presença das professoras formadas incomodou a população e gerou matérias nos jornais. Para o site do Museu da Pessoa, Niéde conta que diante do comportamento "moderno" das jovens professoras, o padre da cidade chegou a especular que elas eram comunistas, rotulação grave para o momento tenso em que o país passava, sofrendo pressão dos Estados Unidos e dos políticos militares para se posicionar contra a União Soviética. Também descobriram um esquema de corrupção conforme descreve na matéria para o jornal O Globo de 11 de setembro de 2004 "(...) e o diretor da escola não gostou da mudança. Ele tinha um pacto que viemos a descobrir: ele recebia para não reprovar alunos. Suspendemos então as provas e fomos a São Paulo fazer a denúncia na Secretaria de Educação. Foi um escândalo. Saímos nos jornais, os alunos fizeram guerra contra nós. Nós estávamos certas, mas a Secretaria de Educação achou que não havia clima para voltarmos a lecionar e fui transferida para um museu (...)" (ORSINI, E. O GLOBO 2004) A matéria de onde saiu este trecho se chama "A Tarzan do Sertão"<sup>27</sup>. Uma comparação

---

26 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013.

27 Escrita por Elisabeth Orsini para O Globo, em 2004.

com o personagem criado por macacos na selva exaltando o espírito aventureiro da pesquisadora. Mais uma vez, e agora no Brasil, temos a “heroína”, figura única, com poderes ou aptidões especiais que fez o que ninguém mais faria.

*28 "Eu me lembro como se fosse ontem. Os alunos tiveram vinte temas de revisão. Eles tiveram que dar duro. Dos vinte temas um seria sorteado. Eu ainda posso ver minha colega mergulhando a mão no pote. Eu não me lembro de qual ela tirou, mas eu não me esqueço o que veio depois. Por que ela fez o que fez? Eu não sei: curiosidade, talvez. Como os alunos começaram a compor, ela mergulhou a mão dentro da urna e tirou outro papel, e surpresa! Ela tirou a mesma coisa. Ela pegou outro, depois outro e mais outro, todos os pedaços de papel continham o mesmo tema. Elas tinham sido enganadas." (DRÉVILLON, E. 2010, p. 27)<sup>29</sup>*

**Niéde** - (...) Então nos comissionaram em São Paulo, e quem fez muitos artigos nos defendendo e defendendo o direito do professor ensinar foi o Paulo Duarte.<sup>30</sup>

De volta a São Paulo, Niéde vai então para o Museu Paulista, dirigido por Herbert Baldus, humanista alemão considerado um dos fundadores da Antropologia no Brasil (BASTOS, S. 2010). Ali é alocada no departamento de arqueologia

*"E o Museu Paulista então tinha Etnologia, tinha toda a parte das culturas indígenas, e tinha arqueologia, que não tinha ninguém trabalhando. Então, o chefe do museu, o diretor do museu, que era um alemão, Herbert Baldus, me disse: "Ah, então você fez História Natural? Você vai trabalhar*

---

28 "Je m'en souviens comme si c'était hier. Les élèves avaient eu vingt thèmes à réviser. Ils avaient dû bosser d'arrache-pied. Sur les vingt thèmes un seul serait tiré au sort. Je revois encore ma collègue plongeant sa main dans le pot. Je ne me souviens plus de ce qu'elle avait tiré, mais je n'ai pas oublié la suite. Pourquoi a-t-elle fait ce qu'elle allait faire? Je l'ignore: la curiosité, peut-être. Alors que les élèves commençaient à composer, elle replongea sa main dans l'urne et tira un autre papier, et là surprise, elle venait de tirer la même chose. Elle en retira autre, puis un autre et encore un autre: sur tous les bouts de papier figurait le même thème. On s'était fait avoir." (Traduzido pela autora)

29 Transcrição de trecho de entrevista de Niéde para Elizabeth Drévilon.

30 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013.

*na arqueologia.” De arqueologia eu só conhecia aquilo que você conhece estudando História: o Egito, a Mesopotâmia, tudo isto. Mas do Brasil não se conhecia praticamente nada naquela ocasião. Aí, eu fui falar com ele, eu disse: “Olha, eu acho difícil trabalhar com uma coisa que eu não domino. Onde que eu posso estudar?” Ele disse: “Olha, só tem na Inglaterra ou na França.” Então, como eu tinha mais ligações com a França, eu fui à embaixada da França, solicitei uma bolsa, tive a bolsa e fui para Paris onde eu fiz Arqueologia lá também.” (MUSEU DA PESSOA, 2008) <sup>31</sup>*

<sup>32</sup>*“Eu não tinha muito dinheiro. Cerca de mil dólares por mês: setecentos de meu salário de funcionária e trezentos da minha bolsa. Não me lembro mais a quantos francos equivalia na época, mas não era muito. Eu adorava ir à ópera, aos concertos, ao teatro. Passei momentos maravilhosos naquela época. E trabalhei muito duro, senão perdia a bolsa” (DRÉ-VILLON, E. 2011. p.32)<sup>33</sup>*

A partir de 1945 se iniciariam na França os “trinta gloriosos”: anos em que a população cresceu e sua economia também.

Nos anos em que estive em Paris (entre 1958 e 1962), Niéde Guidon presenciou a fundação da Quinta República Francesa, mas a posse do primeiro presidente dividiu opiniões. Sob o governo de De Gaulle, a economia se estabilizou após um período de desorganização política durante a IV República, uma nova moeda foi instituída para redução da inflação e o espírito nacionalista foi inflado por um governante que exaltava uma Europa sem influências americanas e britânicas. A guerra de Independência da Argélia chegou ao seu auge e a seu fim, com a morte de muitos argelinos e franceses, incluindo o noivo de uma das colegas de Niéde, que, além dessa perda, não se recorda de outros reflexos da guerra em Paris, mas considera De Gaulle um presidente “do tipo que não existe mais”: *“Sério, honesto, sem exhibições! E nada dessa história de primeira dama. Não me lembro de ter visto Madame de Gaulle em nenhuma cerimônia!”*. A ela De Gaulle

---

31 Transcrição de depoimento de Niéde Guidon para o Museu de Pessoa, 2008.

32 “Je n'avais pas beaucoup d'argent, environ 1000 dollars par mois: 700 de mon salaire de fonctionnaire et 300 de ma bourse. Je ne me souviens plus de l'équivalence en francs de l'époque, mais de n'était pas énorme. J'adorais aller à l'opéra, aux concerts, au théâtre. J'ai passé de merveilleux moments à cette époque-là. Et je travaillais aussi d'arrache-pied, j'avais intérêt, sinon plus de bourse.”(Traduzido pela autora)

33 Transcrição de depoimento de Niéde Guidon para Elizabeth Drévilon.

nunca pareceu um ditador, mas havia quem assim o considerasse, e não fossem as versões de como tudo aconteceu, teríamos, por aqui, somente o entendimento de que De Gaulle foi um herói. Vejamos, portanto, trechos das visões de dois jornalistas que viveram e muito divergiram sobre os acontecimentos na França do final dos anos cinquenta.

*"(...) Em 1958, o salvador era de Gaulle, ou se quiser, como escrevi certa vez, o ditador no sentido romano, ou seja, o ditador legal. Quando se manifesta uma situação impossível de deslindar, a democracia concede a um homem de virtude conhecida, reconhecida, admirada, um poder temporário absoluto, ao mesmo tempo para resolver os problemas mais urgentes e para renovar as instituições. De Gaulle foi efetivamente, durante seis meses, um ditador romano e um legislador. À partir daí era preciso aceitar e esperar." (RAYMOND, A. 1981. p.236)*

*"Pode-se acreditar por um momento que ele será o eleito da nação? Terá ele seus poderes do povo soberano? Em tempo algum. Ele já está no lugar e escolheu por eleitores seus partidários; quer dizer que a eleição é apenas uma cerimônia. Quem, pois, nesse caso o coloca no trono? Pois bem, é a própria França - feita abstração, bem entendido de todos os seus habitantes. Esta entidade rígida e severa, invisível a todos, não desdenha, na solidão, falar-lhe ao ouvido. A prova? Quinta feira última, o general De Gaulle ainda não tinha sido plebiscitado. A intriga e o medo sozinhos o tinham feito ministro; no entanto, ouvimo-lo numa alocução surpreendente, exortar os franceses "em nome da França" a votar a Constituição. Tudo está lá: a França já aprovou a escolha degaullista; nosso dever está traçado Se o recusarmos, a França sofrerá e seremos maus. Se o aceitarmos, a França sorrirá e convidar-nos-ão, talvez para as cerimônias oficiais. - L'Express, nº378, 11/09/1958." (SARTRE, J. 1968. p.86)*

Jean Paul Sartre e Aron Raymond foram colegas que romperam justamente por sua maneira de pensar os eventos da guerra da Argélia. Influentes jornalistas e críticos políticos, ambos reconheciam que a volta de De Gaulle ao poder, em 1958, feria a democracia francesa, mas davam a esse fato pesos diferentes: O primeiro era passional, acusatório e incitava uma reação da população contra a "ditadura" imposta pelo general, o segundo era justamente acusado de moderado

demais, omissos, e se via, à sua maneira, como um Gaullista: crítico "de uma maneira construtiva", pois queria ver o fim da guerra e via na entrada do presidente os caminhos para isso.

Confirmando a forte influência intelectual que a França exercia sobre o Brasil, com a presença de estudiosos europeus em todos os campos da ciência ("intercâmbios" por vezes promovido pelo exílio de brasileiros à Europa, que fez com que brasileiros conhecessem a realidade francesa e vice-versa), e no estilo de condução da imprensa<sup>34</sup>, Sartre esteve por aqui em 1960, acompanhado de Simone de Beauvoir, dando conferências em diversas cidades do país; até mesmo fora das capitais. Os acontecimentos na França e a revolução cubana deram o tom de sua visita, mais uma vez engajada em instigar revoluções, enquanto o governo federal ocupava-se em lutar com a inflação (ao mesmo tempo em que era o responsável por seu crescimento), com as greves, que só aumentavam, e com a inauguração da nova capital do país, ocorrida em 21 de abril.

Estudante de arqueologia pré-histórica na Université de Paris IV - Sorbonne, onde teve aula com importantes professores como Annette Emperaire e Andre Leroi-Gourhan, Nléde diz ter aprendido uma "abertura de espírito", para sempre desenvolver hipóteses sobre o que se descobre, mas também a derrubá-las sem sofrimento caso encontre provas que as refutem.

---

34 "Nas entrevistas publicadas no livro "O Espectador Engajado", questionado se seria ele um conselheiro para os políticos, Raymond responde: "(...)A maioria dos políticos lia Le Figaro, em geral, e o artigo de Raymond Aron, em particular. Alguns me diziam, pessoalmente, que era preciso ler meus artigos. Quando eu estava de acordo com a política governamental, os ministros ficavam bastante satisfeitos. Quando eu criticava este ou aquele ministro das Finanças, eles nem sempre ficavam contentes, mas afinal, isso fazia parte do jogo." (RAYMOND, 1981. p.230). E no apanhado geral das décadas passadas, a antiga Enciclopédia Ilustrada "Nosso Século" aponta brevemente as mudanças na imprensa brasileira nos anos 40 "Em 1945, com a queda do Estado Novo (para o qual contribuiu a participação da imprensa, sobretudo a publicação de uma entrevista do ex-candidato à presidência José Américo de Almeida ao jornalista Carlos Lacerda, no Correio da Manhã) as modificações de estilo jornalístico encontraram ambientação política favorável. Antes, a imprensa vivia sob as mordidas da Censura, e as matérias eram escritas pro literatos, sob a influência francesa. Depois de 1945 a imprensa brasileira começa a adotar o modelo norte-americano, ágil e dinâmico (...)"(NOSSO SÉCULO. 1980. p.249).

*Niéde - (...) Eu acho que isso foi essencial, entende? Uma ex-aluna minha acaba de passar o doutorado lá em Portugal, e ela reformou aquela classificação que eu fiz. Eu disse "Tá excelente", porque depois que eu trabalhei, muitas descobertas novas, muitos dados novos... Então você tem que estar sempre em dia com essas novas informações, estar sempre aberto para mudar. E como eu gosto muito de mudar, não gosto de sempre a mesma coisa, eu acho que por isso que eu gosto muito da arqueologia. Você nunca sabe o que vai acontecer amanhã (...)*<sup>35</sup>

Entre 1962 e 1963, especialista em pré-história, Niéde retorna ao país e assume o departamento de arqueologia do museu, momento em que a instituição fervia de pessoas engajadas e ativas, como Vilma Chiara, etnógrafa paulista experiente que com o marido, o também etnógrafo e fotógrafo Harald Schultz (discípulo direto de Kurt Nimuendajú), documentou os costumes de diversas tribos brasileiras.

Durante trabalhos em sambaquis encontrados do Guarujá, litoral norte paulista, integrou-se à equipe do Museu Paulista, Silvia Maranca, geógrafa italiana que chegou ao Brasil ainda criança com a família fugindo da guerra. Todos que mencionam seu nome trazem um sorriso carinhoso e parecem se recordar de algum episódio engraçado que com ela vivenciaram.

Seu pai, engenheiro agrônomo e estudioso da flora brasileira, decidiu levar a família para uma fazenda no interior de São Paulo, a convite dos Mattarazzo: família burguesa italiana que imigrou para o Brasil no final do século XIX, e aqui construiu um grande "império" de indústrias em diversas áreas: alimentícia, têxtil, de

---

35 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012.

navegação e cabotagem, entre outras, e desde então exerce grande peso na economia brasileira.

**Silvia Maranca:** *Quando houve esse episódio de eu conhecer o Paulo Duarte, ele, que era amigo de amigos do meu pai, disse: Ah, mas manda sua filha vir ver se ela gosta, no Guarujá!” Eu fui. E aí a Niéde voltou da França (que ela estava fazendo o troisième cycle lá). Ela voltou, e aí eu a conheci. (...) Ela me contou, depois de alguns anos, que ela achou que eu era uma filhinha de papai protegida, porque, de fato, eu tinha vindo por indicação (...) Ela achou que eu era filhinha de papai, então me massacrou! (...)*

*Eu era recém formada, ‘pô!’ Sabe? Aí, minha irmã (que ficava com os amigos nessa casa que recebia os hóspedes), minha irmã vinha para as férias e dizia: ‘Silvia, mas você é louca! A gente na praia e você cavando essa terra, toda suja! Que horror.’ E os amigos que vinham visitar, todos diziam ‘Mas você é louca!’, mas eu gostava. É verdade! Acharva interessante(...)³⁶*

---

36 Trecho de entrevista com Silvia Maranca. São Paulo, maio de 2013



5 - Lendo a terra.

## ARQUEOLOGIA I – UM CONTEXTO BRASILEIRO

*Niéde - Arqueologia no Brasil? Primeiro tinha só os pesquisadores, não é? Você tinha no Norte a Betty Meggers, que estava fazendo pesquisas na região amazônica, e no Sul a Anette e o marido dela, que faziam pesquisas no Paraná, sobretudo, não é? o que acontece é que... tinha, o Paulo Duarte, você já ouviu falar dele?*<sup>37</sup>

---

37 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013.

Arqueólogo, jornalista, humanista, entre tantas outras atribuições. Paulo Duarte foi professor e participante ativo não só da fundação da própria USP em 1934, quanto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, em 1937. Seu nome está diretamente ligado à iniciativa de buscar justiça à memória dos nativos brasileiros, trazendo à política a importância da preservação do patrimônio material não só pós-colonial, quanto o pré-colonização, por meio da Lei 3.924, de julho de 1961.

*Niéde - Paulo Duarte era apaixonado pela arqueologia.(...) Quando eu fui comissionada, então, ele que me colocou nesse trabalho de arqueologia.*

*(...) Ele era uma pessoa extremamente culta, não é? realmente era um prazer conversar com ele e, assim, sempre voltado para os problemas culturais no Brasil, a questão da educação, tudo isso, não é? Era uma pessoa muito consciente da situação real do país.<sup>38</sup>*

Finalmente, Paulo Duarte também fortaleceu a discussão no Brasil (pois já estava ocorrendo na América do Norte e Europa) da identificação da sociedade com seu patrimônio e suas raízes através da arqueologia. A ciência originalmente tida, inclusive, como uma ciência aristocrática, pode ser vista, então, não somente como trabalho científico com o fim em si mesmo de encontrar, escavar, analisar em termos antropológicos-comportamentais ou histórico-culturais vestígios humanos, mas de devolver essa descoberta como autoconhecimento e contestação das narrativas dominantes (FUNARI,P. 2005). Discussões precursoras da chamada Arqueologia Pública.

---

38 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013

*"(...) a disciplina (arqueologia) surge como reforço material de narrativas hegemônicas, ainda que os discursos dominantes sejam diversos daqueles prevalecentes nos Estados Unidos ou na Europa. Para uns o individualismo capitalista da América, para outros a tradição aristocrática européia, enquanto no Brasil as narrativas dominantes fundam-se no patriarcalismo escravista. Nos Estados Unidos, a Arqueologia constrói ou desconstrói um individualismo capitalista, na cultura material cotidiana de capitalistas ou de trabalhadores, à porcelana de aparato se opõe a cerâmica dos operários, a grande arquitetura erudita à construção vernacular. Uns falam da grandeza dos antepassados, outros ressaltam as lutas dos humildes trabalhadores. Na Europa, ao culto à tradição aristocrática, opõe-se o cotidiano de camponeses e trabalhadores. No Brasil, não há individualismo capitalista nem tradição aristocrática que resistam à escravidão e à exclusão social de amplas majorias, ademais heterogêneas ao extremo: de negros indígenas, de pobres imigrantes a judeus errantes, de sertanejos a seringueiros." (FUNARI, P. 2005, p.4)*

Pensando na sociedade e reconhecendo que a política platônica descrita por Hannah Arendt, enquanto prática dos homens livres na pólis, excluía escravos e mulheres, por exemplo, da cidadania, temos os homens livres como os autores das narrativas dominantes, os fundadores das imponentes construções executadas pelas mãos dos homens presentes, mas não cidadãos e, portanto, não políticos.

Conceitualmente, a política platônica até poderia ser exercida nas sociedades primitivas: *"(...) a esfera dos assuntos humanos, tudo aquilo que pertence ao convívio de homens em um mundo comum, em termos de trevas, confusão e ilusão, que aqueles que aspirassem ao ser verdadeiro deveriam repudiar e abandonar, caso quisessem descobrir o céu límpido das idéias eternas(...)" (PLATÃO apud ARENDT, H. 1997, p.43)* Mas a política exercida em meios onde existe uma hegemonia é uma ilusão, pois empurra os não livres para debaixo do tapete, considerando-os figurantes anônimos, massa da construção da História.

Entendo com isso que o conceito original (ou tradicional) de política já conta com a massa de mão de obra ignorada pela pólis. Assim caminhamos até os questionamentos de Marx e, diante de tantos discursos, a ciência Arqueológica, que inserida nessa mesma Europa e mesmo que nascendo dos narradores domi-

nantes, os burgueses, não pôde ignorar os vestígios que condicionaram<sup>39</sup> não só as imponentes construções dos dominadores, mas foram condicionantes para essas realizações e/ou foram eliminados para darem lugar à elas.

Existem muitas narrativas enterradas no Brasil, e nos anos 60 não haviam brasileiros aptos a compreendê-las ou mesmo procurá-las. O trecho do depoimento de Niéde que descreve informalmente o cenário de pesquisas arqueológicas no Brasil ao final dos anos 50, traz alguns dos nomes importantes que conduziram os estilos de pesquisas desta ciência por aqui.

Saindo de um mapeamento da arqueologia brasileira das primeiras pesquisas do Paleontólogo Peter Lund, seguido por nomes como Emílio Goeldi e Ricardo Kröne durante o século XIX, e de brasileiros como Aníbal Mattos e Angyone Costa na primeira metade do século XX (FUNARI 1994), chegamos àquele período político antes mencionado, dos “desabrochares intelectuais”: a segunda metade dos anos 40, em que a democracia política dava espaço às artes e às ciências. Seguindo essa brecha, no Brasil, a “(...) arqueologia acadêmica ou erudita foi criada sob a direção do humanista brasileiro Paulo Duarte. Graças à sua amizade com Paul Rivet, diretor do Musée de l'Homme, em Paris<sup>40</sup> e afinado com seu próprio esforço pelos direitos humanos no Brasil, Duarte criou a Comissão de Pré-História da USP em 1952.” (FUNARI, P. 1994, p.27). Com seus contatos na França, Duarte convenceu também Anette Laming Emperaire e Joseph Emperaire, pesquisadores do Centre National de la Recherche Scientifique, a iniciarem suas pesquisas no Brasil.

Nestes mesmos anos, pesquisavam na Amazônia os americanos Betty Meggers e Clifford Evans, à serviço do Smithsonian Institution, uma instituição de pesquisas associada a um complexo de museus norte americanos. Eles fundariam

---

39 (...) Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana.”(ARENDDT, H. 2007, p.17)

40 que conheceu em seu primeiro exílio, após a Revolução de 32.

entre 1960 e 1971 o Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica - PRONAPA - estruturado na linha do determinismo ecológico Norte-Americano, que, segundo André Prous, é "a ideia de que o ambiente local determina o grau de complexidade das sociedades que nele evoluíram". Nos anos que se seguiram à fundação do PRONAPA, muitos dos arqueólogos formados no Brasil seguiram as linhas de pesquisa americana (determinista, com escavação de áreas menores), o que, somado à perseguição intelectual promovida pela ditadura militar, iniciada em 64, segundo Pedro Paulo Funari, teve como consequência certa rigidez e limitação dos métodos de estudo e interpretação dos achados arqueológicos crescentes durante anos seguintes.

*“O PRONAPA estabeleceu um programa de levantamento ativo por todo o país, particularmente preocupado com áreas estratégicas, contribuindo para o esforço de controle do território no contexto da Guerra Fria. Os princípios teóricos e empíricos eram muito reacionários e antihumanistas, promovendo o conceito de que os povos nativos eram preguiçosos e o país pobre devido às condições naturais. Os cinco primeiros anos (n. 1965) foram seguidos por um segundo período na bacia amazônica (Pronopaba). Durante esse longo governo ditatorial, uma rede de arqueólogos criada nessas circunstâncias nefastas moldou o campo, dificultando a liberdade e o humanismo.” (FUNARI, P. 2013, p/)*

**Silvia Maranca** - *Olha, a comunidade arqueológica brasileira, vou te dizer, já, já.*

*É muito difícil de caracterizar, pelo seguinte: Até 30, 40 anos atrás, não havia arqueólogo profissional. Havia amadores, Paulo Duarte era um deles. Niéde Guidon tinha feito História Natural, a Luciana (Pallestrini), Farmácia. Não tinha nada a ver. Eu, Geografia. Não tinha cursos. Então, as primeiras duas a serem profissionais de arqueologia, que vieram do troisième cycle da França, foram a Niéde e a Luciana Pallestrini. O resto, eram todos amadores. Os próprios Evans eram amadores (...)*

*Nos primeiros anos, nós tivemos uns problemas: tinha os contra a "Escola Americana" e os contra a "Escola Francesa". Ou você pertencia a um, ou pertencia ao outro. Então, profissionalmente era um desastre. Quando eu voltei dos Estados Unidos, me chamaram de traidora da "Escola Francesa" quando, na verdade, eu aproveitava o que tinha de bom americano, que era uma coisa mais técnica, e a cultura geral que vinha da "Escola Francesa"...E não se admitia.*

*Então, o PRONAPA foi esmigalhado, porque era dos americanos, do Smithsonian, da CIA (...) Imagina, o Cliff e a Beth da CIA?! Eu sou uma bicicleta se eles eram da CIA!*

*(...) Resultado: ninguém adotava a terminologia do PRONAPA. E você precisa pensar que cada um usava uma palavra: "cerâmica pintada", "corrugada", "angulada", enquanto outro falava "unhada"...*

*O PRONAPA teve uma coisa boa: Nós nove, cada um em um estado, fizemos um vocabulário para arqueologia brasileira unificando a nomenclatura(...) Até aceitarem pelo menos a nomenclatura foram anos que nós perdemos (...)*

*Depois, então, as coisas foram se acalmando. Começaram cursos de arqueologia.*

*Muita rivalidade, porque éramos poucos, com formações muito heterogêneas.(...) Mais rivalidade que colaboração, uma ciência muito nova no Brasil.*

*E depois, então, com a criação da SAB, em Goiânia, um pouco se quebrou, um pouquinho dessa briga histórica. E as coisas melhoraram um pouco. Hoje, quem trabalha bem se destaca, como em todas as ciências. E quem trabalha mal, as pessoas ignoram. <sup>41</sup>*

---

41 Trecho de entrevista com Silvia Maranca. São Paulo, maio de 2013

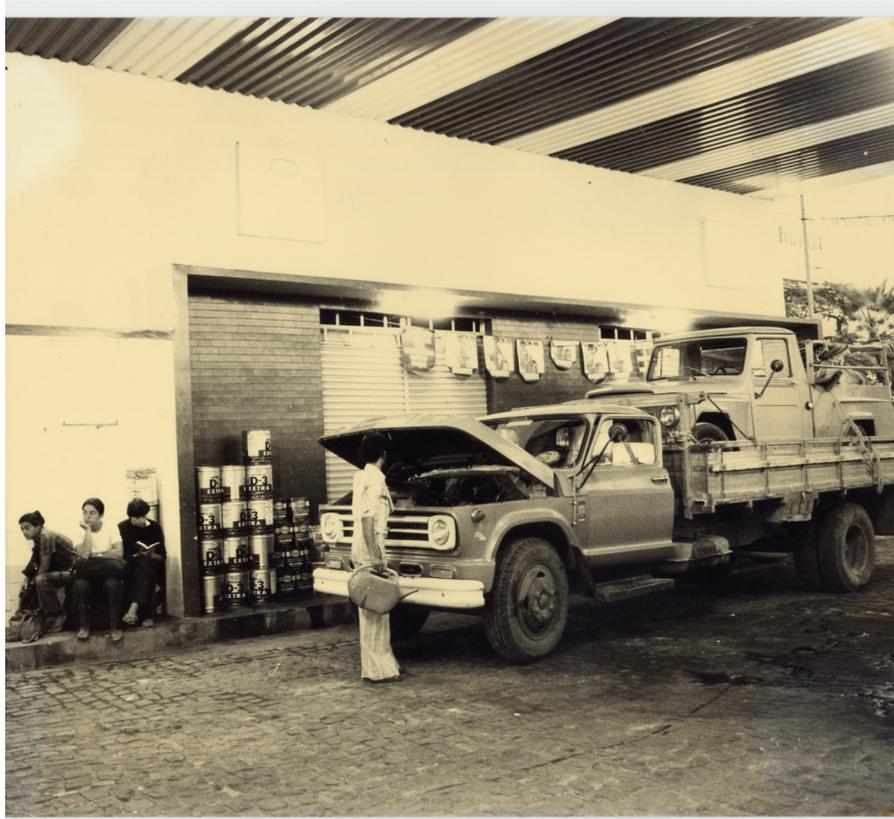
As metodologias das heranças das duas linhas de pesquisa: americana e francesa se diferenciam em vários aspectos, bem como a maneira de lidar com os resultados obtidos nas escavações. Enquanto a prática francesa se caracteriza por ser mais "espaçosa" e analisa o contexto ambiental para embasar suas hipóteses, a americana procura ser mais localizada e descritiva.

Um outro aspecto que marca a prática arqueológica não só no Brasil, é: devido à grande dependência do território para os estudos interpretações e escavações, o surgimento de crises entre pesquisadores por divergências de metodologias, interferências ou mesmo necessidades ou interesses (entende-se também por vaidades e posicionamentos acadêmicos) em atuar em proximidades que podem guardar descobertas importantes.

*"A vida intelectual, sendo o fulcro mesmo da existência de um povo civilizado, os países, que tiveram a felicidade de preservar as reservas do espírito, se alçam com o vigor saudável de uma convalescença. Que acontecerá a nós, terras como o Brasil, onde uma vez abatidos regimes desmoralizados como o de Vargas, o intelectual aparece como um trapo atirado ao lixo depois de haver servido às mesmas asseadas necessidades das vespasianas ditatoriais?" (DUARTE 1946, p.47 apud ZIOLI, M. 2010, p.98)*



6 - Em trânsito



7- Pausa

## EXÍLIO - LIVRES PENSAMENTOS

**Niéde** - Foi em 1963 que eu trabalhava no Museu do Ipiranga, lá em São Paulo, na USP. E organizamos uma exposição sobre as pinturas rupestres de Minas Gerais (que eram as únicas conhecidas na época), e um senhor que veio visitar pediu para falar com o responsável. Me chamaram, daí ele me mostrou fotografias dizendo "Lá na nossa terra tem também pinturas dos índios" . Eu vi que eram completamente diferentes das de Minas, pedi a ele informações. Ele me deu, então: São Raimundo Nonato, que tinha que vir pela Rio Bahia, depois ir à Remanso.

*Aí, quando foi dezembro, as minhas férias, peguei meu carro. Só que quando cheguei aqui perto, já, perto do rio São Francisco, dezembro era mês de chuvas, tinha chovido muito e tinha rodado uma ponte. Não pude passar e voltei para São Paulo.*

*Depois, daí em 64 eu saí da USP, fui embora para França, mas aquilo ficou na minha cabeça.<sup>42</sup>*

*"Em 1962 havia feito uma viagem com Bete Bittmann Simons, arqueóloga dinamarquesa já falecida, Guglielmo Rossi, um executivo apaixonado por arqueologia e exímio fotógrafo, e eu. Uma ponte de madeira derrubada pelas chuvas torrenciais nos impediu de chegar até o local. Niéde sempre pensava em repetir a tentativa." (MARANCA, 2002, p.)<sup>43</sup>*

*"Possivelmente em 1962 - na lembrança de Niéde seria em julho de 1963 - o prefeito de Petrolina, cidade pernambucana próxima ao Piauí, Luiz Augusto Fernandes foi ao Museu do Ipiranga<sup>44</sup>, em São Paulo, mostrar as fotos das pinturas rupestres que descobrira numa excursão com amigos, ao sudeste do Piauí. Fernandes tinha ido a São Paulo, entre outras coisas para comprar fontes de água para Petrolina." (BAS-TOS, S. 2010, p.48)*

Viagem interrompida pelas chuvas, que enchiam não só os rios, mas as casas e ruas das cidades que margeavam o caminho. Na maioria das vezes estas águas são mais do que bem-vindas nos sertões nordestinos, porém neste caso foram um inconveniente.

Curiosidade ainda na mala, as pesquisadoras regressaram a São Paulo e ali continuaram seus trabalhos até o golpe militar de 1964, momento auge das manifestações e greves da população insatisfeita com a inflação e com o governo do presidente João Goulart, que amargava a falha do plano trienal.

---

42 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.

43 Manuscrito sobre as origens das pesquisas feitas na Serra da Capivara, escrito por Sílvia Maranca.

44 Hoje Museu Paulista.

O Brasil também via-se instigado pelos movimentos revolucionários de esquerda ocorrendo nas vizinhanças (em Cuba e no Chile), ao mesmo tempo em que o governo americano impunha seus interesses políticos através dos empréstimos via FMI (já que concentra o maior poder de voto) e negociações militares anticomunistas; até finalmente ser levado à tomada do poder por parte das forças armadas e à implantação de uma ditadura de direita que duraria até 1985.

Uma das fortes características de nossa ditadura militar de direita foi também a forte repressão aos intelectuais e artistas, pensadores que podem argumentar e instrumentalizar o povo através do discurso e sensibilização, neste caso contra ações superficiais, imediatistas ou ineficientes a longo prazo, estilo que se tornou recorrente nos planos de desenvolvimento do governo brasileiro.

*Niéde - (...) A minha geração era uma geração que fazia escola pública. Eu fiz a escola pública. No meu tempo a gente dizia que a escola pública era para os inteligentes, e os burrinhos ricos iam para escola particular (...) Nunca tive problemas. Quando eu tive que ir para França, fui para França, prestei concurso, passei em primeiro lugar. A prova escrita em francês, tudo que eu tinha aprendido na escola pública. Inclusive, o meu professor lá disse que eu tinha uma excelente formação de base. Hoje, a escola pública brasileira é uma catástrofe. Eu vejo aqui. As crianças tem duas horas de aula. Saem da escola praticamente analfabetas, entende? Mas pros governos, uma escola assim é boa, porque a minha geração, a gente era uma geração que manifestava.*

*(...)Eu sou brasileira, mas um brasileiro diferente, entende? Que já existiu. Eu acho que tudo isso são coisas que tão acontecendo agora. Não era assim(...)<sup>45</sup>*

---

45 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011 e junho de 2013

Intelectuais saíam e tecnocratas entravam. Hannah Arendt enfatiza, em suas obras, a importância do homem pensar e ter discernimento (1981), já que estas são as qualidades que nos fazem humanos. Em determinados momentos, mencionando Kant e Platão, Arendt traz o juízo como capacidade para a política, discute o perigo das ações como fins e caracteriza o ser pensante em diálogo constante consigo mesmo no enfrentamento de suas vontades, escolhas e deveres. O "pensar" e o "agir" são importantes na política e na constituição humana, mas no caso do Brasil na Ditadura, o pensar foi suprimido, negado, expulso. A educação era para a execução e lidamos até hoje com as consequências.

Não pretendo aqui fazer uma oposição tão radical entre intelectualidade e técnica; e menos ainda tratar uma somente como pensamento e outra como execução. Levanto a discussão trazida por Arendt, como pontos de apoio das minhas conexões com as colocações de Niéde Guidon, diante de suas experiências, inclusive, com a implantação de escolas em regiões carentes do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara (que serão abordadas em breve), também do uso que se faz da educação enquanto ponto de partida para a formação de novos cidadãos e quais ênfases são/foram dadas neste processo.

*“(...) A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso. Sabemos, no entanto, que na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo (...)” (FOUCAULT, M. 1998. p.12)*

Artistas, sindicalistas, jornalistas entre outros instigadores do pensamento foram perseguidos durante a ditadura e daqui saíram para o Chile, Uruguai, Argélia e países europeus, personalidades como Paulo Duarte, Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo

Vandré, Fernando Gabeira, entre muitos outros que já eram nomes conhecidos ou tornaram-se conhecidos após retornarem.

*Niéde - (...) Na realidade, minha vida teve um pouco de decisões que eu tomei, outras foram independentes da minha vontade (...) os militares tomaram o poder, e eu estava no Museu Paulista. Foi quando, então, o meu comissionamento no Museu Paulista foi anulado e daí eu teria que voltar a dar aulas (e dava lá numa cidade que eu nem me lembro mais qual é). Então eu pedi demissão, simplesmente, e comecei a trabalhar na firma dos pais da Vilma Chiara. Mas comecei a trabalhar numa firma particular, entende? Daí foi quando então eu fui denunciada e tive que ir embora, porque fui denunciada como sendo comunista. (...) E (pausa) eu nunca tive atividades políticas. Não acredito na política. Eu sou essencialmente uma cientista, não é? Mas alguém me denunciou, porque naquela época, muitas pessoas fizeram isso para ficar com o cargo dos outros, dos colegas.(...) Então, uma tia minha que tinha um amigo que era general, um dia chegou no meu apartamento em São Paulo e disse "Você vai embora hoje, você foi denunciada e vai ser presa." Então eu tive que sair de São Paulo no mesmo dia, não é? Fui embora, deixei tudo que tinha aqui. Meu apartamento, meu carro e tudo...e tive que recomeçar a vida na França. A França me recebeu (pausa) realmente muito bem, me deu a possibilidade de (pausa) voltar a trabalhar, não é? <sup>46</sup>*

Um outro artigo que se faz complementar para esta contextualização é o de Helenice Rodrigues da Silva, "Os exílios dos intelectuais brasileiros e chilenos na

---

46 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012 e junho de 2013.

França durante as ditaduras militares: uma história cruzada”<sup>47</sup>. O texto se conecta diretamente à vivência da arqueóloga e as pessoas com quem viria a se relacionar no Brasil.

*“No caso brasileiro, os intercâmbios culturais estabelecidos com a França datam, sobretudo, da fundação da Universidade de São Paulo, nos anos 1930, e da vinda de professores franceses a essa universidade. À partir dos anos 50/60, o intercâmbio é restabelecido entre os docentes da USP, que estudam em Paris, e seus ex-professores franceses: Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Pierre Monbeig, Roger Bastide, Charles Morazé, Claude Lefort... Durante o período da ditadura militar, esses contatos vão abrir portas a alguns intelectuais brasileiros em universidades e em centros de pesquisa francesa. Da mesma maneira, um certo número de intelectuais franceses, por exemplo: François Châtelet, Jean-Toussaint Desanti, Alain Joxe, Alain Touraine, etc, que transitam pelas universidades chilenas, no momento da Unidade Popular, estabelece um diálogo com seus pares chilenos. Graças a essa rede de contato, os intelectuais chilenos, uma vez na França, terão acesso ao mercado de trabalho. Com efeito, o comitê de ajuda aos intelectuais refugiados, cujo presidente de honra foi Alain Touraine, teve, principalmente, por função buscar empregos para os professores e pesquisadores (brasileiros e chilenos), já renomados em seus países. Graças a essa mobilização por parte dos intelectuais franceses, uma parte dos exilados terá acesso a cargos (em princípio, de caráter provisório) no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), no Institut des Hautes Etudes de l’Amérique Latine (IHEAL, Université de Paris III) e na Maison des Sciences de l’Homme. O apóio de Pierre Mombeig, diretor do IHEAL durante vários anos, foi decisivo para a contratação de professores latino-americanos nesse estabelecimento.” (SILVA, H. 2007, p.20)*

Desciam dos aviões atordoados e não iam esperar as malas nas esteiras. Não havia malas. Muitas vezes nem escova de dentes e muito menos agasalhos eram levados. Aqueles que iam para os países frios, recebiam de boas vindas uma rajada de vento frio na nuca, pois deixaram para trás os cachecóis feitos por suas avós, aqueles que ficaram nas caixas em cima dos armários. E as plantas morreriam, cães e gatos ficariam presos sem alimento até que alguém pudesse resgatá-los do abandono involuntário. Niéde escapou como outros que tiveram mais ou menos tempo e facilidade que ela para se preparar para a mudança. Poderia ser somente um interrogatório; poderia não ser. E, de volta à França pouco

---

47 Citação importante também para discussão sobre as influências da França sobre o Brasil.

após sua graduação, guardou os dois anos que esteve no Brasil como as cenas de capítulos futuros que agora revisitamos.

Se aqui o pensamento e a crítica eram reprimidos, perseguidos e torturados, no exílio francês eram alimentados, intercambiados e livres. Os brasileiros se encontravam uma vez por mês no grupo de trabalho que se chamava “França-Brasil”, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, onde Niéde tornou-se professora. Discutiam o que seria feito no Brasil depois dos militares. Deste grupo, Fernando Henrique Cardoso, que primeiro se exilou no Chile, mas com a queda de Salvador Allende, em 1973, mudou-se também para a França, fez parte e ministrou cursos e conferências no College de France e na Universidade de Paris X.

Também com a queda de Allende pelo golpe militar cometido com o apoio do governo americano, retornou a Paris a antropóloga francesa Anne Marie Pessis, que trabalhou no governo do presidente chileno deposto e, antes disso, na Organização dos Estados Americanos, em Washington. Ela viria estudar Antropologia Visual em Paris I - Panthéon - Sorbonne, sob a orientação do etnólogo e documentarista Jean Rouch, precursor do chamado Cinéma Verité, estilo de filmagem em que o cineasta se faz presente no filme, não necessariamente enquanto personagem, mas assume suas interferências para o público. Para Rouch, “(...) *o que acontece por causa da presença do cineasta se torna tão crucial como o que acontece apesar dele.*” (NICHOLS, B. 2005, p.137)

Nos corredores das universidades francesas circulavam e interagiam muitos intelectuais que, de volta a seus países, ocupariam posições de liderança ou de muito respeito e admiração em suas áreas. Fernando Henrique seria eleito presidente do Brasil em 1994, Niéde Guidon e Anne Marie Pessis, trabalhariam juntas criando a Fundação Museu do Homem Americano, à partir de 1979.

*“(...) Essa liberdade de pensar e de agir, própria à condição de « estrangeiro », permite-lhes um olhar mais crítico em relação à sociedade e à cultura, a sua e a do país de exílio. Experiência individual e singular, por excelência, o exílio dos intelectuais latino-americanos, permitindo interações e distanciamentos culturais, abriu perspectivas de transformações a nível pessoal e coletivo.” (SILVA, H. 2007, p.54)*

Quem convidou e recebeu Niéde em Paris foi sua professora, madame Annette Emperaire, arranjando-lhe estadia e trabalho. Niéde soube aproveitar bem as oportunidades, construindo uma sólida carreira como arqueóloga e professora, tornando-se doutora em Pré-História em 1975 e mestre de conferências concursada na l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.

Estabilizada na Europa, Niéde morou com Vilma Chiara<sup>48</sup> numa zona rural afastada chamada Cardaillac, no Lot - Sudoeste da França. Ali restauraram uma velha casa do século XII, com paredes de pedra e assoalho de madeira. Decoraram a propriedade com presentes indígenas americanos e peças que transformaram a propriedade histórica europeia numa grande Babilônia atemporal. Ali viveram entre vinhos, estudos e discussões complementares sobre índios vivos e índios mortos.

*Niéde - (...) na França, na minha casa no campo tinha muitos passarinhos. Só que daí eles vinham no inverno para comer manteiga. Comiam um pacote de manteiga por dia. É porque no inverno eles sentem muito frio, então têm necessidade de gordura. Aqui não, eles vem e tem alpiste, tem painço, tem quirera, tem um monte de coisa. Mas lá era essencialmente manteiga.<sup>49</sup>*

Niéde decidiu retornar ao Brasil antes mesmo do final da ditadura. Usaria somente o passaporte francês e iria primeiro a Goiás, acompanhando Chiara

---

48 que, viúva de Harald Schultz em 1965 por um repentino derrame, sentia-se muito deprimida e decidiu vender o que tinha e aceitar um convite de Annette Emperaire para organizar o acervo do departamento da América do Musée de L'homme.

49 Trecho de entrevista direta com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012.

numa pesquisa etnográfica junto à tribo Krahô. De lá, finalmente conheceriam as pinturas da Serra da Capivara.

No mês de julho de 1970, como observou Solange Bastos, as novidades nas revistas giravam em torno da vitória do Brasil sobre a Itália na Copa do Mundo sediada no México e, entre outras amenidades, dos esquemas de corrupção do ex-governador de São Paulo, Adhemar de Barros (também exilado e falecido um ano antes em Paris). Era um ano de milagre econômico, DOI-CODI, e, para não dizer que se esqueceram do norte e nordeste: de Transamazônica. Mas estava fácil não falar de problemas diante de nossa grandiosidade no futebol.

No Piauí, Teresina era vista como a capital em ascensão, atraindo moradores de todo o estado com esperanças de melhores condições de vida e trabalho. Por ali, as notícias giravam em torno do alto crescimento populacional na próspera capital (que poucos sabem ter sido a primeira capital estadual planejada do Brasil, substituindo Oeiras) que trazia consigo problemas de abastecimento de água e saneamento.

Vilma Chiara iria ao atual estado do Tocantins, na reserva dos índios Krahô, criada em 1951 (mas homologada em 1990) e que comporta os municípios de Goiatins e Itacajá. Levava consigo um projeto de ensinar os índios a criar gado, já que não conseguiam mais caçar numa região cercada por fazendas pecuaristas. Para isso levaria dinheiro visando a compra de 40 cabeças, e como já havia passado uma longa temporada com eles em 1954, teria liberdade para convencê-los e ensiná-los.

*“(...) Claro que não deu certo, mesmo com a renovação do financiamento e da assistência técnica por mais cinco anos do Comitê Francês contra a Fome, ligado à FAO - organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação - . Como também não deu certo a tentativa de aumentar a produtividade da roça dos Krahô com o plantio intensivo. À luz dos conceitos da agroecologia, de que não se falava na época, eram os técnicos que deveriam ter aprendido com os índios a plantar tudo misturado, como nasce na natureza. Quanto a tentar ensiná-los o que acreditavam ser melhor para eles, com a pecuária, ficou a lição de que nada pode ser imposto a um grupo humano como sendo o melhor para ele, quando esse esforço não encontra eco no próprio grupo. Os*

*índios concordavam com tudo que os franceses faziam. Quando eles viravam as costas, matavam o boi e comiam. "Cadê o boi? - Nós comeu. Agora queremos mais gado" (...) Depois disso fui para a França, retomei a antropologia mais moderna, estruturalista, Fiz meu mestrado sobre as bonecas de cerâmica Karajá. O doutorado eu fiz sobre a relação do homem com o espaço na sociedade Krahô. Assisti as aulas na Sorbonne, mas os seminários que deram origem à tese foram na École des Hautes Études en Sciences Sociales (...)" (BASTOS, S. 2010. p.58)<sup>50</sup>*

Uma das fotos da primeira visita de Niéde e Vilma à São Raimundo Nonato mostra crianças em torno de um Jeep. Quem seriam aquelas mulheres de calças em busca das pinturas dos caboclos?

*"O antigo mateiro Nilson Alves Parente lembra a desconfiança que todo mundo sentiu quando Niéde Guidon chegou pela primeira vez a São Raimundo Nonato, em 1970, acompanhada da antropóloga Vilma Chiara. Parecia cena "de filme de faroeste: Pára aquele jipão novinho, Land Rover, e descem duas mulheres de calça comprida, cabelos curtos e jeito decidido, interessadas naquelas pinturas de caboclo velho das tocas...muito esquisito." Era um tempo em que não tinha luz elétrica nem água encanada. Novidade da cidade grande, só nas revistas como Cruzeiro e Manchete, que chegavam de vez em quando pelo ônibus.(...) Naquela época, a estrada para São João do Piauí passava em frente à toca do Paraguaio (...) só muito mais tarde a BR-020, Brasília-Fortaleza seria desviada daquele trecho, porque ficava no vale e inundava no inverno (...) A toca era usada, inclusive para pernoite dos viajantes, que ali fincavam os paus onde pendurar as redes, aproveitando o abrigo natural. Numa dessas, um viajante topou com um esqueleto. Deu polícia, prenderam até suspeito do crime. Pelos dois outros esqueletos escavados anos depois, aquele também devia beirar os dez mil anos de idade. Mas quando em 1970 chegaram a São Raimundo Nonato aquelas figuras raras que ninguém sabia se eram homem ou mulher, quem deu a palavra final foi a tia velha de Nilson, Mitia, que os acompanhou até a toca do Paraguaio:*

*'-Zizinho, isso é mulher! -' decretou dona Mitia, depois de ver Niéde e Vilma fazerem xixi no mato agachadas. Esse seria apenas o primeiro estranhamento entre muitos que as forasteiras causaram aos moradores da região (...)" (BASTOS, S. 2010 p.48)*

---

50 Transcrição de depoimento de Vilma Chiara para Solange Bastos.

Guiadas por moradores da região, conheceram e fotografaram as pinturas e, após uma semana, retornaram à França onde, em acordo com sua supervisora e mestre Annette Emperaire (vanguardista nas pesquisas em Minas Gerais e que na mesma época encontraria em Lagoa Santa o crânio de uma mulher datado em aproximadamente doze mil anos), decidiu desenvolver no Brasil uma missão de prospecção e estudos arqueológicos que seria inédita naquela região e nunca comandada por uma brasileira.

*Niéde - (...) você está pesquisando, o que você encontra é, entende? Inclusive, o que é interessante é que, quando eu comecei a trabalhar na França, eu era assistente da Annette Emperaire. Annette era uma francesa, professora que trabalhava sobre a América. E ela estava procurando o homem mais antigo da América. Tanto que ela tinha começado a trabalhar em Minas Gerais, nas cavernas do Lund, porque lá tinha então notícias dos achados antigos. Ela trabalhou na Patagônia, tudo isso, e eu, então, quando comecei a trabalhar com ela, eu disse: "Realmente, eu não tenho nenhuma vontade de trabalhar em Minas. Eu quero ir no Piauí".*

*Então fiz uma acordo com ela: eu vinha para o Piauí. Lá para Minas, organizava tudo lá para ela, para quando ela chegasse tivesse tudo pronto. Contratava pessoal e tudo, depois eu vinha para cá, porque disse que o que me interessa não é o mais velho, são as pinturas do Piauí, que eu acho muito bonitas. E, de repente o Piauí ficou mais velho (...)<sup>51</sup>*

*(...) foi em 1970, me mostraram mais 5 sítios. Fotografei, levei para França e entrei com um pedido para formar uma equipe francesa para*

---

51 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012.

*vir pesquisar. Aí, em 73 foi quando eu tive a primeira verba francesa, que eu pude vir e começar as pesquisas, né?*<sup>52</sup>

*"(...) eu consegui na França, com o CNRS que é o Centro Nacional da Pesquisa Científica, correspondente ao CNPq brasileiro. Eu fiz um pedido, mostrei, fiz todo um levantamento do que já se sabia do Brasil, mostrei que aqui era uma região sem nenhuma pesquisa, que então seria necessário vir até aqui. E eu tive o apoio dos meus professores e consegui a verba francesa. E colegas meus da Universidade de São Paulo, que tinham ficado aqui, que não tinham ido embora, também vieram me encontrar. Então foi uma Missão já, desde o começo, franco-brasileira(...)"(MUSEU DA PESSOA. 2008)*<sup>53</sup>

---

52 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, junho de 2013.

53 Transcrição de depoimento de Niéde Guidon para o Museu de Pessoa. 2008



8 - Caminhos iluminados.

## SÃO RAIMUNDO NONATO

Em uma viagem de carro ou ônibus nas proximidades de São Raimundo Nonato, dependendo da estrada escolhida, dá para ver a Serra Vermelha. São grandes cilindros de pedra que fazem degradês de marrom, preto e vermelho, salpicados de cactos acinzentados e outras plantas magricelas. Se está em período de seca, tudo ao redor é marrom e cinza, coberto pelo céu azul-infinito.

No caminho percorrido com senhor Lourival, Neto ou James (pai e filhos que frequentemente transportam pesquisadores dos aeroportos de Teresina e Petrolina pelas mais de 5 horas até São Raimundo), sempre penso: “ainda bem que

a paisagem varia bastante ao longo do ano, deve fazer as viagens menos cansativas".

Com as gravações espaçadas desde 2009 pude ver as melhorias na estrada vindo de Teresina, que de início eram de terra com trechos de asfalto, e em minha penúltima viagem, em 2012 (em 2013 e 2014 viajei via Petrolina), já estava em melhores condições. Ainda sem acostamento nem pista dupla, mas melhores condições.

Nessa região, que compreende o sudeste do estado, até o século XVIII viveram os índios Tapuia e os índios Pimenteira (DIAS, C. 2006), representantes do grupo Jê, que se adentravam na Serra da Capivara fugindo ou lutando com os colonizadores e bandeirantes, como Domingos Afonso Mafrense, que ao morrer teve suas "conquistas" doadas aos jesuítas e depois comandadas por nomes como Vitorino Paes Landim e Coronel José Dias. Outras áreas vizinhas foram posteriormente distribuídas entre fazendeiros, sesmeiros, posseiros e formaram o município batizado com o nome do cristão que lutou contra a escravidão: São Raimundo Nonato, fundado em 1850 e oficialmente emancipado em 1912.

*"Eu, abaixo assinado declaro que sou possuidor do sítio denominado Serra Nova<sup>54</sup>, nesta freguesia de São Raimundo Nonato, Província do Piauí, havido por descoberta que d'elle fiz em o anno de mil oitocentos e vinte e nove e da qual me tenho autorizado em rasão de concessão do governo, feita a quem tomasse parte na conquista dos índios que habitavam essas caatingas (...)"*

*(Registro eclesiástico de 1855, fls. 4v e 5, Arquivo Histórico da Casa Anísio Brito, Teresina. apud GODOI, 1999)*

*"A presúria define-se, pois, como um direito de conquista sobre o infiel (...) Direito este derivado da apropriação de terras e outorgado pelo rei sob a forma de concessão, principalmente, a homens livres e pobres como recompensa a serviços prestados à Coroa. No sertão, as "conquistas" das terras dos índios eram realizadas em grande parte por homens livres e pobres sem muitos recursos em escravos, gados e instrumentos agrícolas, e podiam ser empreendidas por iniciativa própria,*

---

54 posteriormente chamado de Várzea Grande

*isto é, sem intervenção governamental, mesmo se o governo interviesse mais tarde para reconhecê-la.”(GODOI, 1999. p.99-100).*

Legando seu sobrenome a muitos moradores daquela região, Paes Landim teria sido o primeiro “proprietário” das terras que compõem Coronel José Dias, Barreirinho e Sítio do Mocó, limites de um dos acessos ao Parque Nacional Serra da Capivara. Entre as falas coletadas por Maria Sueli R. Sousa, Landim é descrito como o bravo parente distante que expulsou os índios e conquistou, por direito dado pela coroa portuguesa, as terras que formariam a fazenda Várzea Grande e seriam posteriormente comandadas e batizadas por seu “parente”, Coronel José Dias.

*“Ele, [Coronel José Dias] era daqui também. Era parente do Vitorino, da mesma família. O pai dele chamava-se Mariano. O Coronel José Dias era um velho muito bom, esse eu conhecia. Era amigo da gente, era muito meu amigo (...) No começo da vida dele, ele vivia de roça. Depois ele virou promotor, advogado. Era grandão. Casou a família tudo com gente rica e aí foi levando (...) Ele tinha as raízes dele aqui plantadas, foi quem trouxe o desenvolvimento para cá (...)*

*Até que a Niéde Guidon botou aí nos jornais que tinham colocado o nome da cidade o de um matador de índios, a família do Coronel José Dias até já colocou advogado. O Zé Dias não tem nada a ver com isso, quando ele nasceu não existia mais índio aqui não. Quem achou índio foi o Vitorino. O Zé Dias era da época de papai, da era de 1800, papai era de 28 de dezembro de 1879. Então o Zé Dias era mais velho que o papai, mas era pouco. Era dessa época também. E essa história do Vitorino era do outro século, então quando o Zé Dias nasceu, que ele não foi nem criado aqui, saiu daqui menino, não tinha mais índio aqui não (...)”<sup>55</sup> (SOUSA, M. 2010. p.144)*

Comandada por estes poucos nomes, a região foi vista como território de poucos proprietários e famílias desafortunadas que mantinham pequenas roças de

---

<sup>55</sup> Entrevista com Naílde Dias Paes, realizada por Maria Sueli Rodrigues Sousa. Comunidade Bairro São Pedro. 28/05/2004.

subsistência, perambulavam pelos terrenos áridos em busca de água, ou migravam para outros estados em busca de trabalho.

Em 2010, o IBGE levantou como população do município de São Raimundo Nonato 32.327 pessoas, e o índice de Desenvolvimento Humano de 0,66, número abaixo apenas da capital e outros 3 municípios do estado, mas ainda um dos menores do país.

Coronel José Dias, antiga Vargem Grande, é uma pequena cidade que fazia parte de São Raimundo Nonato e foi emancipada nos anos oitenta. Um dos acessos ao Parque Nacional Serra da Capivara atravessa quase toda a cidade. Mudou pouco daquele tempo até agora, e em 1999, um grupo de visitantes: os ainda estudantes e futuramente escritores Antonio Prata, Chico Mattoso, Paulo de Frontin Werneck e Zé Vicente da Veiga escreveram suas impressões sobre a cidade, a Serra da Capivara e suas aventuras naquela região:

*“Coronel José Dias se divide em duas metades, cortadas pelo equador imaginário de uma estrada recém pavimentada. Digo imaginário porque essa é a impressão deixada pela faixa de asfalto, tão poucos são os carros que por ali trafegam. Ao que tudo indica a divisão feita pela rodovia não é apenas geográfica: conta-se que os habitantes dos dois lados alimentam entre si uma rivalidade que já causou briga de faca.*

*Emancipada há cerca de dez anos, Coronel José Dias ainda parece um vilarejo satélite de São Raimundo Nonato. Assim como alguns de seus moradores, a cidade é pequena, mirrada, quase anã - possui duas ruas, ambas de terra, paralelas à rodovia. A ausência de uma praça - fato inédito na viagem - confere ao município um ar fragmentado, solto, desatado: sábado à noite, para onde irá todo mundo? A proximidade de uma importante pólo turístico - o Parque Nacional Serra da Capivara - ainda não gerou dividendos para a cidade, uma vez que os visitantes preferem alojar-se em São Raimundo Nonato, onde há maior infra-estrutura.*

*É nesse ar de perene esquecimento que a cidade vai crescendo. Talvez a palavra ideal seja "isolamento", uma vez que só se esquece do que alguma vez já foi lembrado. Servindo-se de um pequeno açude e dos bodes que circulam pelas ruas, a população sobrevive a esmo, embalada pelos ritmos da rádio comunitária Liberdade FM, a namoradinha de Coronel José Dias. (PRATA, A. et al. 1999. p.118)*



9 - Entre

## SOBRE O PIAUÍ. “E AÍ? JÁ VOLTOU DO PARÁ?”

*(...) Foi uma coisa difícil, eu fui até São Paulo, porque naquela ocasião não havia vôos aqui pro Nordeste, havia duas possibilidades: ou por São Paulo, com a Air France, ou então Air France para Belém. Então eu fui até São Paulo. Em São Paulo compramos um carro, um jipe, e viemos de lá com esse jipe completamente carregado até aqui. Quer dizer, uma viagem longuíssima, terrível, vindo pela Rio-Bahia até Feira de Santana e depois de Feira de Santana entramos para Petrolina (...)*  
(MUSEU DA PESSOA. 2008)<sup>56</sup>

---

56 Transcrição de depoimento de Niéde Guidon para o MUSEU DA PESSOA. 2008

Confesso que não sabia o que esperar do estado do Piauí quando o visitei da primeira vez. Talvez tenha, da mesma maneira, me condicionado a ir para o "Nordeste".

Fui num período de chuvas e na estrada de Teresina a São Raimundo Nonato não me deparei com o cenário tão representativo de seca e aridez. Vi lagoas, bodes, pastos. Pobreza, sim, mas riqueza também. Talvez não a riqueza que nós, de centros urbanizados e consumistas, reconhecemos. Pensei bastante sobre o que é riqueza. Nem sempre são os bens materiais, o luxo ou o conforto. Creio que sejam os privilégios que poucos têm, a abundância de algo, material ou não, que torna a vida melhor.

*"(...) Espaço obscurecido, que tardiamente captou a ressonância da formação discursiva nacional-popular, o Piauí foi raras vezes mencionado por esse discurso nacional - popular que procurava definir a identidade, o caráter, a consciência, a cultura ou a formação histórica brasileira, em textos científicos e ficcionais, como os chamados ensaios de interpretação do Brasil. O Nordeste havia surgido no início do século XX, dentro das condições de possibilidades dadas por esta formação discursiva nacional-popular, na medida em que a ideia de Nação moderna gestada naquele momento tornou possível, de modo dissonante e reativo, a ideia de região, elaborada pela emissão de enunciados conservadores, como a sociologia de Gilberto Freyre, literatura regionalista e os discursos do folclore, os quais lutavam por fabricar e resguardar as identidades tradicionais dos espaços diante da irrupção da modernidade. Enquanto os espaços brasileiros eram nomeados, produzidos e diferenciados, o Piauí integrava o Nordeste ou o Norte de maneira quase automática, sem expressividade e sem produção de discurso a seu respeito em âmbito nacional ou regional. A não-enunciação do Piauí, a inexistência, durante décadas, de signos que o inventassem e filiassem a uma região específica, assim como sua invenção extemporânea, nos anos 1950 e 1960, contribuíram para seu maior desconhecimento (...)" (RABELO, E. 2008. p.27)*

Na capital, Teresina, circulei por espaços acadêmicos, restaurantes elegantes, ruas largas que rodeavam quadras de prédios e grandes residências. O calor e o brilho do dia eram únicos. Penso em São Raimundo Nonato quando vejo algumas cores, sinto sabores, ouço sons e vozes que se repetiam com mais frequência lá do que em minha terra. Mas não me senti uma estrangeira. Entendi e

fui entendida, sofri com seus sofrimentos e eles sofreram com os meus. E sorri bastante.

Posso dizer que me senti à vontade com as pessoas de lá que conheci, ou não conheci ninguém com quem não me sentiria, pois mesmo nas conversas mais desconfortáveis ou polêmicas, vi em comum (como raiz, não forma) uma espécie de resiliência. Sirleide, dona Maura, senhor Adão; sei um pouco do que passaram vivendo num lugar com poucos recursos, clima árido, muitas estrelas no céu e pássaros coloridos.

O meu Piauí é cheio de trocas, sanfonas, paçoca, manteiga de garrafa, cajuína, poeira rosada, buracos, motos, "Não obrigada, não como carne de bode", piauienses, franceses, paulistas, pernambucanos, promessas de escorpiões e onças; gatos reais, crescimento, realização, muita luta e coragem de uns e resignação de outros. Vi também em São Raimundo Nonato, uma convivência mais igualitária quanto à posição social. Lá, a condição econômica-intelectual não parece dizer muito na hora de se construir os círculos de amizade e convivência.

Pouco se fala e pouco se estuda sobre o estado fora das instituições da própria região. Sua contribuição no PIB brasileiro em 2010 foi registrada pelo IBGE em 0,6%, e concentra seu rendimento em atividades extrativistas, de pecuária e turismo. A capital, Teresina, é uma cidade planejada, em constante crescimento e com índices positivos de desenvolvimento humano e qualidade na educação em comparação a muitos outros estados, mas embora possua características culturais e naturais únicas, tem sua imagem sempre sobrepujada pela seca e pela pobreza.

Desmembrado do estado colônia do Maranhão, o Piauí era o corredor de passagem para as capitanias de Pernambuco, Ceará e do Rio Grande (do Norte), e morada pouco perturbada dos nativos até a chegada dos bandeirantes no século XVI.

Comandados pelo "célebre" Domingos Jorge Velho (também responsável pela destruição do Quilombo dos Palmares, em Alagoas) e Domingos Afonso Ma-

frense, as bandeiras reconfiguraram a ocupação da nova província em grandes pastos de criação de gado. (MOTT, L. 1979)

*"Desbravando-te os campos distantes*

*Na missão do trabalho e da paz,*

*A aventura de dois bandeirantes*

*A semente da Pátria nos traz"*

*(Trecho do hino do Piauí, de Antônio Francisco da Costa e Silva, Firmina Sobreira Cardoso e Leopoldo Damascena Ferreira. Composto na ocasião do centenário da Independência do Brasil, o hino do Piauí foi adotado pela Lei nº 1078 de 18 de julho de 1923.)*

Tapuias, Tremembés, Jenipapos, Anapurus, Cupinharós, Amanajás, Precatis, Aramis, Alongás, Aroás, Amoipiras, Guegês, Jaicós, Pimenteiras, Gilbués, Tapeçuás, Timbiras (DIAS, 2006). Tantas tribos dizimadas e suas práticas em equilíbrio com o ambiente também perdidas, substituídas pelas extrações desmedidas e queimadas da pecuária. E conforme os descendentes de europeus e africanos que buscavam explorar tentando acompanhar os crescentes mercados, também não conseguiram estabelecer com a tímida caatinga um diálogo fértil. Essa se fechava em períodos cada vez mais longos de seca.

Dessa luta pela sobrevivência e contra a indiferença dos outros (ou mesmo como ferramentas dessas luta), a identidade do Piauí se constrói e é construída. Artistas e escritores como Fontes Ibiapina e Hindemburgo Dobal, jornalistas e cientistas como Raimundo Nonato Santana. Muitos desses, por necessidade ou indução, também emigraram para as capitais do sudeste. Levaram para outros cantos do país as raízes que os unem e que eu entendo como a relação com o tempo e o espaço diferentes de outros lugares. O tempo é alongado, os espaços mais ainda. As caminhadas não rendem, e parece-me que só quem se constrói no Piauí

aprende a lidar bem com isso: em silêncio, com serenidade (que não quer dizer tristeza), passo firme e um olhar buscador. Não é o céu que muda, é a terra.

### *BESTIÁRIO*

*O homem e os outros bichos que passeiam  
neste campo de cinza te perseguem.  
E após tantos verões sua presença  
ainda se guarda em ti como na infância.*

*E em ti se faz antiga esta lembrança  
do descuidado andar nestas veredas  
de gado. Mas outra vez nos tabuleiros  
de abril teu cavalim de carnaúba  
estradando no ar campeia ovelhas.  
Vence os campos de outrora e as miunças  
soltas do seu passado te restauram  
em teu tempo. Teu tempo conseqüente  
neste imenso curral em que te amansas  
triste e só campeador de lembranças. (DOBAL, H. 2001)*

*"(...) fora a intensa e repetitiva enunciação da pobreza do piauiense, até à cristalização do estereótipo, que justificara as políticas desenvolvimentistas aplicadas de modo cada vez mais acentuado no Piauí, especialmente durante a euforia modernizadora ocorrida após o golpe civil-militar, que servia para legitimar o regime, notadamente no início dos anos 1970, período do chamado "milagre econômico" brasileiro. Entretanto, como todo estereótipo abriga a ambigüidade, a identidade da pobreza piauiense, ainda recorrentes no presente, não cessaram de incomodar e de ser determinantes para a política, para a cultura local e para a forma como o Estado é visto nacionalmente." (RABELO, 2009.)*

*"Como todo desastre, as secas não são "coisas", mas sim processos. Diferentemente das demais categorias de desastre, por sua vez, as secas se caracterizam por ausências, e não pela presença inconveniente de algo fora do lugar (como são tornados, furacões e inundações, por exemplo). É essa dimensão de ausência que afeta todas as coisas e relações do contexto em que ocorre e que faz da seca, mais do que algo, um campo de possibilidades, e, portanto, um campo de embates matizado por distintos graus de incerteza (...) as secas são mais desastres políticos do que a "natureza que (supostamente) saiu do seu curso". Há, nesse caso em particular, detalhes históricos relevantes que precisam ser mencionados para que se entenda como se constituem tais desastres. No caso do sertão, a dimensão política do desastre tem raízes na importação e imposição forçada de um regime de ocupação do território oriundo de terras com outros regimes de variabilidade ecossistêmica: o nomadismo, forma mais comum de adaptação da vida a ambientes áridos e semiáridos ao redor do mundo, e praticado por populações de animais e de indígenas da região, é desarticulado com a introdução, pelo invasor português, do regime de propriedade particular da terra, o que privatizou também as fontes de água. A história do embate entre os portugueses e as secas é a pedra fundamental da história política colonial da região Nordeste." (TADDEI, R. 2014, p/)*

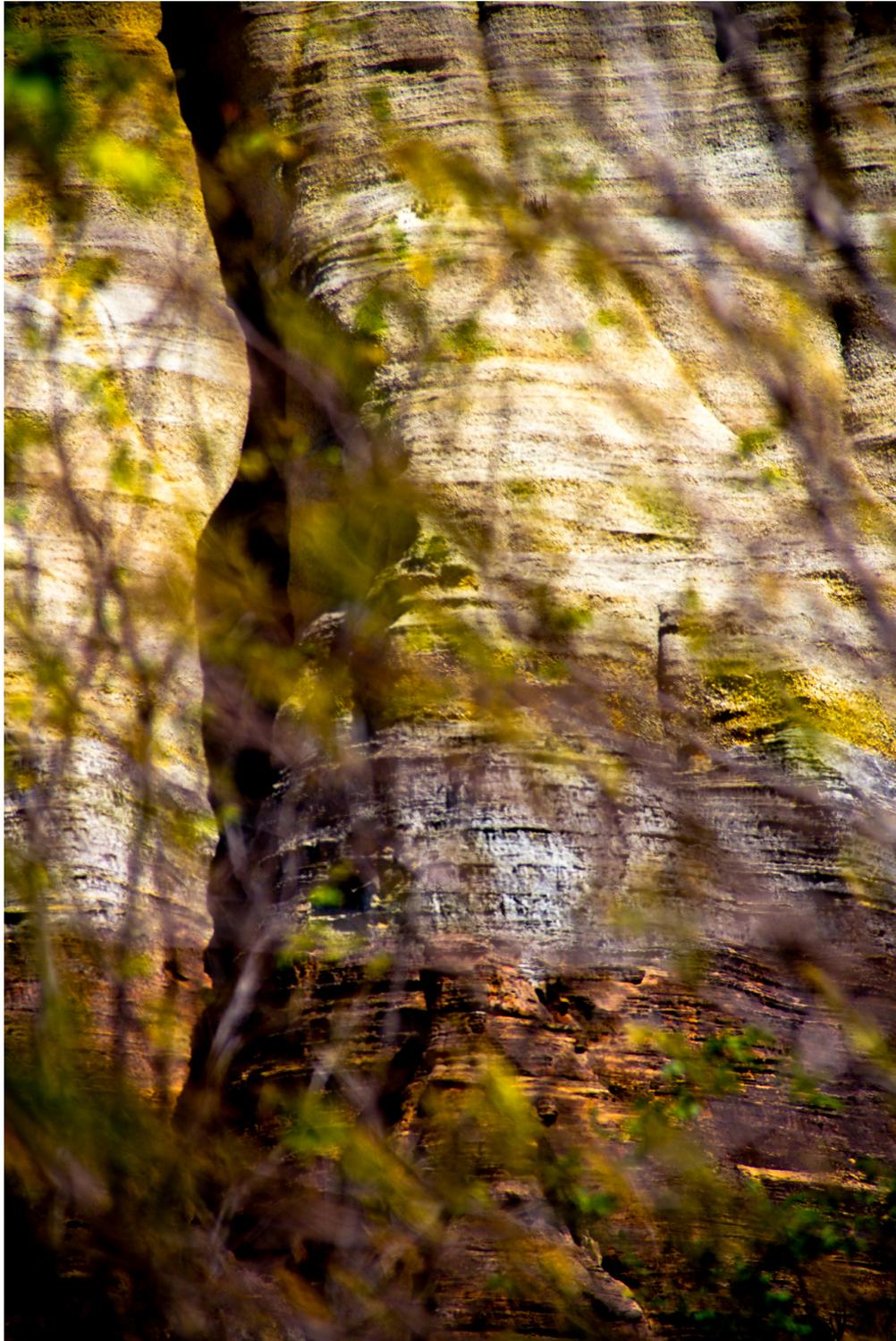
Apesar de vir de berço cantado como esquecido ou até destacado do resto do país, Torquato Neto, artista nascido em Teresina, se preocupava era com a identidade nacional.

Destacado para Torquato era o que vinha da América do Norte, da Europa, de onde o próprio Brasil deveria ser culturalmente emancipado:

*"Assumir completamente tudo que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido". (NETO, T. 1982. p.309)*

Tantas identidades e valores culturais. O índio, o europeu, o americano, o paulista, o nordestino, o piauiense. O que esperar de quem, manual de instruções e comparações que só funcionam nos textos e nas burocracias. No fundo todos transitamos entre encontros, alienações, necessidades e sentimentos. Os territórios caracterizados nos passam uma segurança de reconhecimento e ordens de

conduta e controle que poucas vezes procedem na prática, mas que se fazem presentes nas políticas, nas distribuições de verba, na justiça, nos valores de educação, de moral e no verbo "ser".



*10-Telas*



11 - Encantamentos

## A SERRA DA CAPIVARA

*“(…)A civilização ocidental, a nossa sociedade, chegou lá por volta de 1750, 1790, e muito pontual. Eram exploradores da maniçoba, alguns criadores, exploradores. No começo mesmo, era gente fugindo da polícia...que foram se esconder lá. Depois, os exploradores de maniçoba, que é uma borracha de uma planta que é da família da mandioca. Então, eram pessoas isoladas, que iam de planta em planta, fazendo incisão e colhendo. Quer dizer, no início o impacto foi muito pequeno e os sítios foram protegidos. Alguns deles foram destruídos, porque essas primeiras pessoas se instalaram lá dentro e a fumaça dos fogões deles cobriram as pinturas (...) você não teve uma agricultura motorizada, você não teve grandes estradas, você não teve obras públicas. Então, em outras regiões do Brasil isso tudo pode ter sido destruído.” (RODA VIVA. 2003)<sup>57</sup>*

---

57 Entrevista de Niéde Guidon ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em 2003

Ao final do século XIX, conforme os períodos de seca se alongavam, as populações da fazenda da Várzea Grande (Coronel José Dias) se adentravam na mata em busca de alimento e caça para subsistência, encontrando a maniçoba, uma planta da família da mandioca da qual pode-se extrair látex para a indústria da borracha, que começava a ser explorada comercialmente.

*"\_A época da maniçoba foi em dezesseis, dezessete para vinte, até trinta ainda tiravam maniçoba. Veio muita gente de fora, da Bahia, do Pernambuco e se casaram tudo aqui. Mas era pobreza. As pessoas que vinham de fora passavam muita fome, uma fome terrível." <sup>58</sup> (SOU-SA, M. 2010, p.152)*

Segundo Maria Sueli Rodrigues de Sousa (2010), doutora pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília com a tese "O povo do Zabelê e o Parque Nacional da Serra da Capivara no Estado do Piauí: tensões, desafios e riscos da gestão principiológica da complexidade constitucional", a maniçoba foi o ponto de partida na formação das comunidades dentro da Serra da Capivara, mas apesar de ser uma atividade extrativista, antes da brusca demanda, era uma atividade alternativa à agricultura. Passada essa "febre", seguiu-se para o retorno da agricultura e pecuária (em uma fase de boas chuvas), seguido para a extração de cal e de madeira. As duas últimas atividades citadas representaram os principais agentes de destruição (junto com a caça esportiva e comercial), que se somariam aos argumentos para a formação do parque Nacional Serra da Capivara.

*"Com efeito, as terras disponíveis se tornaram insuficientes para suportar a exploração da força de um boom econômico que chegou a representar 51,54% das receitas de exportação do Estado e 23,28% da receita total(...) A necessidade de ampliar as terras para a extração e*

---

<sup>58</sup> Entrevista realizada por Maria Sueli Rodrigues Sousa, com Isabel Neres de Oliveira, da comunidade bairro São Pedro, em 30/05/2004.

*exploração da maníçoba fez camponeses de “dentro” e de “fora” romperem um espécie de contrato sócio-natural e simbólico, em que a área da serra estava sob regramento da natureza, enquanto o seu sopé era o domínio da cultura (...)* (SOUSA, M. 2010, p.155)

Assim formou-se o núcleo Zabelê e outros ao seu redor, constituindo a população ocupante da Serra da Capivara, Branca e Vermelha.

Nos textos lidos para este trabalho, quase não encontrei associações do Parque Nacional Serra da Capivara ou do homem mais antigo das Américas à construção identitária do Estado. Para Solange Bastos essa foi uma das motivações na escolha do título de seu livro: "O Paraíso é no Piauí". Ele vai de embate ao senso comum já que os vestígios arqueológicas encontradas nos anos 60 são a prova de que esta região, hoje política e socialmente subestimada, pode ter sido nosso berço.

*Niéde - Realmente, você veja: o único presidente que veio até aqui foi o Fernando Henrique, meu caro colega. Foi meu colega na USP. Ele abriu as festividades dos 500 anos aqui, mas mesmo assim, quer dizer, do ponto de vista do governo brasileiro não é uma coisa prioritária a comemoração dos 500 anos de Brasil.<sup>59 60</sup>*

*"No coração do chamado polígono das secas, onde o sertão semi-árido se torna mais severo, onde a caatinga se funde com o cerrado e as irregularidades climáticas do Nordeste se fazem sentir com mais força, existe uma fronteira geológica, ponto de encontro entre os planaltos, localmente chamados chapadas, que formam uma cadeia contínua de serras e uma planície antiquíssima, que forma a depressão periférica do médio São Francisco, o mais importante rio do Nordeste. O contato entre as duas formações é marcado por uma cuesta, imensa linha de paredes verticais de rara beleza. Conhecidas como Serra da Capivara, essas chapadas marcam o limite do Parque Nacional, que toma seu nome e que ocupa uma superfície de 130.000 hectares na bacia sedimentar Maranhão-Pará (...)" (PESSIS, A. 2003, p.27)*

---

59 Anexos: Discurso de Fernando Henrique Cardoso para a cerimônia da Chama do Conhecimento Indígena Anexos, realizado na Serra da Capivara em 26/11/1999

60 Trecho de entrevista direta com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011

Segundo Anne Marie Pessis, o semi-árido de hoje possui suas características desde as mudanças climáticas planetárias ocorridas entre os períodos Pleistoceno (aproximadamente 2 milhões até 11 mil anos atrás) e Holoceno (11 mil anos até o presente), que reduziu as chuvas, mudou os ventos, correntes marítimas e levou a vegetação à substituições e adaptações em condições menos úmidas de solo. Surge assim, a caatinga.

*"(...) O Parque Nacional Serra da Capivara está situado no domínio morfoclimático das caatingas, no qual uma vez por ano acontece o milagre visual da metamorfose da paisagem, lembrando como foi a região antes do início do processo de desertificação. Iguais aos ritos da cultura humana, os ritos da natureza são a memória de sua evolução." (PESSIS, A. 2003, p.27).*

Esta última frase do trecho retirado do livro *Imagens da Pré-História*, alimenta reflexões acerca da evolução. Antes de uma compreensão mais epistemológica da palavra, quando imigrada das ciências biológicas para as humanas, tendemos a aplicá-la como melhoria, crescimento, um trajeto positivo de aprimoramento (presente nos estudos de Lamarck).

Sugiro então, partindo-se deste entendimento de que a evolução não é necessariamente progressiva, que pensemos na História também fora deste percurso ascendente, mas relacionada ao ambiente e às casualidades da vida em sociedade. Se caminhamos em uma direção, é para a morte, e se buscamos alguma progressão, é a imortalidade.

Se coloco as transformações em uma ordem cronológica na construção deste texto, é com o efeito de transformação e consequência, ou talvez de busca por desfechos das ações encadeadas (com ou sem pensamento) que constituem nosso entendimento de vida real. A motivação em se tratar de fatos vividos pelas sociedades à partir da vida de uma só pessoa é justamente um exercício de posicionamento desses fatos com pesos e visões diferentes do conceito "mainstream" de História, ou melhor, da memória coletiva. A possibilidade de remontar os fatos que

muitos vivenciaram de posições diferentes da História é a chance de sempre captarmos mais um ângulo, dos infinitos que compõem o tempo em que vivemos na terra. Não se trata de uma busca por um sentido divino de nossa existência. Não, busco, não quero e não posso julgar. Talvez seja mais um *voyerismo* em busca de conhecimento e autoconhecimento, mas trago fragmentos citações e provocações que me movem nesta construção.

Durante entrevista concedida em Curitiba, em junho de 2013, Vilma Chiara fala sobre a relação que nossa civilização ocidental possui com o tempo, diferente da sociedade indígena Krahô, que se vê pelo espaço. Segundo ela, enquanto seres históricos, temos forte tendência a justificar as coisas por eventos passados, trazendo sempre exemplos e "porquês" em nossos discursos. Vilma, inspirada pelos Krahô, busca uma forma de entendimentos baseada no presente.

***Vilma** - (...) Toda essa ideia: hoje, aqui agora, forma sensação. Eu não busco nada que é histórico, mas sim aquilo que é sentido emocionalmente, hoje.(...)<sup>61</sup>*

---

61 Trecho de entrevista direta com Vilma Chiara. Curitiba, junho de 2013.



*12 - Retorno*



13 - "suba aqui para ver melhor"



14 - *“A nublção de chuva é outra”*



15 - Cores



16 - "posso pisar aqui?"

## MISSÃO FRANCO-BRASILEIRA - PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES

*"Niéde é um ser humano que sempre soube aglutinar pessoas. É o que os americanos denominam "fly-paper". Sabem aquele papel grudento que atrai moscas e elas não desgrudam mais? Só que ela consegue atrair cientistas, estudantes pesquisadores de várias partes do mundo." (MARANCA, S. 2002, p/)*

De volta a São Paulo, em 1973 o primeiro desafio de Niéde Guidon continuava a ser passar pela imigração como cidadã francesa. Embora sua documentação tenha sido destruída por militares conhecidos da tia que a botou no avião para Paris, sabendo que aquele era um dos momentos mais duros do governo militar no Brasil, a tensão era presente mas não a fazia desistir.

Em contato com suas amigas e colegas da USP, e com aval e financiamento francês, Niéde organizou a primeira Missão Franco-brasileira oficial, e então viajaram para o Piauí: Niéde Guidon, Sílvia Maranca e Águeda Vilhena de Moraes:

*"(...) Partimos de S.Paulo em minha Rural Willys, o único carro que poderia enfrentar a região, na época, totalmente isolada do resto do País. Niéde, eu lembro muito bem, tinha conseguido no CNRS da França o equivalente a CR\$ 15.000, e algo mais de um empresário paulista amigo. Fora isto, partimos com a cara e a coragem. Eu mais com a cara do que a coragem, porque sequer imaginava o que me esperava. Não tinha noção do que fosse a seca, o que significa buscar água em um açude (quando havia, e naquele ano tivemos sorte), viver sem luz elétrica, trabalhar com lamparinas de querosene que ardiam mais os olhos do que iluminavam, dormir em rede rezando para que os ratos, que apostavam corrida nas traves de sustento das telhas sem forro, não caíssem na rede (...) Os donos da pensão, dona Delphina e senhor Durval, de Várzea Grande (nome antigo do município Coronel José Dias), garantiam que os ratos não cairiam, mas eu não confiava. Eles conheciam a lei da gravidade? Não! Pois é, nunca nenhum rato caiu sobre nossas redes nos três meses da missão. Podiam não conhecer as leis da física mas conheciam os ratos! (...)"(MARANCA, S. 2002, p/)*

Chegando aos pequenos “povoados” que formavam a região de São Raimundo Nonato, as pesquisadoras e suas alunas, algumas vindo da França, outras de instituições brasileiras, como a USP e UFPI foram em busca de moradores da região que as levassem até as pinturas, e ninguém melhor que os caçadores, conhecedores das vastas matas da região, para guiá-las por ali. Eles sabiam onde havia o que chamavam de “desenhos de caboclos”.

Motivados por um pagamento equivalente a R\$200,00, e intrigados com o interesse das pesquisadoras, os moradores da região adentravam a mata e pas-

savam com elas dias e semanas em busca dos vestígios pré-históricos. Abriam caminho no facão e eram seguidos pela equipe. Na primeira missão, encontraram 55 sítios, e assim seguiram outros períodos de férias acadêmicas do Centre National de la Recherche Scientifique, que se passavam no mais puro sertão, no momento mais quente do ano.

*Niéde - (...) e aí eu tinha um trato com os alunos, porque às vezes acabava a comida: ficava 2,3 dias sem comer e em condições difíceis, aí eles tinham direito, quando a gente voltava para França, escolher um restaurante e ter um jantar para compensar. (...) <sup>62</sup>*

As conversas com os membros das primeiras missões deixou claro como o trabalho pioneiro de prospecção era difícil. A diferença era grande, especialmente para pessoas que viviam em locais não tão quentes e com inúmeros confortos materiais, mas jovens e dispostas, fizeram das dificuldades aprendizado e boas memórias.

*"Em Várzea Grande, o quarto dava para as nossas três redes, as roupas na mala ou penduradas em pregos nas paredes. A comida era arroz, feijão, carne de bode e farinha. Com muita sorte, ovos. Com mais sorte, algum tomate que regávamos com uma latinha de óleo de oliva, acho de cem ml. Era minúscula, que achamos não sei como (e era a única) no supermercado de São Raimundo Nonato em um dia de compras! Nunca mais apreciei tanto o óleo de oliva com aquele pão Pullmann torrado que havíamos levado de São Paulo sabendo que aqui não havia nada (e não havia mesmo). Que delícia que era! O banho de caneca com água, que era tudo menos incolor, inodora e insípida! E beber a mesma água filtrada em um pano era algo que custei a aceitar, mas o calor e a sede venceram. A água não tinha sempre a mesma cor, sabor e odor: dependia das chuvas, do nível do açude (mais baixo-mais alto), da quantidade de gente e animais que se banhavam nele etc.*

*O banheiro, um buraco no fundo do quintal que fedia o dia inteiro, pois dona Delphina só podia jogar água nele duas vezes ao dia, dificultava, claro, todo o processo. Para evitar o cheiro preferíamos ir ao ar livre. Além de tudo, mais saudável, pois o sol esterilizava as fezes, tal o*

---

62 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011 e outubro de 2012.

*calor. Eu não conseguia ir sozinha porque era me agachar que no mínimo dois ou três porcos vindos não sei de onde, me rodeavam e obrigavam a sair. Niéde bem que tentou me ajudar. Ficava espantando os porcos com uma vara, mas Niéde correndo atrás dos porcos, a presença dela mesma também me inibia, então resolvi me curvar ao mau cheiro. (MARANCA, S. 2002, p/)*

*"(...) Como a água era difícil e ninguém queria carregar mais água do que precisava para beber, era comum passarmos 16, 20 dias sem tomar banho. Andando na caatinga, no sol, escavando, imundos todos. Somente a limpeza superficial com aqueles lencinhos de papel com cheiro de lavanda! Por isso todos punham suas redes o mais longe possível uns dos outros! E talvez por isso nenhum mosquito transmissor de doenças nos picava. Combatíamos o flebotomus com o mau-cheiro. (...) Quando devíamos andar muito: trinta, quarenta, sessenta quilômetro, ninguém parava ou bebia. Andar rápido, pensando em uma imensa fonte que jorra água gelada nos esperando no fim do caminho, olhando em frente, procurando chegar o mais rápido possível. Parar, descansar, beber, é prolongar o martírio. O segredo é o prazer do dia em que todos voltam para suas casas, seus amigos, sua cidade. E tendo tudo aquilo para contar: aquelas aventuras de arrepiar os cabelos que deixavam a todos com inveja. E, depois de três ou seis meses nesse regime, a maravilha de poder ir a todos os restaurantes, comer todas as comidas, a manteiga, o pão, o queijo, os doces. Beber todos os champagnes, porque havia muitos quilos que tinham ficado na caatinga do Piauí. Temos o melhor spa do mundo, aproveitem! (...)" (BASTOS, S. 2010, p.62)<sup>63</sup>*

Nessas idas e vindas e embrenhadas nas florestas de caatinga, Guidon conheceu pessoas que teriam grande importância em sua vida e em seu trabalho. Durval, Joãozinho da Borda, Nivaldo e Nilson foram cada um "o primeiro guia" da pesquisadora quando ela aqui chegou. Não ousou questionar. Niéde foi a primeira arqueóloga para cada um deles.

**Niéde - (...)** *Então, não sei, quer dizer. Eu passo tanto tempo aqui no meu trabalho que eu não sei, quer dizer: aqui eu encontrei muitas pessoas absolutamente fantásticas, não é? Como Nivaldo, Joãozinho. São pessoas que foram nossos primeiros guias, que eram pessoas humil-*

---

63 Transcrição de entrevista de Niéde Guidon para Solange Bastos

*des, mas que tinham uma maneira de pensar, de viver a vida, que acho extraordinárias.*<sup>64</sup>

*"(...) era criação de ovelhas, de cabras, de gado e essa agricultura pequena, a mandioca, o feijão, para alimentação. E eram pessoas que moravam lá no meio da caatinga. Nós chegamos a conhecer pessoas que não conheciam ninguém, fora as pessoas da família. Que nunca tinham saído lá daquele meio. Os homens vinham nos dias de feira para vender as coisas aqui, quando tinham algo para vender. As mulheres nunca saíam. Então eram pessoas que tinham um conhecimento muito grande sobre a caatinga, nos ensinavam, por exemplo, quando você está andando e acaba a água, você vai ali, você corta aquela planta, ela tem água. E ensinavam uma porção de coisas para as pessoas. Nós aprendemos muitas coisas dessas pessoas entende? Elas colaboravam, mostraram, foram nos mostrar os sítios, quer dizer, sem eles nós não poderíamos também ter descoberto isso tudo." (MUSEU DA PESSOA, 2008)*<sup>65</sup>

Homens que com ela trabalharam, passaram fome e sede em nome das descobertas científicas. Os chamados mateiros foram todos essenciais na descoberta dos sítios, pois eram as pessoas que moravam e conheciam toda a região. Quando crianças, as brincadeiras e os preparativos para a vida adulta eram explorar as tocas e perseguir animais. Sabiam se orientar em meio aos paus d'arco e angicos, e não tropeçavam nas pedras dos "pés de serra". Jogavam bola na grande toca com vista para o Sítio do Mocó e iam tirar água dos olhos d'água no meio da mata. Caçavam para comer e chamavam as pinturas nas paredes de "desenho dos caboclo". Eu mesma aprendi com um deles que para andar no mato, deve-se andar em silêncio, prestar atenção em tudo e, vez ou outra, quebrar um galhinho para marcar o caminho, mas conhecer o céu, que parece outro céu ali entre as árvores.

---

64 Trecho de entrevista direta realizada com Niéde Guidon em maio de 2011.

65 Transcrição de depoimento de Niéde Guidon para o MUSEU DA PESSOA, 2008.

A maioria da população da região, mesmo dos vilarejos que ficavam dentro das áreas do parque, são brancos ou negros, descendentes de colonos e escravos e, segundo Maria Sueli Souza, devido à forte perseguição a indígenas no final do século XIX, muitos deles se esconderam e passaram a identificar-se como negros, mesmo que carregando de seus parentes os traços nativos.

Descritiva e sem declarar muitos afetos, Niéde pontua quando e como conheceu seus guias e o que fizeram. Não menciona nem comenta o fato de Joãozinho da Borda (João Batista Dias) ter batizado a filha com seu nome, ou melhor, diz somente: "É...coitada, ela tem o meu nome", mas quando Joãozinho conta sobre o nascimento da filha, diz que Niéde chorou ao saber da homenagem. E se nas entrevistas a arqueóloga demonstra uma distância de todos os moradores de São Raimundo, nos intervalos eu sempre ouvia que "a doutora ajudou", mandou levar para o hospital, ligou perguntando ou mandou buscar.

Nivaldo Coelho tem hoje a mesma idade que Niéde. Vive com sua esposa, dona Carmelita, na mesma casa em que vivia quando a arqueóloga chegou a São Raimundo, na comunidade chamada Barreirinho. Hoje a casa tem energia elétrica, televisão, telefone e foi cercada pela antiga escola e pela Cerâmica da Capivara. Nos textos sobre Niéde Guidon que apresentam o guia, a consideração e lealdade é sempre mencionada, e em nossas conversas, Niéde deixou transparecer, mesmo que brevemente, o carinho que sente pelo amigo.

***E...também, ontem a gente esteve de novo com o senhor Nivaldo, e eu perguntei para ele se a esposa dele não tinha ciúmes, porque ele ia levar vocês lá pro meio do mato, procurar os sítios.***

***Niéde - E o que ele falou?***

***Então, e aí eu perguntei para ele se a mulher dele não tinha ciúmes, aí ele falou que não, que inclusive ele voltava toda noite.***

**Niéde** - *Sim, porque a Carmelita sempre foi muito rigorosa, e o Nivaldo tinha paixão por ela, não podia ficar longe dela. Então, às vezes a gente saía de manhã, andava 9, 10 km, subia aquelas subidas terríveis, e trabalhava o dia inteiro. Quando era 4 para 5 horas ele ia embora para ir dormir com a Carmelita. Ia e voltava todo dia. É uma paixão! Eu tinha uma aluna minha que dizia: "Meu Deus! nunca nenhum homem subiu nem 3 degraus por mim, ele sobe e desce isso tudo pela Carmelita!!"*

**(...)** *Senhor Nivaldo falou que proibiram ele de procurar sítio, porque ele ficava achando...*

**Niéde** - *[Sorrindo] Chegou um dia que eu disse: "Chega, Nivaldo! Se não nós vamos morrer aqui!" Aí a gente vinha, ficava dois três meses e ia embora, e ele o resto do tempo... Quando eu voltava, ele tinha um monte de sítios novos! (...) Eu to vendo os cadernos de campo dos primeiros anos: 73, 75... "e daí, chegando o Nivaldo disse que tem sítio aqui lá e lá".<sup>66</sup>*

Os anos se passavam e mais pesquisadores brasileiros e estrangeiros se envolviam com as escavações na Serra da Capivara. Vilma Chiara baseou-se em Teresina e virou professora da Universidade Federal do Piauí, em paralelo ao trabalho de recepcionar e administrar as logísticas da Missão Franco-brasileira. No final dos anos setenta, afastou-se do envolvimento com o parque para dedicar-se às pesquisas próprias, envolvendo antropologia emocional e os mitos de origem, mas a equipe da Missão Arqueológica do Piauí (a Missão franco-brasileira) estava a todo vapor e, em 1978, começa uma escavação do Boqueirão da Pedra Furada, sob a direção de Niéde Guidon.

---

66 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon em outubro de 2012

*Niéde - E daí, quando eu estava trabalhando na Pedra Furada, quando nós chegamos a um dado momento, as datações que eu mandava (tudo era datado na França, nos laboratórios da França) então deu resultado de 18 mil anos. Aí eu falei com a chefe do laboratório, disse: "Escuta, você deve ter misturado as minhas amostras, porque na América não tem nada de 18 mil anos. É tudo mais recente." Ela disse: "Não, a amostra é tua. Volte lá, aumente a escavação, porque a amostra é tua." Aí então, nós ampliamos a escavação. Foi uma escavação imensa. E continuamos até bater na rocha. E à medida que ia baixando, então, passou de 18 para 20, para 30, aí foi aumentando.<sup>67</sup>*

Também entre 1979 e 1981, a arqueóloga espanhola Gabriela Martin Ávila, autoridade nas pesquisas das gravuras rupestres do Seridó, Rio Grande do Norte, e em todo o Nordeste, e então diretora do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, torna-se importante colaboradora do trabalho de Niéde; e Anne Marie Pessis viaja pela primeira vez à Serra da Capivara e se envolve profundamente nas pesquisas ali realizadas, assumindo as análises das pinturas rupestres encontradas nos paredões de pedra.

*"Anne Marie é uma daquelas pessoas que não dizem a idade, que analisam um bom tempo até concluir se alguém é um aliado ou adversário. Uma mulher que se recusa a ser definida como misteriosa, mas alimenta os mistérios. Entre ela e Niéde nasceu imediatamente uma verdadeira amizade e firme colaboração. Apesar das crescentes dificuldades que elas enfrentam para manter o parque, nada jamais ameaça sua relação." (DRÉVILLON, E. 2011, p.47)<sup>68</sup>*

---

67 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon em maio de 2011

68 Anne Marie fait partie de ses personnes qui ne donner pas leur âge, qui jaugent longtemps celle ou celui leur fait face afin de déterminer s'il est un allié ou un adversaire. Une femme qui refuse qu'on la qualifie de mystérieuse mais qui ne cesse d'entretenir le mystère. Entre elle et Niéde este née d'emblée une réelle amitié, une collaboration indéfectible. Malgré les difficultés toujours croissantes qu'elles rencontrent pour maintenir le parc à flot, rien n'a jamais entaché leur lien. (Traduzido pela autora)

*Anne Marie Pessis - (...) o que me interessa é, justamente, as origens do que eu considero um dos fatores mais visíveis da condição humana: a possibilidade de representar o mundo real e irreal graficamente [a humanidade]. É a única espécie que conhecemos que faz isso. É essencial. Por que este lugar e não a França? Porque aqui representaram cenas cotidianas e cerimoniais da época. Você percebe onde tem os aspectos que você pode reconhecer. Não pode interpretar, porque não está mais quem pode interpretá-los, mas pode reconhecer a temática e isso é uma das primeiras questões.*

*Se você vai na gruta de Altamira, na Espanha, o que você vai achar é uma coisa absolutamente espetacular. Mas a interação entre os homens representados (homens, mulheres, crianças e os animais, as espécies que são escolhidas), isso é uma coisa que você só reconhece aqui, acha aqui. Então para mim (que trabalhava com imagem), para mim, elas me trouxeram uma fonte de dados absolutamente diferente. E não tenho achado em todo o mundo uma diversidade e uma riqueza como a que tem na Serra da Capivara. Tem em outras partes do Brasil, mas, sobretudo, concentradas no Nordeste. Então, valeu a pena fazer parte desse desafio feito pela doutora Niéde e entrar nisso, que é o que estamos fazendo hoje.*<sup>69</sup>

As pinturas, que a cada ano se revelavam em mais locais, não são simples rabiscos sem sentido. São marcas com cores fortes e nítidas. Imagens brancas, vermelhas, prateadas que seguem as curvas das paredes, imortalizam os que por ali passaram e que, embora seja impossível conhecermos as intenções e motivações dos pintores, reconhecemos e entendemos (à nossa maneira) símbolos que

---

69 Trecho de entrevista com Anne Marie Pessis, Piauí, maio de 2011

nos representam, representam bichos, ritos, relações. Se eram representações de suas vidas ou evocações de conquistas futuras, não se sabe, mas vieram de pessoas que faziam o mesmo que fazemos hoje: desenhavam, se expressavam, criavam. São inúmeros desenhos de figuras que se assemelham a pessoas, objetos e animais, inclusive que não fazem parte do bioma atual da região, mas poderiam existir em outros tempos mais úmidos.

O que começou somente como uma necessidade de salvar da destruição toda aquela riqueza encontrada, viria a ser um trabalho minucioso, liderado com pulso firme por Anne Marie, de escaneamento, fotogrametria com equipamentos de ponta e um salvamento digital que poderá levar as mais detalhadas informações sobre estes registros a todo o mundo.

*Anne Marie Pessis - (...) me lembro que quando cheguei a primeira vez e disse "veja, que coisa linda que tem aqui!", "Isso não tem de lindo nada! Isso é de caboclo"! Isso refletia o que? Refletia uma estrutura de valores bem diferente do que você vai achar em outros lugares. (...) Somente "ontem" começamos a descobrir...estão pondo todo esse assunto dessa cultura milenar que é a cultura indígena. Estão começando a salientá-la. E as crianças estão tendo livros, que estão fazendo, de uma coisa, de outra, que tem capítulos de todas essas pinturas, sobre como foram feitas... e que nos permite, realmente, informar sobre esse passado. Porque para construir histórias, podemos construí-las todos. Outra coisa é fundamentar histórias. É isso que tentamos ensinar: não é a contar histórias, mas a elaborar histórias, segregar histórias de todo esse material. Eu acho que nós não temos outras funções se não essa, não? Não nos corresponde outras questões. Vê-se que estão fazendo, e também tem importância, mas no ponto de vista científico, que é do*

*que estamos falando, a integração científica, a divulgação científica, essas sim, nos correspondem. E é o que estamos tentando fazer.*<sup>70</sup>

Nas frequentes viagens da equipe franco-brasileira à Serra da Capivara, as pesquisadoras se deparavam com problemas que não só atrapalhavam seu trabalho, mas punham em risco o patrimônio natural e arqueológico da região. Caça, desmatamento, incêndios e extração de cal das paredes com e sem registros somavam-se à percepção de que a população da região era (e ainda é) muito carente, sem nenhuma assistência governamental. O pior de tudo é que a cada semestre que a equipe retornava, este cenário só se agravava.

Em meio à euforia de descobertas com impactos grandiosos na compreensão da história do homem, era também necessário fazer com que a federação assumisse responsabilidade por aquela área. Para isso as pesquisadoras começaram a pressionar o governo federal para que transformasse não só a Serra da Capivara como a área vizinha, da Serra das Confusões, em parques nacionais.

A meu ver, é à partir da fundação do parque Nacional Serra da Capivara, em 1979, que Niéde Guidon deixa de ser somente uma jovem cientista e torna-se um ser político, por ser ciente, ativa, modificadora e direcionadora de sua sociedade.

**Niéde** - (...) o problema é que o parque foi criado, e em 79 não nomearam ninguém, o parque ficou vazio. Depois que explicaram que o Brasil tem o parque no papel, criam o parque mas nunca passa a funcionar, não tem orçamento, não tem nada. Então ficou muitos anos, por isso que a gente criou a Fundação em 86, para fazer pressão sobre Brasília para o parque começar a ter funcionários e a ter alguma estrutura, porque depois que criaram, nos terrenos particulares os proprietários não

---

70 Trecho de entrevista com Anne Marie Pessis. Piauí, maio de 2011

*deixam nem caçar nem desmatar, só eles que podem. E não, todo mundo, quando queria madeira ou queria caçar vinha pro parque "Ah, o parque é do governo, vamos lá!"*

*Então começou um desmatamento muito grande aqui no parque, foi aí que a gente, então, resolveu criar a Fundação, para ter uma pessoa jurídica para poder intervir em Brasília (...) Em 1991, o governo brasileiro solicitou à França que eu fosse emprestada para elaborar um programa para a proteção desses sítios, então eu vim de Paris para cá, me instalei aqui e estou aqui até hoje. Fiz o programa e tudo, mas o Brasil, que pediu para fazer o programa, agora não tem dinheiro para tocar para frente.<sup>71</sup>*

As intervenções e a criação do Parque Nacional Serra da Capivara demandariam a exposição da pesquisadora e vindas mais frequentes ao país. Estas só foram possíveis neste momento, porque o então presidente, João Figueiredo, promulga a lei da anistia (lei nº 6.683) em resposta aos movimentos encabeçados por amigos e familiares de exilados e presos políticos durante a ditadura, e aprova lei que restabelece o pluripartidarismo no país. Mas estas ações sempre foram vistas com ressalvas, pois a anistia não era garantida a todos os exilados e ao mesmo tempo favorecia responsáveis pela prática de tortura. A ditadura caminhava para o fim desde o governo anterior, presidido pelo General Ernesto Geisel e, enfrentando ataques terrorista dos chamados "militares de linha dura", foi encerrada em 1985 com eleições democráticas<sup>72</sup>.

---

71 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011

72 Em 2010, a OAB - Ordem dos advogados do Brasil - levou uma ação ao Supremo Tribunal Eleitoral questionando a aplicação da lei, mas a votação de 7 a 2 manteve sua validade e até hoje ocupam lugar de destaque nas cadeiras do congresso nomes da política nacional que fizeram parte dos governos que instituíram o AI5 - Ato institucional que deu ao regime ditatorial poderes absolutos e assim legitimou atos de tortura e assassinatos de presos políticos.



*17 - Encontros de gerações*

## ARQUEOLOGIA II - O BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA

**Silvia Maranca** - (...)Houve uma época em que só se falava em datação. Tudo que fosse mais recente não prestava. Houve uma época, há anos atrás, que era uma verdadeira mania (...)<sup>73</sup>

---

73 Trecho de entrevista com Silvia Maranca. São Paulo, maio de 2013.

Aumentando as idas e vindas entre França e Brasil, as pesquisas na Serra da Capivara tornaram-se cada vez mais envolventes, e com as primeiras publicações sobre as datações obtidas com Carbono-14 a partir de 1981, e publicações na conceituada revista Nature em 1986, começam as polêmicas acadêmicas questionando a validade de alguns resultados.

*Niéde - Na base rochosa, onde nós tínhamos algumas fogueiras com um material de pedra lascada ao lado, essa deu 100 mil anos<sup>74</sup>. Foi datado na França. Inclusive eu pedi para uma técnica do laboratório, que veio até aqui para pegar as amostras, e tudo, deu 100 mil anos. Então...na Europa não teve nenhum problema. Alguns americanos, não todos, alguns americanos, então, disseram que não podia ser, que a América tinha sido povoada há 15 mil anos atrás por Bering<sup>75</sup>: primeiro a América do Norte, depois que vieram para cá. Isso hoje já está completamente ultrapassado, porque já existem datações antigas, de americanos mesmo, no México, no Chile. No México tem uma equipe inglesa que está trabalhando. Tem datações antigas também no Golfo do México. Então isso é algo que ficou passado, não é?  
E diziam que aquelas pedras não eram pedras lascadas pelo homem, eram pedras que tinham caído lá de cima e tinham lascado naturalmente. Justamente, foi Éric Boëda que fez o estudo (ele é um grande especialista em pedras lascadas). A conclusão dele foi: pedras que foram lascadas e utilizadas pelo homem.<sup>76</sup>*

---

74 Datação obtida posteriormente às publicações da década de oitenta e noventa.

75 Ver ANEXO 2.

76 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

Em 1986, o arqueólogo/paleontólogo italiano Fábio Parenti assume as escavações no Boqueirão da Pedra Furada<sup>77</sup>, e a partir de 1988 elabora sua tese de doutorado sob a orientação de Niéde Guidon.

***Fábio Parenti: [a tese de doutorado] Trata da análise completa de uma jazida paleolítica importante, submetida à polêmicas e ambígua. A conclusão principal, em que poucos colegas acreditam, é que tem artefatos no Piauí a partir de 60.000 anos de hoje.<sup>78</sup>***

A “polêmica ambígua” a que Parenti se refere é ao fato de, em 1986, após a publicação na revista Nature<sup>79</sup> das datações obtidas em Carbono14 para os artefatos, muitos arqueólogos não aceitaram as novas constatações que refutam a teoria vigente de que os primeiros homens das Américas chegaram ao continente americano vindo da Ásia através do estreito de Bering, localizado no Alasca. Essa teoria é baseada em evidências irrefutáveis (ossos ou instrumentos indubitavelmente feitos por mãos humanas na mesma camada que artefatos que contenham matérias orgânicas ou passíveis de datação, como carbono) encontradas no Novo México, com datações entre onze e quinze mil anos. Existirem vestígios de presença humana no Brasil com mais de cem mil anos, não significa, necessariamente, que estes homens não vieram pelo mesmo caminho, mas levanta mais possibilidades, inclusive que possam ter chegado da África pelo Atlântico. Essas hipóteses são levantadas de acordo com a análise dos vestígios e contextos espaciais em que são encontrados, e dependem também da forma como são escavadas e analisadas. No caso das escavações no Boqueirão da Pedra Furada, foram en-

---

77 Com resultados publicados em 2003 (PARENTI F., 2003. Le gisement quaternaire de la Pedra Furada (Piauí, Brésil). Stratigraphie, chronologie, evolution culturelle, Paris, Ed. Recherches sur les civilisations).

78 Trecho de entrevista com Fábio Parenti concedida por email em 2013

79 Carbon-14 dates point to man in the Americas 32.000 years ago.” Nature , vol. 321, n° 6072,19-25 june, pp. 769-771

contrados carvões com um lado queimado e outras características, inclusive de contexto, que indicam serem provenientes de fogueiras humanas, mas ainda assim, pesquisadores, em sua maioria americanos e brasileiros, se mantiveram por anos céticos e pouco dispostos a serem convencidos, tanto por essa pesquisa, como outras realizadas no México e em outros locais da América do Sul. Vale lembrar que, também em 1986, é fundado o Congresso Mundial de Arqueologia (World Archaeological Congress), que democratizou em muitos aspectos a prática e compreensão dessa ciência<sup>80</sup> (FUNARI 2013), e que por essa razão, incomodou muitos pesquisadores mais conservadores.

*"Os desafiadores, que vigorosamente discordam com a barreira arbitrária de 12 mil anos apontam para sítios que estão hoje no centro da disputa, e querem que essa entrada seja recuada para 16 mil, até 30 mil anos. Até recentemente, parecia que todos começariam a pensar nessas bases para um novo consenso, mas nos últimos meses houve um "alarme" de que alguns pesquisadores agem como a "polícia de Clovis", patrulhando a antiga barreira contra novas incursões. E este movimento contrarrevolucionário tem, por sua vez, soltado algumas trocas de farpas na comunidade de arqueólogos e antropólogos que estudam a pré-história das Américas.*

*(...) Estas reações podem ser o início de um movimento concebido para restaurar a hipótese de Clóvis para a sua posição anterior, de "autoridade" inquestionável. É muito cedo para dizer o quão bem sucedido será, mas a sua história fornece uma janela para o que acontece em um campo quando um velho consenso começa a erodir e um novo parece estar tomando forma.*

*As opiniões e interpretações assumem grande importância. Questões de estilo pessoal, nuances de apresentação, até mesmo o apoio de colegas (ou a falta dele) avultam. Até que um novo consenso se estabeleça, a agitação dos temperamentos e mudanças radicais de opinião são a regra. Uma das razões pela qual a discussão sobre previsões da chegada do homem nas Américas tem aumentado é que os desafiado-*

---

80 A fundação, em 1986, do Congresso Mundial de Arqueologia (World Archaeological Congress) foi, nesse aspecto, marcante, pois introduziu as questões sociais e políticas na organização mesma da disciplina, com a introdução de indígenas, leigos e arqueólogos de lugares periféricos no centro da organização. Nunca antes havia sido possível ver índios, geógrafos, arqueólogos jovens e catedráticos em mesas de discussão em condições de igualdade. A diversidade foi alçada à condição de valor, assim como a quebra das hierarquias. A disciplina passou a voltarse, de forma cada vez mais intensa, para o envolvimento com a sociedade, pela difusão voltada não apenas para os pares, como para os estudiosos de outras disciplinas e, mais ainda, para as pessoas em geral e para comunidades específicas em particular, de indígenas a crianças, de idosos a aqueles com necessidades especiais.

*res da antiga visão recebem ampla publicidade.”<sup>81</sup> (MARSHALL, E. Science Magazine, 1990. p/)*

Levando em conta a importância de se apresentar a seriedade do trabalho ali realizado a seus pares e ciente da necessidade de outros arqueólogos conheçam ao vivo os sítios e artefatos estudados, tanto para serem instigados a complementarem as pesquisas quanto para tirarem suas próprias conclusões, em 1993, a FUMDHAM realiza em São Raimundo Nonato a Reunião Internacional Sobre o Povoamento das Américas. Entre os pesquisadores convidados estava Tom Dillehay, da University of Kentucky, que também teve suas conclusões questionadas pelos pares em escavações de vestígios datados com mais de 14 mil anos em Monte Verde, no Chile. Após a visita, Dillehay publicou com outros autores, James Adovasio, do Mercyhurst Archaeological Institute, na Pennsylvania e David Meltzer, da Southern Methodist University, no Texas, um artigo declarando não ter sido convencido de que os sítios também se tratavam de ocupações mais antigas que as norte-americanas (e automaticamente também que as de suas pesquisas). Seu texto foi respondido em 1996 por Niéde e Anne Marie Pessis.

*“Em uma revisão dos problemas e controvérsias que rodeiam o povoamento das Américas, Guidon e Arnaud (1991:177) com precisão sugerem que: “Trabalho em conjunto, encontros de especialistas no site e debates formais deveriam ocorrer regularmente, se queremos estabelecer bases, consensos e avaliar evidências”. Foi com este espírito que um convite nos foi graciosamente enviado para visitar a Toca do Boqueirão da Pedra Furada e participar da Reunião Internacional Sobre o Povoamento das Américas, em São Raimundo Nonato, Brasil, em dezembro de 1993. Foi também com este espírito que aceitamos o convite.*

*Apesar de retornarmos do Brasil positivamente impressionados com o escopo do trabalho realizado na Pedra Furada, também retornamos sem ser convencidos de que os sítios comprovam uma ocupação humana do Pleistoceno. Isso não é, nós nos apressamos a dizer, uma conclusão final sobre o sítio; devemos aguardar a publicação da tese de Parenti sobre os outros vestígios. Revelamos, porém nossas preocupa-*

---

81 Tradução da autora. Ver texto original em ANEXO 3.

*ções com a cronologia, geologia, artefatos, características e aspectos relacionados com a ocupação humana no Pleistoceno, proposto na Pedra Furada.*

*Claro, não somos especialistas em dados e evidências coletados na Pedra Furada; nosso conhecimento do site é baseado em apresentações que ouvimos na Conferência, duas visitas de sites (e visitas a outros seis locais com possíveis ocupações de Pleistoceno na região), e uma inspeção rápida do material recuperado, completadas por uma leitura da literatura local disponível. Nem esperamos que as nossas opiniões sejam compartilhadas pelos nossos colegas (mesmo aqueles que viram o site com a gente); entendemos muito bem como outros indivíduos ou grupos podem ver a mesma evidência de forma diferente.” (MELTZER, D. J.; ADOVASIO, J.M. e DILLEHAY, T.D. 1994, p/)*<sup>82</sup>

*“Devemos trabalhar de forma interdisciplinar. Os dados fornecidos por diferentes especialistas contribuem para um explicação completa. Nada é estático neste meio; a honestidade científica deve existir onde os dados que existem e os que estão incompletos são analisados com o mesmo cuidado e rigor. Meltzer et al. não possuem 10 anos de resultados de escavação. Eles não são especialistas em Arqueologia do Pleistoceno em regiões tropicais, como torna-se evidente ao ler suas observações. Enfatizando suas qualificações, eles não levam em conta o currículo da equipe da Pedra Furada.”<sup>83</sup> ( GUIDON, N. PESSIS, A. PARENTI, F. 1996, p/)*

Todos cientes de que a possibilidade de se encontrar ossos humanos para datações tão recuadas e em solo tão ácido seriam mínimas, as dúvidas iam da procedência dos carvões datados (se não poderiam ser gerados por fogo natural), e das pedras lascadas (se não poderiam ser causadas por quedas ou por macacos-prego, naturais da região). O debate acadêmico com os colegas americanos durou anos, e no cenário brasileiro de pesquisas, as novas proposições também foram noticiadas como polêmica.

---

82 Tradução da autora. Ver texto original em ANEXO 4

83 We must work in an interdisciplinary way, the data supplied by different specialisms contributing to full explanation. Nothing is static in this field; a scientific honesty must exist in which data that exist and data which are lacking are analysed with equal care and rigour. Meltzer et al. do not possess 10 years' worth of excavation results. They are not specialists in the Pleistocene archaeology of tropical regions, as becomes evident when one reads their observations. Emphasizing their qualifications and experience, they do not take the curricula of the Pedra Furada team into account.” Nature and age of the deposits in Pedra Furada, Brazil: reply to Meltzer, Adovasio & Dillehay N. GUIDON, A.-M. PESSIS, FABIO PARENTI, (traduzido pela autora)

*"Niède Guidon não é uma unanimidade na arqueologia. "Não tenho nada a declarar a respeito dela", avisa o bioarqueólogo da USP Walter Neves. O arqueólogo Andre Prous, que foi processado por Niède, também prefere o silêncio. Ele defende que as datações obtidas por ela no sítio Boqueirão da Pedra Furada não estão corretas. O francês, professor da UFMG, afirma que tanto os artefatos de rocha lascada quanto os carvões encontrados por Niède podem ser resultado de processos naturais e não obra de humanos. O processo movido pela arqueóloga foi motivado por um artigo na Revista da USP em que Prous critica "as tentativas sistemáticas de apresentar Pedra Furada como o lugar onde qualquer tipo de vestígio é mais antigo". "No campo científico não pode haver intimidação. As controvérsias devem ser resolvidas pelo debate", pondera Walter Neves.*

*Sobre as teses de Niède, ele é categórico: "A América foi povoada a partir do norte, isso é um consenso(...)" (FRAIA, E. Revista Trip 135. 2005)*

Dos críticos à teoria desenvolvida na Serra da Capivara, muitos mudaram de opinião ao longo do tempo. Walter Neves, antropólogo e bioarqueólogo, fundador e coordenador do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos do Instituto de Biociências USP, é responsável pelo estudo da Luzia, o esqueleto humano de 11 mil anos encontrado por Annette Emperaire em Lagoa Santa, Minas Gerais. Convidado a prefaciar o livro *O Paraíso é no Piauí*, Neves fala de sua experiência ao visitar os sítios na Serra da Capivara.

*"Passei os últimos 20 anos me opondo, nem sempre de forma muito educada, às ideias e pretensões de Niède quanto à ocupação no continente americano. Por isso, me pareceu uma loucura quando Solange me convidou para prefaciar este livro. Aceitei desde que fosse um documento informal, divertido, mantendo assim o tom geral do livro. Que não tivesse, também, que abrir mão da minha conhecida verve crítica e que Niède aceitasse minha indicação. As três coisas foram concedidas. Nos últimos quatro anos, a convite de Niède, tenho frequentado, sempre que posso, o Parque Nacional Serra da Capivara, visitando sítios arqueológicos polêmicos ou não, examinando os supostos artefatos de pedra lascada da Pedra Furada e, por último, mas não menos importante, analisando parte do acervo esquelético humano da FUMDHAM. Pequeno, mas muito informativo. Nessa aproximação, convenci-me de pelo menos uma coisa: o conjunto de remanescentes arqueológicos da Pedra Furada é bastante sugestivo de que o homem tenha sido, de fato, o autor*

*dos toscos artefatos líticos ali encontrados por Niéde e Fábio Parenti. Digamos que estou 99,9% convencido disto, mas o 0,1% que ainda me resta de dúvida é suficientemente significativo para tirar a qualidade do meu sono.” (Walter Neves in BASTOS, 2010. P.13)*

Neves, também autor de estudos polêmicos, propõe o modelo dos dois componentes biológicos de ocupação, sendo o primeiro de migrações de *homo-sapiens*, há 14 mil anos e semelhantes aos povos australianos e africanos, e o segundo há 12 mil anos, com o mesmo tipo físico dos mongóis e dos índios sul-americanos atuais. Segundo ele, a primeira onda migratória não teria deixado descendentes, mas recentemente uma descoberta feita por pesquisadores americanos e mexicanos traz de volta os questionamentos e reforça possibilidades.

*“Uma exploração arqueológica com ares cinematográficos, na qual mergulhadores vasculharam uma caverna inundada no México, acabou trazendo à tona um dos mais antigos esqueletos humanos das Américas, o de uma adolescente morta há cerca de 12 mil anos. Embora o crânio dela tenha traços “africanos”, como os do famoso esqueleto brasileiro conhecido como Luzia, uma análise preliminar de DNA mostrou ligações genéticas entre a garota e os indígenas atuais.*

*O achado, descrito na revista especializada “Science” por uma equipe de cientistas americanos e mexicanos, volta a colocar lenha na fogueira de um campo de pesquisa já naturalmente controverso. Os autores da pesquisa dizem que os dados de DNA favorecem a hipótese de que apenas uma população humana da Ásia contribuiu para o povoamento das Américas, ideia contestada pelo principal especialista brasileiro no tema, Walter Neves, da USP.” (LOPES, R. Folha de São Paulo, 2014)*

Ao tratar dessa recente descoberta, mais uma vez no centro do programa Roda Viva, televisionado pela TV Cultura em 29 de setembro de 2014, Niéde salienta: *“Quer dizer, os africanos vindos do sul e os asiáticos vindos do Norte, entende? Quer dizer, é só uma questão de pesquisa”.*

Tom Dillehay, respeitado e questionado por suas pesquisas e crítico de muitas outras, seguindo a premissa de "Guilty until proven innocent"<sup>84</sup>, também reviu suas "inconclusões" sobre os artefatos líticos da Serra da Capivara. Em 2014 teve suas reconsiderações publicadas na revista *Antiquity*, juntamente com um consistente artigo da Missão Franco-Brasileira encabeçada por Eric Boëda no sítio do Vale da Pedra Furada (não o mesmo estudado por Fabio Parenti). O artigo traz as análises e conclusões sobre seixos (pedaços de rochas) de quartzo e quartzito datados em 24 mil anos, conforme publicou Bernardo Esteves, jornalista que acompanha os trabalhos na Serra da Capivara, já abordou o trabalho ali realizado em matérias para a revista *Piauí* e foi um dos entrevistadores de Niéde durante o programa *Roda-Viva* de 2014.

*"(...) Para evitar que, mais uma vez, a origem humana dos artefatos fosse questionada, os autores redobram o cuidado com as análises. Todos os fragmentos líticos encontrados na escavação que tivessem mais de 2 cm numa das dimensões foram catalogados e analisados (...). Outra novidade foi a análise funcional, que permite apontar o tipo de uso que se fez das ferramentas na pré-história. O exame indicou que alguns artefatos parecem ter sido usados para cortar materiais como carne, madeira ou couro. "Os resultados confirmam que os artefatos foram fabricados por humanos e usados por indivíduos em suas atividades cotidianas", escreveram os autores. Ao interpretar os resultados do trabalho, os autores afirmam que as Américas podem ter sido ocupadas por populações distintas em episódios dispersos no tempo e no espaço, sem que esses grupos tivessem contato significativo uns com os outros. "Precisamos aceitar que as Américas do Norte e do Sul foram ocupadas como resultado de eventos de migração sucessivos e irregulares. Apenas as ondas de migração mais marcantes permanecem visíveis no registro arqueológico. Ainda assim, a visibilidade desses eventos não deve ofuscar os demais."*

*Cioso dos debates acalorados que a questão costuma provocar, o editor da *Antiquity* decidiu publicar, junto com o artigo franco-brasileiro, cinco comentários feitos por especialistas independentes de diferentes especialidades da arqueologia. O mais simbólico deles é o publicado pelo americano Tom Dillehay, da Universidade Vanderbilt (...)*

*Em seu comentário, Dillehay disse que mudou de ideia após examinar o material lítico encontrado nos novos sítios do Piauí. "Estou mais convencido de que alguns desses seixos foram talhados por humanos",*

---

84 "Culpado até que se prove inocente" (traduzido pela autora)

*escreveu o americano, ele próprio autor de achados arqueológicos antigos no sul do Chile que levaram anos até serem aceitos pelos colegas. "Os registros humanos mais antigos na América do Sul são mais diversos que os encontrados na América do Norte e devem ser examinados com padrões e expectativas mais flexíveis", concluiu.*

*(...) esta é a primeira vez em que ele registra sua nova convicção na literatura acadêmica. "Dillehay havia assassinado o Boqueirão da Pedra Furada há vinte anos, então é muito importante que ele reconheça nossos resultados", contou o francês Eric Boëda, que há alguns anos assumiu o lugar de Niéde Guidon à frente da equipe de pesquisadores da Serra da Capivara." (ESTEVEZ, B. Revista Piauí, 2014. p/)*

**Niéde** - (...) As nossas pesquisas são aceitas perfeitamente na Europa. Só os Estados Unidos, alguns americanos que têm esse problema.

**E no Brasil?**

**Niéde** - Ah, no Brasil acho que também não têm, porque você tem em outros lugares agora. A Anne Marie está com datações muito antigas no Nordeste ..A Maria Beltrão já teve... Sei que é só mesmo alguns americanos

**E qual que é a datação mais antiga, atual?**

**Niéde** - Aqui na Pedra Furada nós temos 100 mil anos com Termoluminescência.

**E fora isso, fora a questão da antiguidade, o que que tem sido trabalhado?**

**Niéde** - A parte da arte rupestre, não é? Que é uma quantidade de sítios que não existe em outro lugar no mundo. Nós estamos com 1334 sítios de arte rupestre. Também toda tecnologia lítica. Tem uma excelente tecnologia, inclusive o professor Eric Boëda disse que tem material aqui que se ele não soubesse que era daqui, ele pensaria que era da França. Quer dizer, a mesma qualidade. E isso, quando eu estudei

*se dizia que o material lítico americano era de baixa qualidade técnica, não é? Por quê? Porque não tinha escavações suficientes, que as escavações eram poucas. Agora aqui, que nós temos uma quantidade muito grande de escavações, coleções imensas que nós temos, foi possível demonstrar que nós dominamos perfeitamente a tecnologia do trabalho lítico e da cerâmica também.*<sup>85</sup>

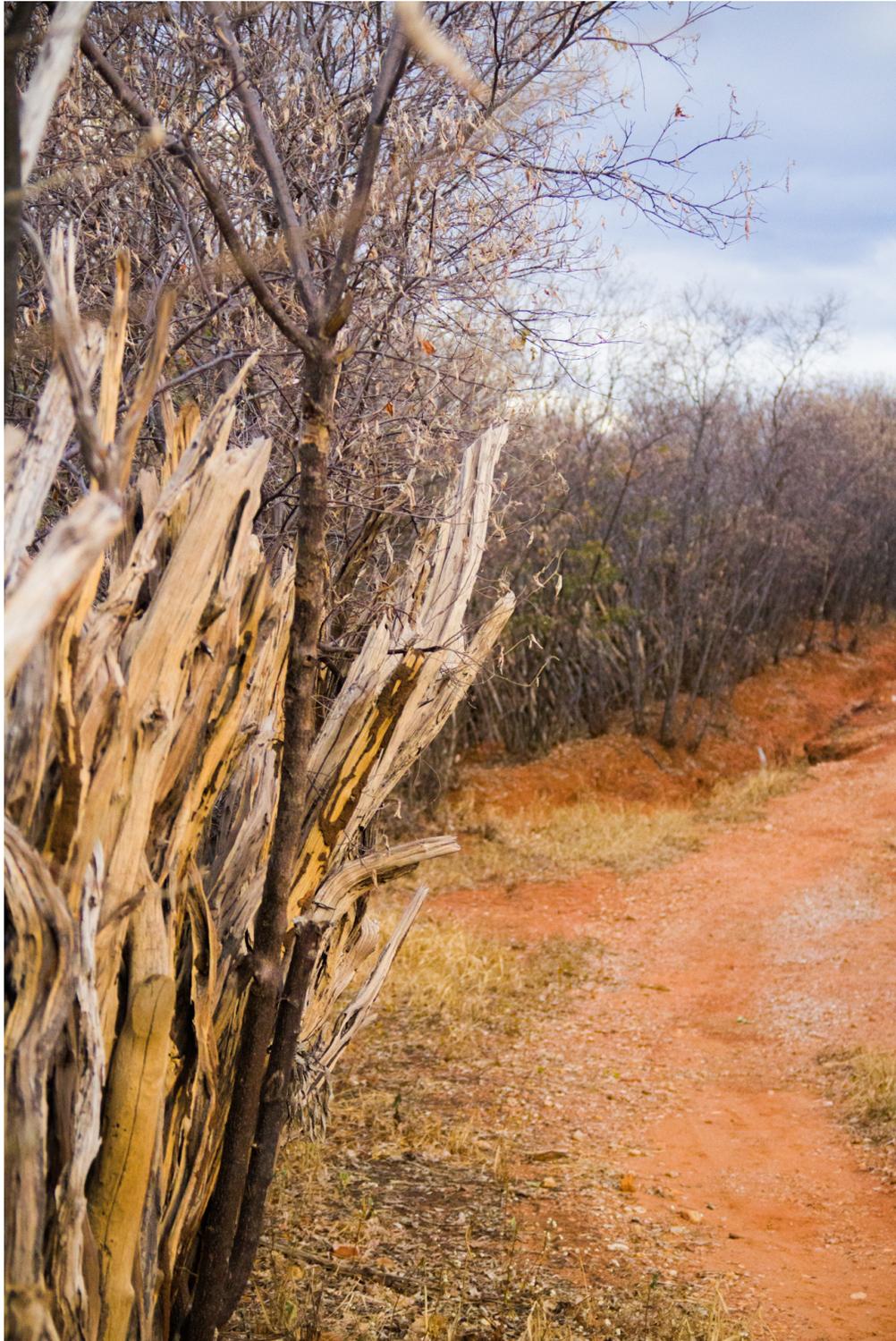
Entendo que a forma de combinação das informações factuais encontradas em pesquisas arqueológicas e relacionadas (ou melhor dizendo: na Ciência em geral), somadas às metodologias de trabalho de campo e pesquisa, podem reforçar, confirmar ou refutar diferentes teorias. Essas teorias não estão somente ligadas aos estudos, mas às relações políticas, institucionais e "histórico-subjetivas" de seus realizadores, e nada é estático. Diante de nossas descobertas e aprendizados de cada dia, até mesmo o passado pode mudar. Também diante das formatações e sistematizações esperadas e necessárias de cada área, autoridades científicas tornam-se personas que não conseguem ou não querem se desvincular dessas formatações, tornando-se representantes (muitas vezes involuntários) de toda uma comunidade cheia de expectativas, preocupações e críticas. O cientista também faz a imagem do que estuda, imagem então moldada também pela mídia em suas diversas instâncias. Vejo como maior potência nesta discussão, a paixão pelo processo de pesquisa, em todas as suas etapas (o campo, a análise e a publicação). É como se a "inflamação" maior dos pares fosse movida mais pela ameaça de interrupção desse processo do que por resultados propriamente ditos. Talvez, no fundo a gente saiba que não tem como chegar na origem, mas é reconfortante ter um objetivo e aprender tanto com ele.

*"Talvez seja arriscado considerar a oposição do verdadeiro e do falso como um terceiro sistema de exclusão (...) É claro que, colocando-*

---

85 Trecho de entrevista com Niéde Guidon em outubro de 2012

*nos, no interior de um discurso, ao nível de uma proposição, a partilha entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas, numa outra escala, se nos pusermos a questão de saber, no interior dos nossos discursos, qual foi, qual é, constantemente, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos da nossa história, ou, na sua forma muito geral, qual o tipo de partilha que rege a nossa vontade de saber, então talvez vejamos desenhar-se qualquer coisa como um sistema de exclusão (sistema histórico, modificável, institucionalmente constrangedor). (FOUCAULT, M. 1998, p.3)*



*18 - Divisas*

## O PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - CONFLITOS

*“(...) fica a marca deles mesmo e fica o "cartão postal”, que nem nós diz agora. Vai ficar para sempre(...) Aí, vão olhar que aqui teve alguém por aqui. Devia ser tipo de uma amostra, quando eles saíssem, ficava para alguém, quando aparecesse outra geração, [eles] saberem que tinha passado uma já aí. A minha impressão é essa: ficar de geração para geração...*

*Agora já nós não pode pintar mais, mas eles podiam. (...) Sei que é uma marca que eles deixaram, e hoje em dia essa marca está dando muito futuro para nós aqui. Está dando renda, está dando trabalho, dando história para contar. Um conta de um jeito, outro conta de outro, aí assim está ficando. Cada vez vai passando e as histórias vão aumentando. Um diz que tem 10 mil anos, outro chega diz que tem 100, outro chega e diz que tem 300, mas isso aí é só lenda, é só...estudo que faz e tem que fazer mesmo, mas ninguém sabe quando foi feito isso aí não.”<sup>86</sup>(ENTREEXTREMOS, João Paulo Azevedo, 2010).*

---

86 Depoimento de Francisco Reinaldo, Seu Chico, antigo morador da área e atualmente guia e “mateiro” que acompanha os pesquisadores à Serra da Capivara.

Este foi um depoimento de Francisco Reinaldo - Seu Chico, antigo morador da área onde se concentra o Parque Nacional e atualmente guia e "mateiro" que acompanha os pesquisadores à Serra da Capivara, para o documentário EntreExtremos, de João Paulo Azevedo, de 2010. Seu Chico, com sua pele morena queimada, bigode, camisa fina de algodão e chapéu de cangaceiro observa, pensativo, o paredão de pinturas.

O passado traz nostalgia e a memória da injustiça para alguns, aventuras e descobertas para outros. O presente traz a assimilação e os frutos colhidos (ou não) com as ações de cada grupo. A ruptura se faz presente em muitas falas, mas paira também a dúvida de como tudo seria, hoje, sem as mudanças. A memória plástica remodelada (GINZBURG, C. 2010) se molda em nosso presente e potencializa nosso futuro.

*(...) memória, como Marc Bloch, o grande historiador disse, ao falar sobre memória nas sociedades medievais na Europa medieval: a memória é uma força extremamente plástica. Então, há memória a respeito de eventos, tradições, mas elas são continuamente remodeladas. E quando estamos na esfera da memória, é impossível verificar, é impossível criar uma distinção entre o que é verdade e o que é remodelado. Então, acredito que a memória nos fornece instrumentos que estão sempre abertos à rejeição, mas essa é a parte científica deles. E esses instrumentos possibilitam a confirmação de dados e de memórias. (GINZBURG, C. Fronteiras do Pensamento, 2010)*

*(...) Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, fotografias, CD roms, obras de arte, e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergam e possam, então, ser registradas e analisadas. Depois desse processo, elas passam então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade. (SIMSOM. O. 2006, p.1)*

E foi nas tantas conversas que tive com moradores de São Raimundo e pesquisadores, que memórias eram evocadas e organizadas em palavras e sequên-

cias, para uma explicação de como tudo aconteceu. Ações, conclusões e sentimentos acordavam em frente à câmera.

**Severino (pai)** - *Aí foi o tempo que a doutora Niéde começou com o pessoal, fazendo o alevantamento do pessoal de lá. Aí, eu na rua não estava sabendo do que se tratava, e alguém mais sabido fazia. A Niniha não procurava nada, e nem também foi informada por ninguém. Quando eu vim saber, o alevantamento já tinha sido feito.*

*Aí era para todo mundo desocupar. Aí eu digo: "Bom, se todo mundo está saindo de suas roças para ir embora, a obrigação minha também é sair também, porque eu trabalho no terreno do governo, não trabalho em terra própria, que não comprei. Não podia comprar. Que lá ninguém era dono de nada.*

*Aí, quando vi os outros tudo desocupando, deixei minhas roças cheia de mandioca, de feijão, de fava, de jerimum.*

**Geraldo (filho)** - *A gente que fez a casinha e tudo.*

**Severino** - *Uns ainda receberam alguma coisa, que teve desses que ainda deu para comer 2, 3 quilos de carne. Eu não recebi foi para comprar nada, até hoje...*

### ***E como vocês reconstruíram a vida depois?***

**Severino** - *Aí eu fui, falei com prefeito, ele cedeu um pedacinho de terreno 10X25, eu fui, fiz um "barracozinho", foi crescendo (...) Hoje estou morando na casa do meu filho.*

*(...) Aí depois, quando eu fui atrás, que eu fui lá na doutora Niéde, que eu corri atrás, ela disse: "Agora não dá mais para fazer, que já foi feito o*

*alevramento. Inclusive, a terra que o senhor tinha lá, eu só fiz foi terminar de concluir...de ajeitar a roça."*

*Tinha sido de 2, daí um vendeu pro outro, o outro foi, pegou e me vendeu. Foi onde que eu estava acabando de me ajeitar. Era na roça. Aí não deu, porque o cara, por trás, mais sabido, fez o alevramento da dele, da minha e de todos, e eu fiquei...A doutora Niéde disse: "Pois eu vou fora arrumar um recurso para você, quando eu vier, aí você me procura" Eu procurei, ela não deu solução...*

*Aí depois, lá no fórum da rua, ela disse: "Pois esses que eu não paguei, que alevanta a mão". Aí, quando nós levantemo a mão, aí ela olhou para mim e conheceu que eu era dos que saiu de lá sem nada. Quando ela foi saindo, eu fui atrás dela, eu digo: "Doutora, e o meu?" "Ah, Severino, depois a gente conversa...Você quer voltar para lá?" Eu digo: "Ah, doutora, agora não dá mais não, porque já saiu o pessoal tudinho. Só ficar eu e os bicho, as onças, numa distância de 5 léguas para sair aqui no poste?" E eu digo "Mas de eu entrar na sua propriedade, que a senhora é quem está comandando... e para mim, entrar na sua propriedade, mas eu sair, ser obrigado um vigia me acompanhar, não dá para mim." Aí ela disse: "Não, eu dou uma carta para você entrar e sair na hora que quiser." Aí eu disse: "Não, deixa estar, obrigado" .*

**Iracema (mãe) - Ficar lá presa?**

**Severino** - *Porque quem ficava lá era sujeito. Porque até para gente visitar um defunto que está enterrado lá no cemitério do Zabelê, é com autorização e um guia até lá. Depois não entra. E aí, para que? Então a gente tem que viver é solto, que hoje não tem nem mais bicho preso.*

**Geraldo** - *Não tem mais nem bicho preso, quanto mais gente (...)*

*E, para mim, eu vou dizer: hoje, se não tivesse isso aí hoje, que eu já tenho um filho de 16, 17 anos, já tem mulher já, também, é o seguinte,*

*digamos, se fosse tudo liberal, acho que a gente não conhecia um tatu, uma onça, nenhuma coisa e outra, não é? Tudo isso aí, pode passar a conhecer, só basta visitar, não é? Então eu digo que aí, ela...se não fosse ela, acho que estava muito acabado aí.*

**Severino** - *Não, São Raimundo Nonato estava de água abaixo, por causa de que...a coisa mais melhor do mundo é esse parque nacional (...)*

**Geraldo** - *(...) Ela gosta de ser realista com as coisas dela, não é? Eu trabalhei com ela e sei. Ela é muito realista com as coisas dela. O que ela tem que fazer, ela vai fazer.*

**Severino** - *Se eu não estou lá, morando lá dentro, é porque eu disse mesmo a ela que eu não queria ser vigiado.*

**Geraldo** - *para morar lá só, não é? para morar, só, lá...*

**Severino** - *Sozinho não vou não. Porque tem...*

**Geraldo** - *Se tivesse mais gente , tudo bem, né?*

**Severino** - *Tem muitos bichos perigosos, né?*

**Geraldo** - *Então aí, hoje a gente também... a gente se sente magoado por que que os outros...todo mundo recebeu essa indenização. Ou pouco ou muito, receberam, não é? E ele não recebeu, né?*

**Severino** - *Não, eu não recebi, meu filho, mas não tem melhor do que o pai eterno?*

**Geraldo** - *Mas é o seguinte...porque os direitos são iguais, né?*

**Severino** - *Não, meu filho, mas é assim mesmo, se Deus...*

**Iracema** - *Não tamos passando?*

**Geraldo** - *Tamo passando, mãe, mas é o seguinte*

**Severino** - (...) *Mas eu sou conformado com o que Deus me deu.*

**Geraldo** - (...) *Agora, essa mágoa eu tenho também. Essa mágoa eu tenho.*

**Iracema** - *Documento de lá tem tudo.*

**Geraldo** - (...) *Toda a documentação que você exigir, tem (...) A gente comprova que ele morava lá, comprova que ele tinha terra lá, e todo mundo recebeu e meu pai não recebeu.*

(...) *Essa revolta aí eu sinto, nessa parte aí. Ou da Niéde ou do Governo. Essa revolta eu sinto. (...)*<sup>87</sup>

Severino, sua esposa Iracema e o filho Geraldo, uma das famílias que foram desapropriadas de suas terras. Em nossa breve conversa, eles parecem lamentar mais a perda do direito de circular por seu passado do que da saída das terras. Resilientes, não debatem a mudança, afinal, tantas vezes já devem ter se mudado; mas sentem a impossibilidade, a vigilância, o controle exercido pelos "mais sábios", pelo governo, pelos "mais espertos", sem questionar a também vigilância de seu Deus, que os acompanha e acalenta seus passos e garante a serenidade para a sobrevivência, talvez.

*"Suponho, mas sem estar muito certo disso, que não há nenhuma sociedade onde não existam narrativas maiores, que se contam, se repetem, e que se vão mudando; fórmulas, textos, coleções ritualizadas de discursos, que se recitam em circunstâncias determinadas; coisas ditas uma vez e que são preservadas, porque suspeitamos que nelas haja algo como um segredo ou uma riqueza. Em suma, pode suspeitar-se que há nas sociedades, de um modo muito regular, uma espécie de desnível entre os discursos: os discursos que "se dizem" ao correr dos dias e das relações, discursos que se esquecem no próprio ato que lhes deu origem; e os discursos que estão na origem de um certo número de novos atos de fala, atos que os retomam, os transformam ou falam de-*

---

<sup>87</sup> Trechos de entrevista concedida à autora, por Severino Caboclo Barbosa, Iracema Florência dos Santos e Geraldo Santos Barbosa no assentamento Lagoa - Novo Zabelê, em maio de 2011

*les, numa palavra, os discursos que, indefinidamente e para além da sua formulação, são ditos, ficam ditos, e estão ainda por dizer. Sabemos da sua existência no nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando pensamos no seu estatuto, a que se chama "literários"; e numa certa medida também, os textos científicos." (FOUCAULT, M. 1998, p.6)*

Este é mais um trabalho plástico de sobreposição de memórias, depoimentos, matérias e contos registrados por e para diferentes personalidades. Como traz Foucault, vemos como discursos se reciclam em determinadas circunstâncias, e em alguns casos, se fazem instantaneamente sob discursos dominantes, de "Deus", dos "mais sábios", dos documentos. A revolta surge quando se observa que existem falhas nessas ordens, e por mais que o tempo tenha trazido a compreensão de algumas coisas, traz também a espera frustrada de confirmações desses discursos impostos.

Quantas nuances vemos nos modos de descrever, nas posições dos textos, e nas tentativas de neutralidade por parte de quem registra? Enquanto a doutora em direito Maria Sueli Rodrigues de Sousa coletava os depoimentos dos antigos moradores da comunidade Zabelê, com suas motivações e recortes, inclusive trazendo seu posicionamento no início do texto, a jornalista francesa Elizabeth Drévilon também as fez com sua linguagem, seus métodos, repertório e cultura própria. Também Solange Bastos e outros jornalistas brasileiros tiveram suas abordagens, e agora eu tomo a liberdade de remontar esses depoimentos, com grande respeito e buscando compreender os contextos em que foram levantados, trazendo os caminhos por onde estes textos me levam e ciente (e satisfeita) que isso levará os leitores a incontáveis interpretações. Quão grande é o trabalho da sociedade ocidental de, ao mesmo tempo, interpretar e reciclar o passado para a construção do presente e do futuro, acreditando que essa construção é, como já antes discutido, evolutiva, verticalizada e nos levará às alturas da realização plena? Mas e se esse passado, na realidade nos "presenteia" com eventos que, por mais que tentemos encaixar em construções morais, leis, livros, exemplos, religiões e tradições, sempre pedem improvisos? No meu caso, esses eventos e os infinitos pon-

tos de vista de onde podemos interpretá-los me deixam cada vez mais convencida de que não existe dicotomia no mundo.

Será que o que devemos mesmo apegar-nos aos exemplos do passado, ou superá-los, como trouxe Hannah Arendt? Temos tantos exemplos já interpretados que nos trazem a ilusão do controle sobre a vida. Podemos simplesmente comparar Niéde Guidon aos coronéis nordestinos, a Chico Mendes ou às defensoras dos primatas, Jane Goodall e Dian Fossey? Ao assumir papéis de muitas pessoas, a pesquisadora é rapidamente tachada, ou como heroína ou autoritária, mas nos esquecemos que ela é única, e teve de lidar a seu modo, com sua história, com a realidade que encontrou e com seus próprios instrumentos, desejos e limitações. Niéde trabalhou muito por seu posicionamento, foi cobrada e criticada por isso. Se aclamada por seus feitos, diz que não terminou ou que não foi o suficiente.

*Niéde - (...) é o que eu digo: eu prefiro sempre dizer a verdade de face, porque eu posso manter a minha posição. Se eu começo a querer dar um jeitinho, depois tem que voltar atrás. Então, aparentemente a minha posição é uma posição difícil, mas eu acho mais fácil que as outras. Eu não crio ficções, eu falo a realidade e enfrento a realidade. (...) <sup>88</sup>*

---

88 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011



*19 - Ondas*

## TERRITÓRIOS

A constituição de um Parque Nacional: Unidade de Conservação de proteção integral, implica no impedimento de qualquer atividade agrícola e de criação e na desocupação de moradores, salvo somente sobre regras pré estabelecidas pela administração e se a moradia for com fins de manejo da reserva.

O Decreto Nº 84.017, de 21 de setembro de 1979, assinado pelo presidente João Baptista de Figueiredo, determinou que o objetivo principal dos Parques Nacionais reside na preservação dos ecossistemas naturais englobados contra quaisquer alterações que os desvirtuem; separa as Zonas de Manejo desde intangíveis (que devem permanecer intactas) até Zonas Primitivas, de Uso Extensivo, Intensivo, Histórico-Culturais, de Uso Especial e Recuperação, de acordo com intervenções mínimas do homem, até as necessárias como prédios administrativos, de manutenção e recuperação de animais.

No que se refere à criação do Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no sudeste do Estado do Piauí, Maria Sueli Rodrigues de Sousa, cujo trabalho já foi aqui mencionado, discute justamente as diferenças de interesses, poderes, papéis e discursos da população local, do governo e das instituições privadas e/ou de pesquisa envolvidas no processo.

Sousa (2010) levanta o problema da separação constitucional radical e muitas vezes injusta entre o público e o privado ou entre individual e coletivo, já que, para se preservar o patrimônio nacional, as regras rígidas e, na perspectiva da autora, romantizadas de conservacionismo (considerando a natureza separada das práticas culturais contemporâneas) prejudicaram os próprios cidadãos dessa nação, pois violou direitos de moradia, além de outros problemas no processo de desapropriação apontados por entrevistados em sua pesquisa, como a não participação dos ex-moradores na gestão do parque.

Antes de ser transformada em parque nacional, a área de 129.140<sup>89</sup> hectares e perímetro de 214 quilômetros abrigava aproximadamente 700 famílias de agricultores e descendentes dos exploradores de maniçoba vindos de estados como Pernambuco e Bahia. A chegada de Niéde Guidon e as descobertas de mais e mais sítios arqueológicos desencadearam o interesse de pesquisadores e a busca por maneiras de se preservar tanto o patrimônio material cultural pré-histórico, quanto a floresta de caatinga, delicada e única no mundo. Mas diante da legislação vigente e da exclusividade e relevância do ecossistema da região, o órgão responsável pela institucionalização de unidades de conservação naquele momento, o IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - apresentou como única solução a transformação da área em Unidade de Conservação de Proteção Integral, com todas as limitações de manejo anteriormente mencionados. Alternativas como Área de Proteção Ambiental ou Reserva de Desenvolvimento Sustentável, embora já estivessem em discussão desde os anos 1970, só foram considerados para casos como este e devidamente oficializados à partir dos anos 1981 e

---

89 na ocasião do registro do parque, a área delimitada era de 100.000 he

2000, respectivamente. Estes tipos de delimitações determinam regras de interação com o meio natural concomitantes à habitação e produção de populações locais

Em se tratando da proteção dos sítios arqueológicos, na ocasião da implantação do parque, as leis existentes até 1979 não contemplavam tal preocupação; assim, também por prever a abertura para visitação e pesquisas científicas, o Parque Nacional seria o enquadramento vigente possível para o caso.

*"O modelo de unidades de conservação adotado no Brasil, e no Terceiro Mundo em geral, é um dos principais elementos de estratégia para a conservação da natureza. Ele deriva da concepção de áreas protegidas, construída no século passado nos Estados Unidos, com o objetivo de proteger a vida selvagem (wilderness) ameaçada pelo avanço da civilização urbano-industrial. Esse modelo expandiu-se logo em seguida para o Canadá e países europeus, consolidando-se como um padrão mundial, principalmente à partir da década de 60, quando o número e a extensão das áreas protegidas ampliaram-se enormemente em todo o mundo. A idéia que fundamenta este modelo é a de que a alteração e domesticação de toda a biosfera pelo ser humano é inevitável, sendo necessário e possível conservar pedaços do mundo natural em seu estado originário, antes da intervenção humana. Lugares onde o ser humano possa reverenciar a natureza intocada, refazer suas energias materiais e espirituais e pesquisar a própria natureza .*

*(...) Assim, esse modelo supõe uma dicotomia conflitante entre ser humano e natureza, supõe que as comunidades locais são incapazes de desenvolver um manejo mais sábio dos recursos naturais (o que pode ser verdade nos casos de extrativismo comercial em grande escala, mas não em todos os casos), e finalmente, que estas áreas podem ser perpetuadas num estado de natural equilíbrio. Ainda que este modelo possa ser relativamente adequado aos EUA, dada a existência de grandes áreas desabitadas, sua transposição para o Terceiro Mundo mostra-se problemática, pois mesmo as áreas consideradas isoladas ou selvagens abrigam populações humanas, as quais, como decorrência do modelo adotado, devem ser retiradas de suas terras, transformadas de agora em diante em unidade de conservação para benefício das populações urbanas (turismo ecológico), das futuras gerações, do equilíbrio ecossistêmico necessário à humanidade em geral, da pesquisa científica, mas não das populações locais." (ARRUDA, R. 1999, p.83)*

Entende-se como patrimônio imaterial, as práticas culturais contemporâneas derivadas de tradições, enquanto os vestígios materiais arqueológicos represen-

tam essas práticas dos povos que habitaram a região em outros tempos (e no caso de vestígios pré-históricos ou mesmo em discussões políticas, frequentemente vê-se o índio como parte da natureza, e não da sociedade). Práticas passadas e presentes coexistem e interagem com ambientes naturais em maiores ou menores instâncias. Apenas a Constituição de 1988 procura finalmente integrar a cultura popular como patrimônio imaterial em interação com o patrimônio material em contexto. Mas ainda assim, no caso do Parque Nacional Serra da Capivara, o processo já estava em andamento aos moldes antigos, e as preocupações em se desenvolver um ambiente integrado não vieram do governo.

*“Há não muito tempo, Joachim Hermann (1989, p.36) sugeriu que 'uma consciência histórica é estreitamente relacionada com os monumentos arqueológicos e arquitetônicos e que tais monumentos constituem importantes marcos na transmissão do conhecimento, da compreensão e da consciência histórica'. Não há identidade sem memória, como diz uma canção catalã: 'aqueles que perdem suas origens, perdem sua identidade também' (BALLART, 1997, p.43). Os monumentos históricos e os restos arqueológicos são importantes portadores de mensagens e, por sua própria natureza como cultura material, são usados pelos atores sociais para produzir significado, em especial ao materializar conceitos como identidade nacional e diferença étnica. Deveríamos, entretanto, procurar encarar estes artefatos como socialmente construídos e contestados, em termos culturais, antes que como portadores de significados inerentes e ahistóricos, inspiradores, pois, de reflexões, mais do que de admiração (POTTER, [s.d.]). Uma abordagem antropológica do próprio patrimônio cultural ajuda a desmascarar a manipulação do passado (HAAS, 1996). A experiência brasileira, a esse respeito, é muito clara: a manipulação oficial do passado, incluindo-se o gerenciamento do patrimônio, é, de forma constante, reinterpretada pelo povo. Como resumiu Antônio Augusto Arantes (1990, p.4): 'o patrimônio brasileiro preservado oficialmente mostra um país distante e estrangeiro, apenas acessível por um lado, não fosse o fato de que os grupos sociais o reelaboram de maneira simbólica'. Esses estratos são os excluídos do poder e, assim, da preservação do patrimônio.” (FUNARI, P. 2001, p/)*

A situação vivida pelos moradores da comunidade Zabelê e da Serra Vermelha no final dos anos setenta, ao serem desapropriados pela conservação da fauna, flora e vestígios arqueológicos da região, não é a única a refletir um problema cada vez mais evidente que a separação sociedade X natureza traz. O

francês Bruno Latour, filósofo da ciência, no livro *"Políticas da Natureza - Como fazer ciência na democracia"*, discute essa separação conceitual e prática, suas consequências e como seria possível superá-la.

*"(...) as noções de natureza e de política já haviam sido desenhadas, ao longo dos séculos, para tornar impossível qualquer reconciliação, qualquer síntese, qualquer combinação entre os dois termos. Coisa ainda mais grave, pretendeu-se, no entusiasmo de uma visão ecumênica, "ultrapassar" a antiga distinção dos humanos e das coisas, dos sujeitos de direito e dos objetos de ciência, sem considerar que eles haviam sido aparelhados, delineados, esculpido, para se tornarem pouco a pouco incompatíveis. Muito longe de "ultrapassar" as dicotomias do homem e da natureza, do sujeito e do objeto, dos sistemas de produção e do ambiente, a fim de encontrar o mais rapidamente possível os remédios para a crise, era preciso, ao contrário, diminuir o movimento, tomar seu tempo, suspendê-lo, depois descer abaixo destas dicotomias para cavar como a velha toupeira (...) "a natureza" - esta mistura de política grega, de cartesianismo francês e de parques americanos (...)"(LATOUR, B. 2004 p.15)*

Para Maria Sueli Rodrigues Sousa (2010), o processo de transformação da área da Serra da Capivara em Parque Nacional apresentou diversos problemas.

*"(...) A autonomia privada foi violada nos seguintes aspectos: direito de proprietário e de posseiro, direito de moradia, alimentação, livre exercício da profissão, cultura, patrimônio imaterial e material, no processo de indenização que levou em conta uma interpretação do direito de posse como direito precário, que garante ao possuidor apenas indenização pelas benfeitorias, sem considerar que a posse era também a garantia de moradia, alimentação e exercício da profissão de trabalhador rural. Isso violou também o acesso a um meio ambiente saudável como direito fundamental que lhes é garantido." (SOUSA, M. 2010. p. 202)*

Mais do que as indenizações, mais que a mudança para a cidade, o que se faz mais presente entre as falas de muitos dos ex-moradores das Serras é o incômodo por serem, agora, somente visitantes de um lugar que antes era sua casa, ou de sentirem sua liberdade de ir e vir violada pela presença e controle de guardas e guias.



20 - Acessos

## PROTAGONISTA DOS CONFLITOS.

Muito envolvida em todo processo de implantação do Parque Nacional Serra da Capivara do começo até hoje, Niéde Guidon é o nome que primeiro a ele se atribui, por administrar e trazer a atenção de instituições de pesquisa, turismo e preservação ambiental ao local, também por ser a idealizadora do projeto, sua porta-voz e obter sucesso na conquista, para o Parque, da posição de Patrimônio da Humanidade perante a UNESCO em 1991.

Niéde é também uma das criadoras e presidente da Fundação Museu do Homem Americano desde sua primeira formação, em 1986, que como ela diz, teve a finalidade de pressionar o governo para a implantação da reserva. Em 1994 a Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM - assinou um convênio de co-gestão do parque com o IBAMA, e em 2002 um contrato de parceria com a mesma instituição assumindo sua manutenção.

Conectando algumas pontas soltas do decorrer do texto, já que em certo momento assinalei que Niéde tornara-se um ser político (por ação e influencia em sociedade), aqui chega o momento, seguindo timidamente Latour, de considerar aspectos do conflito entre essa política e os pressupostos como, então, se compreendia a natureza.

Por estar em comunicação com todas as instâncias envolvidas no processo de restrição da área: governo, moradores, pesquisadores e empresários, Niéde passou também a representar o papel de agente, vista ora como causadora, ora solucionadora de muitos dos problemas dessa transição. Esses papéis que, na realidade, muitas vezes se dividiam entre diversas pessoas, leis e contextos, e que hoje também levam o filtro do tempo e da memória, orbitam quase que somente ao redor do nome da arqueóloga. Apesar de, em nossas conversas, Niéde nunca ter usado o termo (e também não em outras entrevistas que concedeu), pode-se dizer que assumiu um posicionamento "conservacionista" para com o patrimônio cultural e natural da região.

Por um lado, essa postura pode relacionar-se à sua formação fortemente ligada à Antropologia francesa, ávida por resguardar as culturas nativas, selvagens e originais. Ou, seguindo a própria reflexão desse "momento" da Antropologia sobre a Cultura (que tira muitos aprendizados nas civilizações nativas), eu deva me ater ao raciocínio prático de administradora de Niéde, e analisar friamente sua postura diante dos eventos que viveu, principalmente por ela não trazer um discurso assistencialista, apesar de enxergar e condenar a desigualdade e ineficácia do poder público em sanar os problemas do local onde trabalha.

Por vezes Niéde demonstra assumir a realidade encontrada e jogar o jogo necessário para atingir o que acredita. Em sua visão (e ação), a institucionalização do parque não só preservaria a natureza e os vestígios arqueológicos, como geraria emprego para a população da região e traria desenvolvimento para as cidades do entorno através do turismo, uma vez que a agricultura é instável e infeliz na caatinga. Niéde trabalha por esses ideais desde então. A Fundação Museu do Ho-

mem Americano cria, ao longo do tempo, projetos sociais e de contrapartida de pesquisas que se fazem efetivos na transformação das cidades em torno do parque, mas a pesquisadora foi por vezes descrita como radical e inflexível ao tratar de questões relativas à preservação, combate à caça ou outros tipos de extração ou interferência que não passassem por seu crivo. Por sua postura, surgiram casos e declarações de pessoas que passaram por ali, de que a mesma força e energia que aplicou para desenvolver o Parque Nacional e as pesquisas arqueológicas era também extravasada em forma de exigências egocêntricas ou autoritárias; também de que a volatilidade de funcionários não seria somente pela aridez e isolamento da região, mas por uma rotina e ambiente de trabalho por vezes também áridos.

*"Niéde é contra Deus*

*A arqueóloga diminui a velocidade, brega sobre uma ponte. O rio Piauí deveria correr ali, mas o lugar mais parece um depósito de lixo. "O povo da cidade diz: 'Deus criou os animais para o homem comer, a doutora Niéde não deixa caçar, ela é contra Deus. Deus criou o mundo para os homens, Niéde quer o parque apenas para os animais'. 'O governo federal precisa decidir logo que tipo de projeto de desenvolvimento será aplicado aqui: o turismo, o ensino superior e a pesquisa ou a ignorância e os assentamentos do jeito que estão sendo feitos', sentencia numa revolta contida.*

*Niéde é contra o assistencialismo*

*'Políticas como a do Fome Zero não levam o país a lugar algum. O dinheiro que chegou ao Nordeste nos últimos 50 anos é quase o dobro do Plano Marshall, que reconstruiu a Europa. A inclusão social não se faz com assistencialismo, mas sim com educação e saúde, oferecendo aos mais pobres condições para que eles possam se desenvolver.' Niéde Guidon chegou a sugerir, com ironia, que todos os blocos rochosos com pinturas do parque sejam recortados e transportados para um museu a ser designado pelo Ministério da Cultura caso os assentamentos fiquem como estão. 'Precisamos preservar o parque. Só o turismo e a educação podem desenvolver esta região. A terra daqui é ingrata, incentivar a agricultura é um erro.' (FRAIA, E. Revista Trip, 2005)*

**Niéde** - *Veja a infra estrutura dessa cidade. Eu não sei. Eu acho que teria trabalho para todos os brasileiros trabalharem, fazerem um país bonito. Não precisa de bolsa, não precisa nada. Bota todo mundo para trabalhar! Constrói esse país! Esse país não existe! Você veja, olha, esse aqui é o rio Piauí. Quando eu estava aqui, o rio Piauí corria. Plantaram dentro, fizeram as roças aí. Plantaram essa árvore que seca tudo, mas que dá umas..ela dá umas vagens que o gado come, só que o gado daqui é magro porque essas vagens fazem muito mal pro sistema digestivo. Quer dizer: eles não conhecem nada e vivem dessa maneira completamente retrógrada.*<sup>90</sup>

*(...) Aí, quando foi em setenta e cinco, ela [Niéde Guidon] me disse: "Nilson, aqui vai ser um Parque Nacional, aqui no meio de vocês vai ser um Parque Nacional. Vocês vão viver tudo empregado." E veio conversar. Aí, quando é oferecido emprego, você fica animado. Aí, a gente conversava com o pessoal e eles aceitavam ela muito bem. Quando foi em oitenta, aí começou a dizer que nós tinha que sair de lá. Nós não sabia que tinha que sair. Dez anos sem nós saber. Quando foi com dez anos depois ela disse que era para gente sair. Aí foi aquela luta danada. Quando foi em oitenta e seis começaram a sair com o pessoal de lá."<sup>91</sup>(SOUSA, M. 2010, p,81)*

**Niéde** - *O Zabelê, então: quando começamos a trabalhar aqui (inclusive foi muita gente daqui que me mostrou os sítios, e tudo), eles sempre diziam... eu falei que a gente estava pensando em pedir para criar o parque e eles diziam: "Aí, que bom, porque daí a gente sai daqui, porque aqui é muito longe". Não tinha estrada, era muito difícil chegar na cidade. Quando tinha uma criança doente, até chegar na cidade já morreu. Realmente, eles queriam muito sair daqui. Depois, quando criaram o parque, que teve aquele questão de demorar, entende? A coisa pior*

---

90 Trechos de entrevistas com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011

91 Entrevista concedida por Nilson Parente Alves a Maria Sueli Rodrigues de Sousa, no assentamento Novo Zabelê, em 27/04/2007

*foi o seguinte: que todos os moradores daqui... era tudo terra do governo. Eles eram todos, na realidade, invasores. Quer dizer, eles não tinham documento. Então o governo não podia pagar. Aí foi toda uma encrenca danada. Daí eles começaram a se colocar contra o parque por causa disso.*

*Então, finalmente, nós conseguimos convencer Brasília de indenizar pelas benfeitorias, porque já que eles não tinham título de propriedade...*

*Daí, então, nós ficamos encarregados de fazer a avaliação, e a gente avaliou bem alto o preço. A terra também não tinha grande valor aqui, então, de qualquer maneira eles receberam uma quantia significativa, que dava para começar a vida fora.*

*Mas daí aquela coisa: um comprou um caminhão que não sabia guiar direito, na primeira curva destruiu o caminhão; o outro trocou a mulher velha dele, que tinha ajudado, que tinha os filhos, tudo, por uma novinha, bonitinha. Largou mulher e filho e daí acabou tudo mal.*

*Agora eles têm uma, receberam uma terra lá embaixo, perto da cidade (mais ou menos uns 10km da cidade), criaram o Novo Zabelê. Então eles receberam o terreno e 18 mil reais para fazer uma casa e para poder, então, se instalar lá. Mas daí aquela coisa: fizeram uma casa horrosa, pequenininha, compraram um negócio na cidade, e a maior parte deles vive na cidade, botaram um negócio, coisas assim. Também aqui a agricultura não dá nada.*

*Tem gente que ainda está dentro do parque, não saiu, está dentro do parque.*

*(...) Eles pegaram um advogado aqui da cidade. Então tinha que ir em Teresina receber, aí o advogado foi em Teresina, recebeu para eles, e eu sabia que o IBAMA tinha pago. Daí quando começa "Ah, não recebemos! Não recebemos!", eu perguntei e o IBAMA disse: "Entregamos todos os cheques para o advogado deles, aqui está o recibo". Só que o*

*advogado pegou e ficou com o dinheiro. Então é: quem é mais ladrão é que se dá melhor.*

*Eu estou querendo fazer um doutorado para virar ladra, e aí vocês vão me ver. Se eu fizer um bom doutorado, vou virar senadora pelo Piauí.<sup>92</sup>*

Em paralelo às entrevistas que Niéde me concedeu, frequentemente trago algumas transcrições de depoimentos de moradores da região para Maria Sueli Rodrigues de Sousa (2010), bem como alguns documentos por ela coletados que remodelam passados de pessoas com quem não conversei, mas com quem posso ter cruzado, cumprimentado ou conversado brevemente em algumas de minhas passagens.

*"(...) Uma firma lá do Rio de Janeiro veio para fazer um levantamento dos bens dos moradores de lá, e aí a firma veio fazer o levantamento dos bens e fizeram de todo esse povo, de criação de gado, de propriedade, fruteiras e a quantidade de lavoura que as pessoas tinham condição de lavrar. E fizeram o trabalho deles bem feito, passaram para ela, Niéde, e ela levou para o IBAMA fazer o pagamento. E lá, o IBAMA enrolou e foi enrolando o povo (...) e ela proibiu, quer dizer, proibiu não, incentivou o povo lá, que não fizesse mais serviço, que era perdido e não adiantava ninguém fazer mais. E o povo ficava sem serviço e sem receber. E aconteceu que o povo ali no Zabelê ficava sem trabalhar e sem receber aquilo e sem poder sair, aí com o espaço de tempo, o povo foram pressionando ela, Niéde, e ela dizia "Não, isso é com o IBAMA", mas o povo num tinha nada a ver com IBAMA, inclusive eu nem conhecia IBAMA, e ele dizia para gente ir atrás da Niéde. Aí ficou aquela confusão: falar com Amarantino, ir atrás da Niéde, e até que saiu o pagamento do povo do Zabelê em três etapas. Quando saiu este pagamento, o povo já estava tudo desanimado, o povo já estava tudo cansado de esperar, e o pagamento já desvalorizado daquelas coisas que já com muito tempo. Aí, você sabe o que foi que aconteceu? Foi pago um pé de laranja por uma dúzia que é paga lá na feira se São Raimundo Nonato."<sup>93</sup> (SOUSA, M. 2010, p.87)*

---

92 Trechos de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.

93 Entrevista concedida por José Clementino Alvez Parente, Seu Quelé, a Maria Sueli Rodrigues de Sousa, no assentamento Lagoa - Novo Zabelê, em 25/05/2007

*“(..)\_Aí as casas foram derrubadas?*

*\_Foram, a Niéde mandou passar até o trator, acho que era para o povo não voltar lá. Ela não indenizou todo mundo de uma só vez. Tinha um tanque, um açude muito grande, aí vinha o pessoal, as meninas tomavam banho, passavam o dia lá, gostavam de lá. Final de semana faziam festa lá, ia muita gente daqui.*

*\_E a senhora nunca mais andou lá?*

*\_Não. Nunca mais fui não.”<sup>94</sup> (SOUSA, M. 2010, p.83)*

*“\_Eu tenho um sobrinho que matou a irmã dele e ela [Niéde Guidon] está com ele na prisão, diz que não solta mais, (...) um sobrinho meu que é delegado de polícia, o Salvador, me disse bem aqui, na noite passada, que o Paulo não está solto porque a família dele é muito pobre (...) E a pobre da mulherzinha dele aí, lutando, trabalhando para criar a filhinha (...) Ele matou ela aí dentro do parco, mas a prisão do Paulo mais é porque ele matou ela dentro do parco, ele matou mulher dentro do parco, uma vigia do parco. Se ele queria matar, eu ia ensinar a ele como fazer, sair fora do parco, mas no parco, ave-Maria, dentro da propriedade do governo, com é que pode ser solto?(...)”<sup>95</sup>(SOUSA, M. 2010, p.85)*

*“Aos vinte e nove (29) dias, do mês de agosto, do ano de dois mil e seis, compareceu a esta Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, o SR. Alberto Gonçalves Bispo, brasileiro, casado, lavrador, RG nº (ver original), residente e domiciliado na Fazenda Pé dos Morros, Capelinha, Município de João Costa, PI, para declarar o que se segue: que reside no endereço acima desde 1971, onde é proprietário e legítimo possuidor de uma área de 80 hectares, que herdou a referida propriedade de familiares, que por volta de 1978 apareceu em sua propriedade uma senhora, chamada “Dra Nied Guidon”, que dizia-se geóloga, e tinha a missão de fotografar e fazer uma medição da área, para a criação do que seria hoje o Parque Nacional Serra das Capivaras, o qual foi registrado por volta de 1985; apareceu na região um grupo de funcionários do IBAMA para fazer o levantamento dos proprietários e posseiros que estariam dentro da área do parque, afirmando que todos teriam que deixar o local, mas que seriam indenizados, que depois de 1987, aproximadamente, o declarante e outros proprietários que possuem escritura das terras, foram chamados pelos advogados da “Dra Nied”, por diversas vezes, para reuniões, onde foram pressionados*

---

94 Entrevista concedida por Maria Dolores Dias Santos a Maria Sueli Rodrigues de Sousa, na Comunidade Barreiro Grande, em 30/05/2004

95 Entrevista concedida por Norberto Pinto do Nascimento a Maria Sueli Rodrigues de Sousa, no bairro São Pedro, em 28/05/2004

*a aceitar acordos de indenização pelas propriedades, que todas as pressões foram rechaçadas, tendo em vista que segundo “Dra. Nied”, o IBAMA não pagaria o preço das terras, ao mesmo tempo que oferecia valores irrisórios pelas benfeitorias; que ante as recusas de acordo, todos os proprietários foram proibidos de plantar e retirar madeira para cercar as próprias roças e desenvolver qualquer atividade rural em suas propriedades, que toda essa proibição é feita por forte esquema de vigilância, por parte dos guardas do IBAMA e da “FUNDHAM”, que os proprietários dessas áreas que o IBAMA quer desapropriar para o Parque, que ainda resistem e não aceitam as propostas dos advogados para deixarem a região, são diariamente humilhados pelos guardas, que visoriam seus pertences à procura de animais e plantas que não podem ser retirados de suas propriedades, que até o próprio mel de abelhas que é recolhido pelos proprietários é confiscado pelos guardas, que muitos já deixaram suas propriedades sem nada receber, só para se livrarem das pressões, depois de terem suas casas derrubadas e seus animais de criação mortos; que todas as famílias dos proprietários estão passando necessidades; que um dos proprietários, de nome ENEAS, depois de ser surpreendido com um tatu, que levava para alimentar seus filhos, foi violentamente espancado pelos guardas com golpe de facção depois de ser algemado e ter seus cães mortos a tiros de espingarda de calibre 12; que depois de tudo isso, ENEAS foi preso e obrigado a pagar multa cara, com o próprio trabalho, porque não tinha dinheiro, que os lavradores não poderiam caçar nenhum animal para comer e alimentar sua família, porque são presos, espancados e obrigados a trabalhos forçados para pagarem as multas, que a Dra. Nied levou animais ferozes para a região, com o objetivo de matar os animais domésticos; que já levou a reivindicação dos pequenos proprietários. (BRASIL - Câmara dos Deputados, 2006. apud SOUSA, M. 2010, p.110)*

As discussões e ações das instituições governamentais, científicas, privadas e grupos de moradores levaram à configuração atual da sociedade na região de São Raimundo Nonato: muitos dos moradores da comunidade que habitava o parque vivem nas cidades do entorno, especialmente no bairro/assentamento Lagoa - Novo Zabelê, onde moram cerca de 266 famílias.

As pessoas que eu tive a oportunidade de ouvir visitando o loteamento, muitas das quais trabalharam com a Fundação, como mateiros e guias ou com outras atividades relacionadas ao parque, trazem falas semelhantes a do Seu Chico, transcrita no início deste tema. Hoje, ainda existe ressentimento por tudo que aconteceu, certo número não recebeu as indenizações por suas propriedades ou não acha justo quanto recebeu.

O tempo passou, a vida mudou, em algumas dessas pessoas vi que esse ressentimento foi superado por uma admiração pela seriedade do trabalho realizado no parque ou assimilação do que deveria ser preservado e por quê. Existem, também algumas pessoas que não saíram do parque (assumindo ou não as restrições para produção agrícola ou criação de animais e com circulação fiscalizada), além de pesquisadores e moradores das cidades do entorno com posturas críticas à forma de administração da Unidade de Conservação, seu patrimônio arqueológico e relação das instituições responsáveis com a sociedade. Muitos dos filhos de ex-moradores do assentamento vivem na cidade e possuem alguma proximidade profissional com o Parque Nacional e/ou com a FUMDHAM.

São Raimundo Nonato é movida pelo comércio, turismo e visitas de pesquisadores e professores. A cidade também abriga os campi da Universidade Federal do Vale do São Francisco (que foi instalada na região graças aos esforços de Anne Marie Pessis e Niéde Guidon), um da Universidade do Estado do Piauí e do Instituto Federal do Piauí. O loteamento Lagoa - Novo Zabelê, localizado às margens da rodovia BR 324, Bahia-Piauí, em uma das entradas da cidade, foi estabelecido pelo INCRA mais de dez anos após a criação no parque, e gera discussões até hoje por não ter beneficiado todas as famílias desapropriadas, mas trazer também pessoas de outras histórias e regiões. É um bairro de São Raimundo Nonato, com casas simples, espalhadas e delimitações que eu tive dificuldade em compreender, algumas cabras e porcos vagando nas ruas de terra e escassas plantações entre cercas e pequenos comércios.

Além dos eventos da criação do Parque Nacional Serra da Capivara, em que a FUMDHAM foi criada e fortemente envolvida, houve também outros conflitos sérios em que Niéde e sua equipe acionaram a imprensa e políticos. A pesquisadora também arriscou-se pessoalmente para impedir a exploração de cal, retirada de madeira e o assentamento de grupos sem terra no corredor ecológico entre a Serra da Capivara e a Serra das Confusões; muitas vezes também atraindo mídia es-

pontânea e a atenção nacional e internacional através de suas ações e declarações sobre os problemas ambientais e as pesquisas arqueológicas na região.<sup>96</sup>

*"História acorrentada / Repórter Brasil - 01/03/2000*

*No sertão piauiense, um dos maiores tesouros arqueológicos do mundo está se transformando em pó. Rochas com pinturas rupestres são queimadas para a fabricação de cal. E o pior: mão-de-obra escrava é utilizada para o trabalho. (SAKAMOTO, L. Repórter Brasil, 2000)*

*"Processada por caçadores / Folha do Meio 23/02/2005*

*A questão está tão tensa e os valores tão invertidos, que Niéde Guidon, diretora e defensora do Parque Nacional da Serra da Capivara, está sendo processada até por caçadores da fauna das duas unidades de conservação (...) As últimas florestas de angico, aroeira, pau-d'arco, estão sendo destruídas pelo fogo e pela retirada de madeira para atender a necessidade dos assentamentos" Niéde Guidon (GORGULHO, Silvestre. Folha do Meio. 2005, p/)*

*Niéde - (...) me odeiam, me detestam, porque eles cortam madeira, queimam tudo com madeira, apesar do IBAMA ter proibido. E além do mais, eles exploravam a cal, então destruíram muitos sítios, porque eles... Então os sítios com pinturas aqui na zona do calcário, eles queimam tudo: mármore negra com madeira para fazer cal...Dois produtos com alto preço para fazer um produto que não vale nada, que é o cal. Daí eu comuniquei a eles que eles não podiam, porque é patrimônio brasileiro esses sítios. Eles continuaram. Daí eu pedi que o procurador de Teresina viesse, um cara inteligente, veio aqui, foi lá, viu e proibiu-os de continuar o trabalho. E eles só podem fazer agora de uma maneira escondida. Então eles me detestam.*

*Eu sempre andava por lá, ia ver, e quando eu via chamava a polícia. Mas o problema é que as outras pessoas, eu não posso obrigá-las a*

---

96 Ver outras matérias relevantes em ANEXO 5.

*fazer isso, porque ter esses caras como inimigo... e um dia eles podem mandar matar, você está entendendo? E aqui, o preço para mandar matar uma pessoa é R\$200,00, não precisa mais do que R\$200,00.*

*(...)Acontece que quando começaram com isso, eu fui lá na casa desses políticos que tinham me ameaçado, levei um extrato bancário do Banco do Brasil em Nova Iorque, com o saldo em dólares e mostrei para eles e disse: "Está vendo essa conta aqui? Eu coloquei dinheiro em dólar (porque era época da grande inflação aqui, para esse dinheiro ter sempre valor), e se eu morrer, esse dinheiro é para pagar umas pessoas lá da favela da Rocinha, no Rio, que vão vir aqui matar você, tua família inteira, desde a vovó até o bebê, e queimar tudo o que você tem. Vai, pode me matar." Acabou. É sério! É verdade! Desistiram. Acontece o seguinte, se você está numa região como esta, de violência aonde se paga para matar, mata e não acontece nada, você está entendendo? O melhor que tem a fazer é isso. "Pra violento, violento e meio".<sup>97</sup>*

*"Parque Serra da Capivara virou rota ao tráfico de drogas no PI / 180 graus - 02/06/2011*

*Guidon fez a denúncia através de e-mail enviado por ela ao presidente do Instituto Chico Mendes*

*O Parque Nacional de Serra da Capivara nos municípios de São Raimundo Nonato e Coronel José Dias, no Sul do Piauí, está se transformando numa rota de traficantes de drogas. A denúncia é da própria diretora da Fundação Museu Homem Americano (FUMDHAM) Niéde Guidon. A Fundação é quem administra o parque considerado um dos mais importantes do Mundo pelas suas pesquisas sobre a presença do homem no continente americano nos últimos 50 mil anos." (MENDONÇA, L. Jornal Diário do Povo, 2011. p/)*

---

97 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011

*Niéde - É...houve vários movimentos dos sem terra aqui que queriam pegar terras do Parque e tudo. E eu me coloquei contra isso, você está entendendo? E aliás, a questão toda é que esses movimentos para ajudar os Sem Terra, e tudo isso, é tudo política. É só para ter os votos porque, na realidade, nós mandamos aqui. Quando eu fiz o projeto de proteção do Parque (que veio o Enrique Iglesias, que o Banco Interamericano nos ajudou, mandou técnicos aqui e ficaram aqui um mês e tanto), fizeram uma pesquisa na região e fizeram um relatório mostrando que a agricultura nunca vai dar nem para nutrir uma família, porque o solo é muito salgado, raso e cheio de pedras; mas que tem um potencial turístico imenso. Então nós nos voltamos para desenvolver o turismo por causa disso, porque seria uma maneira de desenvolver a região.*

*Então, começaram a falar de colocar Sem Terras aqui (aliás você pode ir nos acampamentos, nos assentamentos que fizeram. Não tem nada plantado.,nada, porque simplesmente não dá). Então é uma maneira de ganhar voto, mas não é uma maneira de solucionar os problemas do país. E eu, aliás, cada vez mais eu acho que o problema brasileiro é esse: os nosso dirigentes, os nossos políticos, eles não refletem sobre aquilo que pode dar certo. Este país podia ser um grande país, mas do jeito que vai não vai porque fazem as coisas assim. Simplesmente é compra de voto, não é desenvolvimento do país, entende?*

***É uma coisa que eu não entendi: essas terras do parque, elas foram doadas pelo governo, ou não? Eles estavam invadindo?***

*Niéde - Não, não. Os assentamentos eram doados, eram feitos pelo governo e não eram no Parque, mas eram na periferia do Parque. E existe uma lei, uma lei brasileira de antigamente que 10 km no entorno*

*do parque não se podia desmatar<sup>98</sup>, não se podia fazer fogo, as queimadas, entende? E como é que eles estavam assentando gente ali? Como é que eles iam plantar? Agora eles reduziram para 4 quilômetros. Não é 10, é 4 só, o que prejudica muito os parques, não é? Mas assim mesmo eles colocaram. Nós temos alguns assentamentos aí que estão na periferia do Parque Nacional. Completamente contra a lei.*

***Mas que foram feitos pelo governo.***

*Niéde - Foram feitos pelo governo. O problema é este, quer dizer: no Brasil a lei não é obedecida por ninguém, nem pelo próprio governo. As leis são um enfeite, não são uma realidade.<sup>99</sup>*

Em matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo", de 13 de março de 2005 (SILVEIRA, E. 2005), um projeto de assentamento de 1100 famílias numa área de 68 mil hectares entre os parques Serra da Capivara e Serra das Confusões é motivo de discussões entre a FUMDHAM (na pessoa de Niéde Guidon) e o INTERPI - Instituto de Terras do Piauí (atuação do INCRA no estado), pois enquanto a primeira argumenta que o loteamento iria prejudicar as reservas e que as terras da área não são férteis para agricultura, funcionando somente como jogada política, os futuros moradores da área queixavam-se serem vistos como aproveitadores quando, na realidade, precisam de uma terra para morar e produzir.

*"(...)Os acampados demonstram ter muita mágoa da 'doutora'. 'Ela humilha a gente', queixa-se Francisco dos Santos Oliveira, de 29 anos, pai de dois filhos. 'Ela chama a gente de bandidos, de miseráveis. Fala que a gente caça os animais. Só que até hoje nunca pegaram ninguém daqui caçando'.*

---

98 Decreto No. 99.274/90. Artigo 27 - Nas áreas circundantes das Unidades de Conservação, num raio de 10 Km (dez quilômetros), qualquer atividade que possa afetar a biota ficará subordinada as normas editadas pelo CONAMA.

99 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

(...) Niéde garante que não tem nada contra a permanência das famílias que moram na área há muito tempo nem contra a regularização das terras que ocupam. 'Essas famílias não passam de 200', diz. 'Mas na lista do Incra, há muitas pessoas de outras regiões e várias que não são agricultores, que estão sendo incentivadas a ocupar o corredor. Há até empresários e funcionários públicos'.

(...)Para Niéde, não há nem o consolo de que os assentamentos venham a resolver o problema social das pessoas que ocupam ou venham a ocupar a área. 'A terra aqui não serve para a agricultura', explica. 'É um areão. Depois de desmatada, a área vai virar um deserto. O projeto de assentamento vai criar, na verdade, uma favela rural. As pessoas vão continuar miseráveis.' (SILVEIRA, E. O Estado de São Paulo. 2005, p/)

"O Governo do Piauí formalizou acordo com a Embaixada da Itália para solucionar os conflitos, na região sul do estado, entre várias famílias que moram no entorno do Parque Nacional da Serra das Confusões e a Fundação Museu do Homem Americano, FUMDHAM. Foi o que informou nessa quinta feira, 7, o diretor geral do Instituto de Terras do Piauí (InterPI), Francisco Guedes, que se encontra em Brasília. Ele revelou que os italianos garantem a compra do mel, caju, da produção de caprinos e ovinos e ainda vão incentivar as atividades de ecoturismo naquela região. (...)

(...) Há pouco tempo, Niéde Guidon denunciou a devastação de grandes áreas de terras do corredor ecológico situado entre a Serra das Confusões e a Serra da Capivara, na região de São Raimundo Nonato. De acordo com ela, famílias de produtores rurais estariam invadindo a área de vital importância na sobrevivência de espécies nativas daquela região, com a prática de atividades de agricultura, e danificando o patrimônio histórico.(...) (PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ, 2005)

**Tem algum político ou organizações que são aliadas ou são favoráveis ao desenvolvimento daqui da região?**

**Niéde** - Sim. Não. Todos eles falam isso: "Que lindo!" "Bonito!" E tudo mais. Existem costumes, por exemplo: aqui, os parques nacionais, esses cargos são sempre dados à" pessoas das famílias dos políticos. Serra das Confusões, o parque é de uma família de políticos. Aqui eu nun-

*ca deixei. Eles tinham que botar um funcionário de carreira e não um político que depois...porque que que acontece? Tem gente que está caçando dentro do parque: o político não vai prender porque, se não, não vão votar mais na família dele. Você está entendendo?*

*Então é uma situação que eu acho absurda. E aqui, então, eu sei que tem senadores e deputados que me odeiam porque eu não deixei botar a família deles dentro do parque, entende?*

*(...) Essas estradas foram todas nós que fizemos. Turísticas. Nós tivemos recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que nós tivemos em Washington, falamos com o presidente, que era o Iglesias, e ele veio até aqui e achou que seria o exemplo de como a proteção da natureza e do meio ambiente pode gerar recursos e desenvolver social e economicamente uma região, não é? Então foi o Banco Interamericano que enviou recursos para abrir essas estradas, para abrir para o turismo.*

***Só o pessoal de fora percebe essas coisas?***

***Niède -*** *Só. O governo brasileiro não tem a mínima ideia, para eles o único atrativo turístico do Brasil é Carnaval, essas coisas, não é? O projeto de exploração turística foi feito por uma firma suíça que nós contratamos, e eles que elaboraram tudo: como organizar as estradas, as trilhas para evitar depois aglomerações, entende? E eles fizeram na época, foi em 1993. Eles fizeram um estudo de quantos seriam os turistas que nós receberíamos, não é? E em 1993 eles disseram que seriam 5 milhões de turistas, por ano. E turistas classe A e AA, que são os que gostam de cultura e meio-ambiente, não é?*

***São os que vão para Amazônia também não é?***

*Niéde - É, e o fato de ser um patrimônio da humanidade também, esses turistas andam pelo mundo todo para ir visitar todos os patrimônios da humanidade, entende? Nós entramos com a candidatura do Parque, e fomos nós que preparamos tudo. Fui eu que fui até representar o Brasil, porque o Itamaraty me disse que não tinha nenhum embaixador que conhecesse arqueologia. Então eles me deram um passaporte diplomático, e lá fui eu representar o Brasil. E na primeira apresentação, já o Brasil foi tombado como Patrimônio da Humanidade. O Brasil não, a Serra da Capivara, não é? Por exemplo, a Argentina, a Gruta de las Manos, acho que eles apresentaram umas 4 vezes antes de conseguirem, e isso já dá, então, uma garantia da presença de turistas aqui muito grande.*

*(...) existe crescimento e crescimento, entende? Por isso que aqui nós fizemos esse projeto com os suíços, e por isso que nós fizemos, por exemplo um plano diretor para cidade São Raimundo Nonato. Só que o governo do Estado, quer dizer, nós entramos, fizemos uma licitação, ganhamos, fizemos o Plano-Diretor e o governo do estado nunca nos pagou e não aplica o plano-diretor, que já está tudo previsto.*

*(...) turista tem que vir com guias, porque na época (era IBAMA ainda), a primeira vez que eles abriram, aconteceu que pessoas que vieram visitar começaram a escrever o nome em cima das pinturas, entende? Então não tem jeito. Aí eu queria ver se era possível fazer como é nos outros países, onde as pessoas que tomam conta dos sítios são funcionárias, entende? Você vai visitar na Austrália, na França, quando você chega, o sítio já tem um guarda ali. Mas aqui não tem jeito, a gente não tem dinheiro para conseguir esses funcionários, que seria o ideal. Nós*

*temos alguns sítios aqui onde algumas pinturas já foram estragadas por caçador. Eles se divertem atirando nas pinturas, então o impacto da bala arranca os pedaços, entende? Mas a gente não tem condições, esse é outro problema, quer dizer: quando os funcionários do Chico Mendes<sup>100</sup> prendem o caçador, leva para cidade, da aí uma multa, pronto. Ta liberado. Daí, não paga multa porque o prefeito ou vereador mandam uma declaração dizendo que não pode pagar a multa, porque é um pobre, miserável, desgraçado. Então a infração nunca é punida no Brasil.*

***E qual seria o valor ideal, assim, para você manter o parque ?***

***Niéde*** - O valor ideal para manter o parque, ideal, seria um total de uns 400 mil por mês. O valor mínimo é de 300 mil por mês.

***400 mil com os duzentos funcionários, que...***

***Niéde*** - Com os duzentos funcionários e com todas as guaritas funcionando e tudo, né?

***Não é muito, não é, doutora?***

***Niéde*** - Não. Acontece o seguinte: um parque como este, na Austrália eu estive visitando um parque lá que é também um Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, com sítios de pinturas. Em 1991 eles tinham 500 funcionários. Eles tinham um helicóptero, que se houvesse algum problema, algum turista que se sentisse mal, podia ir e pegar, entende? E em cada guarita tinha um carro parado à disposição ali, quer dizer, tinha uma infra estrutura, e a renda líquida deles (porque tinha um heliporto perto, assim que criaram o parque construíram o aeroporto), a renda líquida deles, anual, era de dez milhões de dólares. Eles se mantinham por conta deles mesmos, eram auto-sustentáveis, entende?

---

100 ICMBio Instituto Chico Mendes de Biodiversidade e Meio Ambiente.

*Agora aqui, o pouquinho que entra dos turistas que visitam, vai tudo para Brasília. Não fica aqui, entende? Brasília tem uma fome terrível(...)*

**Niéde** - *O IBAMA toma conta do meio ambiente fora dos parques, e o Chico Mendes dentro dos parques. Foi mais uma maneira de criar emprego para protegidos e para as famílias.*

**E a atuação deles é positiva aqui?**

**Niéde** - *Acontece que só tem um funcionário. E tem, não sei, acho que 12 ou 14 guardas terceirizados, mas esses guardas, acho que ficaram 6 meses sem receber, aí tão sem receber, ficam sentados, não vão trabalhar direito. Não são funcionários de carreira, não tem nenhum incentivo, entende? Sobretudo o fato de ser terceirizado. A firma ganha muito, mas eles não ganham tanto... e é aquela coisa que não sei porque que não são guardas-funcionários. Os funcionários tão todos sentados lá em Brasília, aqui só tem um. E eles fazem concurso, por exemplo, preenchem a vaga daqui, aí a pessoa que está aqui consegue que um político amigo mande para Rio, mande para qualquer outra cidade; a família dele mora lá, quer dizer: ele fez concurso para cá mas não fica aqui, vai para perto da família. É por isso que os parques nacionais lá do Rio de Janeiro têm uma quantidade imensa de funcionários e aqui não tem (...)*

*(...) E essa porcentagem vinha direto para os parques nacionais. Então a CHESF<sup>101</sup>, a VALE eram companhias que sabiam que a Fundação aplicava dinheiro no Parque, então nos mandavam dinheiro todo ano, entende? E o Ministério da Cultura também mandava dinheiro regularmente. E depois, quando o Lula subiu, o que eles fizeram com a compensação ambiental? Fizeram uma lei, e as firmas mandaram para Brasília, para o Ministério do Meio Ambiente em Brasília, e criaram o Institu-*

---

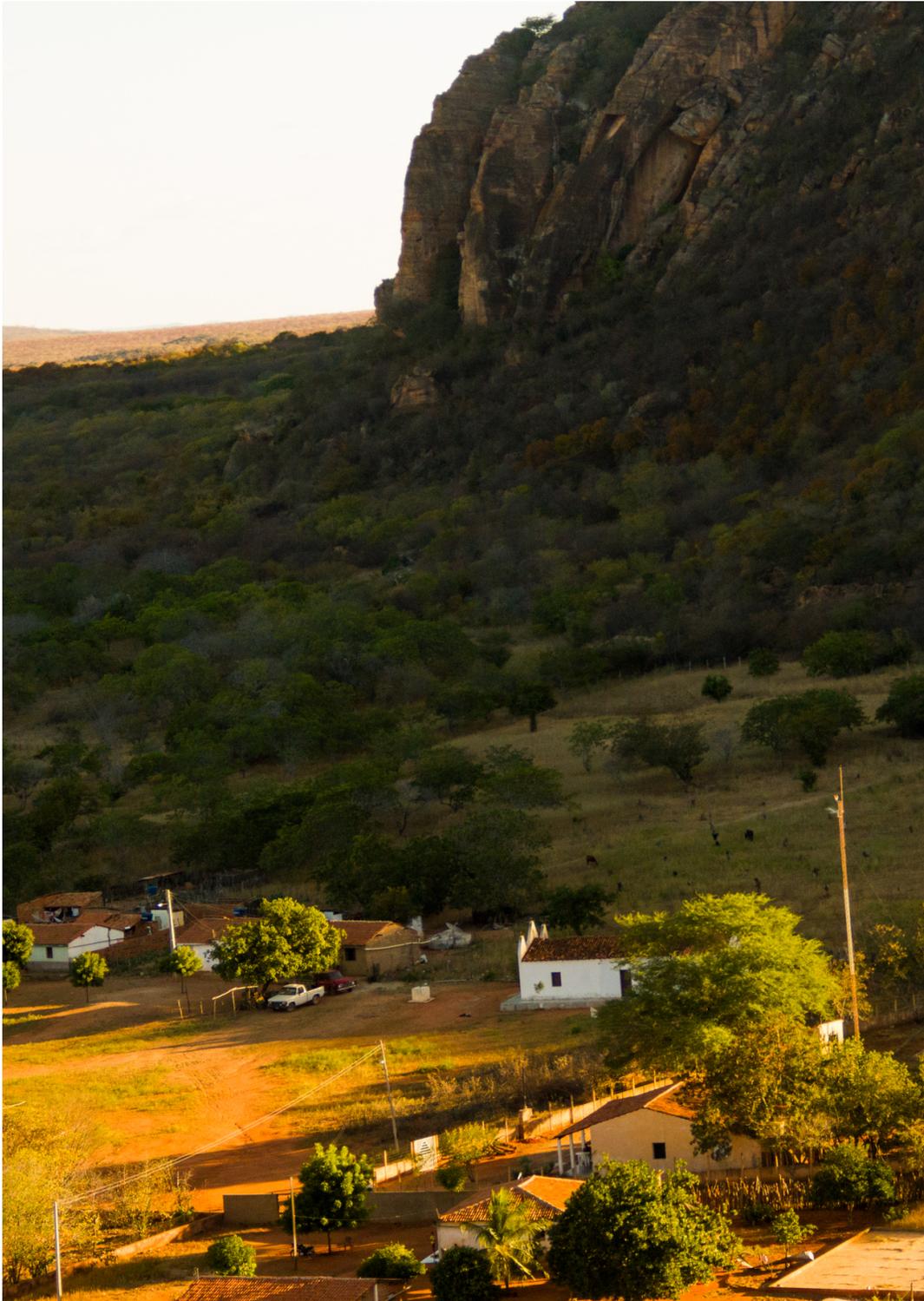
101 CHESF Companhia Hidroelétrica do São Francisco

*to Nacional da Compensação Ambiental. Aí o dinheiro, desde que o Lula subiu, está ficando lá. Já não sei quantos milhões. A última vez que estive em Brasília, já faz 5 anos, estava com sessenta milhões em caixa..e daí o que acontece é que eles disseram que não podiam repassar, porque antes era a firma que mandava para o parque. Então vinha de um particular para nós. Do momento que entrou em Brasília, entrou no dinheiro da União, e que não tinha nenhuma maneira de repassar o dinheiro. E até hoje o dinheiro está lá, e nós não vimos mais.*

*Sei lá o que fizeram com o dinheiro. E o Ministério da Cultura não tem mais dinheiro, e não sei, realmente eu não sei mais o que fazer.* <sup>102</sup>

---

102 Trechos de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011



*21 - “a gente jogava bola lá em cima.”*

## QUEM QUER VIVER NO PIAUÍ?

**Gisele Felice** - (...) *para mim, qualidade de vida é justo morar numa cidade pequena, onde minhas filhas podem pegar a bicicleta e andar de bicicleta no centro da cidade, passear no centro da cidade. para mim, qualidade de vida está onde gente não tem medo de gente.*<sup>103</sup>

---

103 Trecho de entrevista com Gisele Felice. Piauí, maio de 2011.

Gisele Felice é de Bragança Paulista, São Paulo. Em 1987 era estudante de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aventurou-se a participar de uma escavação na Serra da Capivara. Encantada (o que não é novidade, já que muitos dos pesquisadores funcionários da Fundação mudaram-se para lá por isso), voltou, retornou e regressou até mudar-se definitivamente para São Raimundo Nonato, integrar a equipe da Fundação Museu do Homem Americano e tornar-se professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco (passou também pela Universidade Federal do Piauí, em Teresina).

A arqueóloga faz parte dos pesquisadores, do Brasil e de outras partes do mundo, que deram atenção ao que estava acontecendo na Serra da Capivara. Como ela, outros professores da Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal de Pernambuco e da própria Universidade Estadual de Campinas foram trabalhar na região.

Niéde Guidon foi morar definitivamente em São Raimundo Nonato em 1991, emprestada pelo governo francês ao governo brasileiro para elaborar um programa de preservação dos sítios arqueológicos. Mas, apesar de amparada pelo governo federal, na pessoa de Rubens Ricupero (ministro do meio ambiente e das finanças entre 1993 e 1998) logo se depara com a falta de atenção do governo do estado do Piauí. Em primeiro lugar, somente um funcionário é designado para administrar o parque. A FUMDHAM, composta por laboratórios, biblioteca e pelo Museu do Homem Americano<sup>104</sup>, torna-se a entidade chave para a estruturação e defesa da unidade de conservação. Localizada na cidade de São Raimundo Nonato, ocupa uma área de 3 km<sup>2</sup>, e engloba também a casa de Niéde. Todos os prédios são pintados em um tom rosado idêntico ao solo. Cor que marca toda a região.

---

104 cuja construção foi facilitada pelo ministro da comunicação entre 1994 e 1998, Sergio Motta, além de uma doação da Embratel, de 790 mil euros (ou um milhão de dólares, na ocasião).

*“ 'As pessoas aqui não sabem que a França que financiou grande parte da missão. Desde o início, os franceses acreditavam na minha pesquisa. Eles também concordaram, que eu deixasse Paris para cuidar do parque. Deixei meus alunos e minhas aulas para me estabelecer aqui em 1991 até 1998, quando me aposentei. Não são os brasileiros que pagam meu salário nem a minha aposentadoria. Isto é importante especificar'. Quando Niéde evoca a França, seu rosto se ilumina. A França sempre foi, em seu coração, um lugar especial. É também neste país de contradições em que ela mais ama, que ela quer se aposentar um dia, para viver em paz, talvez no pé de Mont Blanc, os últimos anos de sua vida.”*<sup>105</sup> (DRÉVILLON, E. 2011, p.114)

*Niéde - (...) finalmente, em 96 foi criado o aeroporto Serra da Capivara, e em 97 foi liberada uma verba de 15 milhões. Se estivesse nas nossas mãos, o aeroporto estaria pronto, não é? Mas daí, o então governador do Piauí, o célebre "Mão Santa", ele disse que o aeroporto era para rico.*

*Em 98 tinha uma eleição. Ele botou meia dúzia de máquinas aqui, dizendo que ia fazer estradas daqui para Serra das Confusões. Ganhou as eleições, tirou as máquinas e nunca fez nada (essa estrada foi feita ano passado), e o dinheiro todo serviu para financiar a eleição dele, infelizmente.*

*(...) E daí, então, o aeroporto até hoje...Já saiu verba mais umas três vezes, e a verba, como diz o povo aqui: "Teresina faz calor demais e o dinheiro de Brasília chega lá e derrete." Derreteu tudo.*

---

<sup>105</sup> “Le gens d’ici ne savaient même pas que la France qui finançait une immense partie des missions. Dès le début, les français ont cru en mes recherches. Elle a aussi accepté, pour que je puisse m’occuper du parc, que je quitte Paris, mes étudiants et mes cours, afin de m’installer ici en 1991 à 1998, année de ma retraite. Ce ne sont pas les Brésiliens qui payent mon salaire et ce ne sont pas eux qui paient mes pensions. C’est important de le préciser” Lorsque Niéde évoque la France, son visage s’illumine. La France a toujours eu dans son cœur une place privilégiée, c’est d’ailleurs dans ce pays fait de contradictions, elle qui ne les aime plus, qu’elle veut se retirer un jour, pour vivre paisiblement, peut-être au pied du mont Blanc, les dernières années de sa vie (Traduzido pela autora)

*(...) justamente, quando começamos a trabalhar o plano para a proteção do parque, nós fizemos reunião, todos os pesquisadores, e todos estavam de acordo que uma região de fome, de miséria (porque é isso, entende?) Ignorância... Você não pode fazer absolutamente nada que seria necessário...*

*Então nós tivemos os programas sociais. Temos até hoje. Adotamos o princípio de que todos os trabalhos, nós íamos procurar fazer com mão de obra local. E em princípio a gente trabalha com pessoas daqui, são pessoas que começaram sem nada, que hoje já fizeram pequenas firmas, como esses que vocês viram hoje, não é? E a gente os incentiva a criar micro-empresas e procuramos, então, que todo dinheiro, todo dinheiro do Banco Interamericano que veio, foi aplicado aqui, em pessoas daqui.*

*Formamos com a UNIVASF, a Universidade Federal do Vale do São Francisco, as pessoas que trabalham nos nossos laboratórios, nas escavações. Eles nos pediram para elaborar o programa para um curso de Arqueologia que iam criar em Petrolina. Foi então que nós entramos com a questão da faculdade de arqueologia. Tinha que ser criada aqui. Então disseram: "Não, porque é do Vale do São Francisco".*

*Então eu fiz todo um trabalho mostrando que, geologicamente, o rio São Francisco passava por aqui. Foi quando houve este levantamento que ele ficou retido sob a forma de um grande lago e depois saiu para Bahia. Quer dizer, nós já fomos a Bahia do São Francisco. E aí, conseguimos a universidade aqui, o que é importante, você está entendendo?<sup>106</sup>*

---

106 Trechos de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.



22 - Rosa



*23 - Uma aranha batizada Niéde*

## SER SOCIAL

Chovia forte. As janelas e o portão batiam com o vento e a água subia o degrau da entrada. Fazia tempo que não chegava tanta água. Sirleide levantou-se da cama. Ainda estava fraca da cirurgia que fizera há pouco tempo, mas já passara o dia todo na cama ouvindo as batidas até decidir levantar-se e fechar o portão. Talvez um pouco de chuva também a animasse e ajudasse a afogar as mágoas.

Abriu o portão e deu aquela piscada de surpresa. Parada na soleira com uma capa de chuva azul cobrindo o corpo baixo e os cabelos prateados estava doutora Niéde. “Achou que eu não viria ver a doentinha?”

Sirleide é filha de São Raimundo Nonato. Sua história de vida não é inédita nem na cidade nem em outros cantos do Brasil. De família grande e muito pobre, o pai bebia e batia em sua mãe e em quem mais estivesse por perto. Depois de anos de sofrimento, ela decidiu denunciá-lo e foi criticada por todos ao seu redor.

Sirleide foi a primeira engraxate de São Raimundo. Aos trancos conseguiu cursar o técnico em contabilidade e foi parar na FUMDHAM, onde trabalha há mais de 13 anos enfrentando os altos e baixos com Niéde e de Niéde. A história que conto acima aconteceu depois de um desentendimento com a pesquisadora, a quem vê como mãe, como tutora e como amiga. Enquanto passageiros e desconhecidos encontrarão uma senhora simples, objetiva e ao mesmo tempo educada, engraçada e surpreendente com sua franqueza, com seu “olhar brilhante e malicioso” (SWAIN, T. 2012), pessoas próximas como Sirleide têm uma visão muito mais pessoal e profunda da personagem que busco aqui compreender.

*Sirleide - para mim, a doutora Niéde é uma mãe, é uma segunda mãe. Ela é exigente sim. Talvez seja essa qualidade que ela tem que as pessoas confundam com esses adjetivos que citam para a pessoa dela. Mas ela é uma pessoa exigente, mas ao mesmo tempo ela é uma pessoa que ajuda qualquer ser humano que estiver na frente dela, que ela vê que está no alcance dela, ela ajuda. E ela é meio braba mesmo, realmente, ela é uma pessoa...Quando ela está bem chateada, ela é explosiva, mas dentro da normalidade. Nada de tratar mal ninguém. Mas ao mesmo tempo que ela está sendo explosiva, devido um trabalho que não deu certo do jeito que ela queria, que saiu mal feito, tipo assim...ela está brigando, mas ensinando. Está lhe ensinando como você fazer o correto e como você fazer melhor dali para frente.*

*Ela é uma pessoa que dá muita oportunidade, então assim, eu acho que ela acredita muito no potencial do outro. Isso é uma grande qualidade nela. Independente de diplomacia, de patamar social, isso ela não vê. Se você é capaz de fazer um trabalho, ela não vai atrás se ver se você é um doutor, se você é mestrando, se você tem isso não, mas se você é capaz de mostrar que tem a capacidade de fazer, ela acredita e lhe dá oportunidade. Tanto que a maioria das pessoas que escavou com ela, até hoje, são pessoas da comunidade do entorno do parque. Pessoas que nunca tiveram nenhum estudo de arqueologia e hoje, se você chegar para a equipe de escavação, os auxiliares de escavação, os mais velhos, você vai perceber o quanto eles aprenderam com ela. E foram pessoas que ela chegou na comunidade ali e encontrou, que deram apoio a ela na iniciativa do trabalho dela, que ela aproveitou as habilidades que eles tinham.*

**Com você também foi assim?**

**Sirleide:** *Comigo foi assim também (...) <sup>107</sup>*

Uma das pessoas de confiança na FUMDHAM, Sirleide se emociona na entrevista ao falar da pesquisadora, e é uma das poucas que se sente à vontade para falar das dificuldades de trabalho no dia a dia. É casada com Carlos, que também trabalha para a Fundação na manutenção do parque, e juntos têm três filhos. A mais velha estuda medicina em Teresina, conquista que faz questão de pontuar que foi amparada por Niéde.

Outra pessoa que acompanha todos os passos da pesquisadora é Rosa Trakalo. Rosa trabalha com turismo na região. Ver as duas juntas pode ser engraçado, pois carinhosamente se alfinetam a todo tempo, e quando é chamada para dar

---

107 Trechos de entrevista com Sirleide dos Santos Ribeiro. Piauí, outubro de 2012

entrevista, Niéde diz que Rosa deve ir em seu lugar, pois ambas possuem tipo físico semelhante e Rosa sabe de toda a vida da amiga.

Conheceram-se no Uruguai em 1976, enquanto Rosa trabalhava para o Ministério da Cultura e precisou acompanhar Niéde, então em um trabalho para a UNESCO.

*Rosa - A primeira frase que ela disse foi: "Ou me dão um barco com motor e remo para 4 pessoas, ou eu vou embora." Foi a primeira frase que eu ouvi. E ela disse que a primeira coisa que pensou foi "Agora me mandaram um bebê ". Mas aí, a gente logo se deu bem (...)*

***Até que ponto você acha as pessoas se acomodaram, por esperar muito dela. E até que ponto ela assumiu muita coisa que ela não precisava ter assumido?***

*Rosa - Eu acho que ela assumiu muita coisa. O espírito generoso dela. Ela não pode ver uma coisa errada porque vai lá tentar achar uma solução, o que às vezes incomoda, porque "Pera aí, calma!" E as pessoas, fora pretender o apoio, a ajuda dela, pretendem de todo mundo. Não podemos esquecer a cultura coronelista que ainda existe e tem peso bastante grande. Então, ou é deputado..basta ver aqui no Hotel Serra da Capivara, agora em época de política (se não durante o ano): se tem um deputado que está no hotel, você vê 60 pessoas falando com ele para pedir alguma coisa.*

*(...) Então não é que Niéde dê uma de política, longe dela! Mas se vier um rapaz...Eu me lembro de um caso, o menino Roberto, de Coronel José Dias, que nasceu com as pernas todas tortas. A Niéde conseguiu mandá-lo para São Paulo, passou anos internado em São Paulo. Não ficou perfeito, mas hoje é um homem que trabalha em Coronel, casado, com filho. Ela não fala de todas essas coisas, nem se lembra! Se eu*

*disser, ela diz: "Quem é o Roberto?" Eu mesma, ela me tirou do Uruguai porque não tinha a menor possibilidade, em plena ditadura, de virar nada. Então é assim.*

*Eu cheguei aqui em 92, a primeira tarefa que eu tive foi ir no Sítio do Mocó (que eu nem sabia como chegar) levar uma caixinha com um bebê que tinha morrido com os pais no carro e a caixinha. Lá fui eu no Sítio do Mocó, e voltei com aquela caixinha.*

*Mas essas são coisas que nascem dela. Aquele coitado do casal tinha perdido o bebê e não tinha como pagar o transporte, era impossível. E as pessoas foram se habituando a pedir sua ajuda. Aí ela xinga, porque paga o INSS, paga tudo, mas quando alguém adoecer tem que mandar para Teresina, coisa que também é verdade. Então, se junta uma coisa com o que as pessoas estão habituados e o que ela é... Então, quando outro dia vem um dos maníobeiros aqui em casa "Não, porque a doutora tem que me dar um terreno!" O que ela tem que dar um terreno? Nunca me deu um terreno, e eu sou amiga dela há 40 anos. Nunca ninguém me deu um terreno.<sup>108</sup>*

Niéde, também em ocasiões difíceis, interveio de forma efetiva (e a seu modo) na vida de outras pessoas, principalmente na defesa de mulheres e crianças diante de situações coercivas.

Chegando em cada entrada do parque, eu avisto as espaçosas guaritas cor de rosa rodeadas por cactus e paus d'arco. Por vezes vemos caititus e canções passando por ali em busca de água e comida. Os porcos selvagens acinzentados se mesclam à mata ressecada, e só se percebe sua presença pelos movimentos e resmungos por abóboras contrastantes que se espalham pela terra.

---

108 Trecho de entrevista com Rosa Trakalo. Piauí, agosto de 2014

O carro pára na chancela. Ao som do rádio que comunica todas as guaritas com a Fundação, as guardiãs, sempre sorridentes, se aproximam já contando que passou uma onça ali pertinho, ou que encontraram um filhote de tamanduá desgarrado da mãe. Muitas vezes os guias e turistas descem, conversam rápido e retornam ao carro para começar a visitação. Nas primeiras visitas eu não tinha reparado que eram sempre mulheres que nos recebiam. Alguém atentou para isso e levei a pergunta à doutora.

*Niéde - Acontece que quando a gente fez as estradas, as guaritas, como eram longe, perigoso, tem caçador, tudo isso, eu coloquei homens, não é? Mas como sempre, vou, ia à noite pro parque, tudo (...) chega aqui, tem um cara, casado, trouxe a amante para ficar com ele na guarita. Outro, que trabalhava numa guarita perto da estrada, não estava lá. Fui procurar, estava num boteco na estrada, que ficava aberto à noite toda. Os quartos e banheiros imundos, sujos. Chegava, tinha uma cueca pendurada na porta. E daí eu disse: "Mas vocês têm que limpar!" Daí disseram: "Ah, não. Mas isso não é trabalho de homem! A senhora tem que botar uma mulher para limpar o quarto para nós, lavar roupa, fazer a cama, limpar o quarto, comida." Que a cozinha era uma imundície, o fogão... Aí eu disse: "Bom, se é para botar uma mulher com vocês...". Então eu mandei eles embora e botei as mulheres para tomar conta da guarita. Eu ponho duas, entende? Tem o rádio, qualquer coisas elas chamam. Aí, depois, acontece que dei uns porretes para elas e disse: "Olha, o primeiro que chegar muito perto, taca o porrete na cabeça. Bate forte". Eu ensinei para elas uma coisa que aprendi muito cedo, quando eu era mocinha. Assim, tinha uns caras ali em São Paulo, principalmente. Passava muito no Anhangabaú, na Avenida São João. E daí, tinha os que vinham fazer gracinha. Eu deixava chegar bem perto. Aí, quando o cara estava bem pertinho, achando que tinha*

*dado a dele, eu levantava o joelho com toda força e... já imagina onde que eu batia com o joelho, não é? Aí o cara "Ahhh!" Então ensinei todos esses truques para elas.<sup>109</sup>*

**Rosa** - *Fato é que o problema de violência de gênero na região é terrível, muito sério. Inclusive, nós organizamos um seminário. Veio um monte de gente de fora, e tudo, porque o problema é sério mesmo. Então, empregar mulheres é uma maneira de: se continuar com o marido, continuar apanhando, é porque quer, não porque se não morre de fome. E já fazem muitos anos que está tudo limpinho, arrumadinho, e as mulheres fazem com amor, independente da dependência econômica. Então por isso mulheres nas guaritas. O machismo aqui está melhor, mas não é fácil .<sup>110</sup>*

Como já relatado no depoimento de Norberto Pinto do Nascimento à Maria Sueli Rodrigues de Sousa (2010), após essa mudança de equipe nas guaritas do parque, em 2002, uma das novas funcionárias denunciou o irmão caçador e foi assassinada por ele enquanto trabalhava. O caso também foi divulgado na mídia.

*(...)A arqueóloga e presidente da Fundação Museu do Homem Americano (Fundham), Niéde Guidon, e o gerente do parque, o biólogo Isaac Simão Neto, estão sendo ameaçados de morte pelo caçador Paulo de Jesus Souza, preso desde novembro passado, após matar a irmã e funcionária do parque, Ivani de Souza Ramos. Ivani era viúva e deixou três filhos. Ela trabalhava em uma das portarias de saída do parque, onde primeiro foi agredida a facção pelo irmão, no rosto e nos braços, depois assassinada com um tiro de espingarda de caça calibre 12, pelas costas. Após matar a irmã, Souza dirigiu-se a um bar da cidade e lá repetiu as ameaças de morte, dizendo que Niéde e Simão Neto seriam os próximos. (...)(AGÊNCIA ESTADO, 22/01/2002)*

---

109 Trechos de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.

110 Trecho de entrevista com Rosa Trakalo. Piauí, agosto de 2014.

***E nas suas relações políticas, administrativas, como é ser mulher nessa situações? Tem diferença?***

***Niéde*** - Olha, para falar a verdade pode ser que tenha, mas comigo nunca teve porque, simplesmente, eu nessas relações, por exemplo, como aluna ou como profissional e tudo, simplesmente, eu não admito essa diferença de gênero! Não admito de jeito nenhum, entende? Então, na realidade eu nunca senti problema de ser mulher.

***Nunca?***

***Niéde*** - Nunca.

***Já falaram que te vêem como mãe..***

***Niéde*** - Ah, aí é porque querem ver uma mãe! Na França a gente diz: mãe, ainda bem que só tem uma, que se tivesse duas, não dava para viver. Mas acontece o seguinte, que eu simplesmente tenho uma relação que acho que é o normal de um cidadão, de pessoas educadas. Então se tem alguém com um problema que eu possa ajudar a resolver, eu ajudo. Mas isso é o normal.

***Você fala muito sobre ajudar, ceder, sobre fazer coisas para as pessoas, mas o que você acha que isso afeta em você?***

***Niéde*** - Olha eu nem sei por que. Realmente, as coisas vão acontecendo. Eu não penso, entende? Eu vou e faço. Nem penso no que aquilo significa nem nada, é simplesmente... Acho que nós somos todos de uma mesma espécie, e o que eu entendo é que nós teríamos que nos entender todos e não nos desentender, e é um comportamento que tenho com todos, e não vejo por que teria que ser diferente.

***Isso é verdade, mas parece que todo mundo tropeça pelo caminho.***

***Niéde - Ah, para fazer besteira todo mundo está pronto! Eu já fiz besteira na vida, acho que todos nós fazemos, não é?<sup>111</sup>***

---

111 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011



24 - Sem educação

## A BOA ESCOLA.

O Sítio do Mocó é uma área rural de Coronel José Dias, próximo a uma das entradas do Parque Nacional. Durante as gravações de 2012, fiquei hospedada em uma das antigas escolas criadas pela FUMDHAM que foram fechadas após 10 anos de funcionamento, por negligência das prefeituras no que lhes cabia manter. Os prédios ainda estavam ali, em ruínas. Eram construções curiosas: as salas de aula possuíam somente 3 paredes, um dos lados era completamente aberto, afinal, num lugar que pouco chove e muito esquenta, por que manter um ambiente todo fechado? Mesas que antes eram ocupadas por pequenos, são agora cobertas de teias e folhas. As construções estão ali... aguardando algo, alguém além de Niéde se importar e agir.

Tudo foi construído no início da década de 90, em acordo entre a FUMDHAM, uma ONG italiana chamada Terra Nuova e posteriormente com o BNDES. Foram 5 escolas em diferentes núcleos no entorno do Parque Nacional: Sítio do Mocó, Barreirinho, ambos no município de Coronel José Dias, Alegre, Porteirinha no município de João Costa e Serra Vermelha em São Raimundo Nonato.

***Anne Marie Pessis** - (...) Isso começou com uma pequena escola, você deve ter visitado, que fica no Sítio do Mocó, de uma cooperativa científica e técnica italiana. Mas a história tem outro início.*

*Nós chegávamos, íamos, naturalmente, cuidar dos bichinhos. Um dia, andando pelo parque, uma pessoa parava... Sabe quando param o carro para... com o tatu, pegando pelo rabo para vender? Você mata, enfim, há todo um desequilíbrio. E hoje, também existe o fato de que ele mata outros bichos, come sobretudo cupim. Então eu ia com a Niéde, a Niéde parou o carro e comprou o tatu, como fazíamos sempre. Ele disse: "O que você vai fazer com o tatu?" ela disse "Vou um pouco mais longe de onde você está e vou largar o tatu novamente". E "empezou" um diálogo entre eles. E ele disse: "Por que a doutora não faz a mesma coisa com nossas crianças? Cria as condições para que nossas crianças possam viver aqui com condições?" A mortalidade infantil era elevada... E assim começou. Voltamos, fomos pôr o tatu onde tinha que estar, e ela teve essa ideia de iniciar esse trabalho, que não se pode fazer em 2 anos. Não é só o projeto de um governo, é uma sucessão de anos. Você tem que atingir diversas gerações.<sup>112</sup>*

O trabalho com educação de base, visava não só a formação da futura mão de obra do pólo, mas a possível disseminação dos aprendizados em sala de aula para as casas das crianças. Os pais eram convidados a se envolver, por exemplo,

---

112 Trecho de entrevista direta com Anne Marie Pessis. Piauí, maio de 2011.

na preparação dos alimentos e educação patrimonial, e a integração da Fundação com a comunidade se fortaleceu.

*Niéde - (...) Então as professoras eram locais, mas tinham sido formadas por pedagogos da UNESP de São Paulo, e as crianças entravam às 7 da manhã e saíam às 5 da tarde. Tinham todas as refeições, o controle da alimentação delas e da saúde era feito pelo pessoal da Fio-cruz, do Rio, e eles tinham as aulas do currículo oficial e depois tinham várias expressões artísticas, então: canto, aprendiam piano, aprendiam vários instrumentos (...) Então a Itália manteve isso durante 5 anos, e nós tínhamos um contrato com o governo do Piauí, éramos nós, a Itália, o governo italiano e o governo do Piauí. Não, e aí que depois de 5 anos o governo do Piauí repassaria o dinheiro para manter as escolas. Quando passou os 5 anos, eu fui com os italianos à Teresina, e daí o secretário de educação do Piauí disse “Ah, não, isso foi com outro governo. Eu não tenho nada a ver com isso” Quer dizer, um contrato assinado em papel oficial da Secretaria da Educação, no momento que muda de governo não vale mais.*

*É, pois é, daí fui à Brasília, falei com o Ministro da Educação e consegui que ele nos repassasse dinheiro para manter, não é? E daí conseguimos manter mais uns dez anos, quando era até o Paulo Renato o Ministro. Ele me chamou à Brasília e disse, “Não, eu não posso mandar para você, porque, pela lei, agora tem que ir para as prefeituras. Mas você faz um acordo com as prefeituras e as prefeituras, então, passam o dinheiro para manter”. Eu fiz o acordo: a primeira coisa que os prefeitos fizeram com as escolas (que eram em 3 municípios diferentes): mandaram embora os professores e botavam gente da família deles.*

***É o que se faz em...***

**Niéde** - *Em todos os lugares. Muda o prefeito, muda o nome de todos os funcionários. É tudo com o mesmo sobrenome do prefeito. E "aí viu aquela bagunça, só duas horas de aula, não davam nem o lanche para as crianças, aí eu botei eles todos para fora e fechei as escolas. estou com as escolas fechadas.*

*(...)Tudo, o que é muito cômodo pro governo, entendeu? Povo assim, ignorante, é fácil de ser levado, não é? É o que eu digo, nós estamos voltando para Idade Média. A gente teve a Idade Média, o século das luzes, a educação de alto nível para todos, e daí criou uma população que reclamava. Aí o que que eles fazem? Volta, acaba com a educação e pronto. Volta para tranquilidade.*

**Mas isso é um movimento brasileiro ou...**

**Niéde** - *Mundial. É uma tendência mundial. É o poder religioso e o poder civil, não é? Que juntos botam as maiores besteiras na cabeça das pessoas, e pronto.*

**Tem solução?**

**Niéde** - *Não, porque o homem é um animal que não é muito inteligente, entende? Aliás, não sei por que que chama de homo-sapiens.*

*(...)*

**Isso é outra pergunta, assim, a gente tem vários tipos de inteligência, tipos de conhecimento, vários tipos de trabalho(...) por exemplo, essa coisa do povo trabalhar só pelo almoço do dia, trabalhar para comprar droga, enfim, não é mais um estilo de vida que você não entende e por isso não concorda ou você acha que realmente não tem que ser assim?**

**Niéde** - *Não, não é que eu não concorde. Eu acho que cada um tem que fazer o que quer. Agora, como você vê o resultado das drogas, as*

*peessoas ficam doentes e tem uma série de coisas, não é? Então, eu acho que se tivesse talvez outras possibilidades, não fariam isso. Mas eu, realmente acho que cada indivíduo tem que fazer aquilo que ele quer, mas também, para ele poder escolher, ele precisaria ter o conhecimento que eu tive, porque se você não ensina, se a pessoa não conhece tudo... por exemplo, hoje ninguém mais conhece a História Universal, como se chamava. A gente estudava a História de todos os países. Hoje, quem estuda isso? Então eu acho que as pessoas não têm uma visão, você está entendendo? Eles têm unicamente a visão daquilo que eles vêem na televisão.*<sup>113</sup>

Tentei fazer uma separação, sem julgamentos, entre modelos do que entendemos como vida bem sucedida ou mesmo feliz. Quando em contato com outras culturas, eu me surpreendo com as preferências e costumes e busco olhar as coisas por novos ângulos. Acredito que muitas pessoas sintam o mesmo. Acostumados com o conforto e o consumo, temos necessidades e tendemos a ter pena dos que não têm essas necessidades supridas, mas me pergunto freqüentemente de onde vem essas necessidades, se são as mesmas para todos; e para refletir meu pensamento, trago um trecho de uma entrevista de Viveiros de Castro sobre as "minorias", que ele considera, em geral, índios.

*"Acho que os índios podem nos ensinar a repensar a relação com o mundo material, uma relação que seja menos fortemente mediada por um sistema econômico baseado na obsolescência planejada e, portanto, na acumulação de lixo como principal produto. Eles podem nos ensinar a voltar à Terra como lugar do qual depende toda a autonomia política, econômica e existencial. Em outras palavras: os índios podem nos ensinar a viver melhor em um mundo pior. Porque o mundo vai piorar. E os índios podem nos ensinar a viver com pouco, a viver portátil, e a ser tecnologicamente polivalente e flexível, em vez de depender de megamáquinas de produção de energia e de consumo de energia como nós. Quando eu falo índio é índio aqui, na Austrália, o pessoal da Nova Guiné, esquimó... Para mim, índio são todas as grandes minorias que estão fora, de alguma maneira, dessa megamáquina do capitalismo, do con-*

---

113 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

*sumo, da produção, do trabalho 24 horas por dia, sete dias por semana. Esses índios planetários nos ensinam a dispensar a existência das gigantescas máquinas de transcendência que são o Estado, de um lado, e o sistema do espetáculo do outro, o mercado transformado em imagem. Eu acho que os índios podem também nos ensinar a aceitar os imponderáveis, os imprevistos e os desastres da vida com o “pessimismo alegre” (expressão usada originalmente pelo filósofo francês François Zourabichvili, com relação a Deleuze, mas que aqui ganha outros sentidos). O pessimismo alegre caracteriza a atitude vital dos índios e demais povos que vivem à margem da civilização bipolar que é a nossa, que está sempre oscilando entre um otimismo maníaco e um desespero melancólico. Os índios aceitam que nós somos mortais e que do mundo nada se leva. Em muitos povos indígenas do Brasil, e em outras partes do mundo, os bens do defunto são inclusive queimados, são destruídos no funeral. A pessoa morre e tudo o que ela tem é destruído para que a memória dela não cause dor aos sobreviventes. Acho que essas são as coisas que os índios poderiam nos ensinar, mas que eu resumiria nesta frase: os índios podem nos ensinar a viver melhor num mundo pior. (Vi-veiros de Castro para BRUM, E. El País, 2014)*

Se mesmo a educação formal que conhecemos, Foucault, por exemplo, relativiza como uma forma de doutrinação e controle... o que resta, a nós então, sem a forma de aprendizado que conhecemos para lidar com o mundo? Em uma visão localizada, neste contexto de preservação da Serra da Capivara, mas principalmente numa escala macro, a ignorância precisa ser combatida pela sobrevivência de nosso planeta, mas qual ignorância? Quais sabedorias precisam ser valorizadas e ensinadas?

*"A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo.*

*O que é, no fim de contas, um sistema de ensino senão uma ritualização da fala, senão uma qualificação e uma fixação dos papéis dos sujeitos falantes; senão a constituição de um grupo doutrinário, por difuso que seja; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com os seus poderes e os seus saberes? O que é a 'escrita' (a dos 'escritores') senão um sistema de sujeição semelhante, que assume talvez formas um pouco diferentes, mas em que as grandes decomposições são análogas?" (FOUCAULT, M. 1998, p.12)*

***E o que dá para aprender com o que a gente encontra no parque?***

**Niéde** - *Eu acho que as sociedades antigas, quer dizer, acho que são os caçadores coletores, porque eles viviam em contato com a natureza, eles dependiam da natureza, então eles tinham que reger sua vida pela natureza (...). A desgraça começou quando começaram as grandes, que se chamam grades civilizações, entende? Daí começaram a construir grandes palácios, a muralha da China e o Egito, aquelas pirâmides imensas. Eu tive um professor que dizia: onde existem palácios e templos, existem escravos.* <sup>114</sup>

Assim como Niéde, a antropóloga Vilma Chiara prognostica um colapso em nossa sociedade

**Vilma** - *O nosso tipo de sociedade é um tipo que a gente chama de piramidal, não por causa de pirâmide, mas coincide. Quer dizer, piramidal de classes que são largas embaixo, a mão de obra, os pedreiros, os maçons, e vai até o ápice, que é o presidente, o conselho, o Estado e Deus. No estudo da mitologia, nossos mitos, Deus seria o ápice dessa sociedade transcendental, e esse tipo de sociedade, historicamente ela implode. Então se você pegar as civilizações antigas, elas implodiram, elas se destróem, elas fazem de tal maneira que fica insustentável, porque ecologicamente não é equilibrada. Esse tipo de sociedade que não aguenta mais a sua História. E nós estamos, comparando com a indí-*

---

114 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.

*gena que infelizmente, estamos incluindo o indígena em nosso desastre ecológico. E nossa implosão seria uma implosão planetária.*<sup>115</sup>

***O que você acha que uma pessoa precisa para viver?***

***Niéde*** - Bem, primeiro precisa ter um bom vinho, uma comida boa, e aquilo que gosta. Por exemplo: eu adoro música, gosto de teatro, gosto de tudo isso. E isso para mim é essencial, você está me entendendo? Aqui eu fico reduzida a que? Ao aparelho, à televisão para ver minhas óperas, e não é a mesma coisa que você ir a uma ópera na Ópera de Paris, ou ir à Viena. Na Europa, eu podia. Eu ia para vários locais, entende? Para ver concertos e tudo, e aqui não tem nada disso, o Brasil é muito pobre.

*(...) É isso, quer dizer, eu acho que..eu acho essencial, por exemplo ter um lugar bonito, acho horrível morar em lugares assim, horrorosos. Não poderia viver numa dessas casas em que esse pessoal vive, com os vizinhos tudo do lado, entende? Acho que o homem está deixando de lado aquilo que é essencial para você viver bem, o que talvez explique essa violência que está se desenvolvendo. Porque todo mundo vive tão mal que só pensa no mal (...)*

*(...) Tem pessoas que eu admiro, mas eu acho que também eu tenho muito essa...eu acho que o homo-sapiens é um animal terrível. É um animal que está acabando com o mundo e vai acabar com o mundo (...)*

116

---

115 Trecho de entrevista direta com Vilma Chiara. Curitiba, junho de 2013.

116 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.



25 - Vote

## DESENVOLVIMENTO

Com o fechamento das escolas, uma boa equipe e os materiais se mantiveram com a FUMDHAM que, como parte de seus compromissos e anseios ainda para melhorar as condições de vida e trabalho em São Raimundo Nonato, ainda insistiu...

*Niéde - ...O que que vamos fazer? resolvemos criar aqui na cidade, tivemos o apoio da Ayrton Sena, depois do Itaú, e conseguimos colocar aqui na cidade o Proarte que era, então, o ensino através da arte.(...) (...) Crianças de famílias pobres que não tem onde ficar quando não estão na escola, (a escola aqui são 3 horas por dia), ao invés de ficarem pela rua, iam para lá. E lá eles tinham, então, reforço escolar em Matemática e Português, e também o ensino de várias expressões artísticas. Mas agora que não tenho mais nenhum artista aqui estou, refazendo o programa.<sup>117</sup>*

O Proarte também não existe mais. A última funcionária, Rosa Maria, se foi recentemente.

Para se ter uma ideia do desamparo, Guaribas fica próximo à Serra das Confusões e foi o primeiro município onde o programa Fome Zero foi implantado, em 2000, com cerca de 4.500 habitantes e o penúltimo lugar em índice de desenvolvimento humano do país (0,214)<sup>118</sup>.

Empreendedora, Niéde idealizou muitos projetos. A Cerâmica da Capivara é um dos que se destacam. Também financiado pelo Banco Interamericano, recebeu ceramistas estrangeiros tanto para analisarem a qualidade da matéria prima e propor uma forma de uso sustentável, quanto para treinar os primeiros produtores. Bem sucedida e ocupando boa mão de obra da região, a oficina envia parte da produção para grandes lojas e já não está mais nas mãos da FUMDHAM, é auto-sustentável.

---

117 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

118 fonte: Atlas de Desenvolvimento humano no Brasil - PNUD (<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2000.aspx>)

**Que outros projetos que tem aqui?**

*Niéde - Bem, nós implantamos na região a exploração sistemática do mel, porque então eles, quando iam tirar o mel, queimavam as colmeias, espremiam com a mão retiravam o mel (e o mel daqui é muito bom), mas dessa maneira, eles iam extinguindo as abelhas. Então, nós trouxemos também um técnico em apicultura, instalamos um local para fazer todo o tratamento dos favos, explorar o mel, engarrafar o mel e tudo isso, e depois também passamos pela limpeza...*

**Teve uma ideia de cultivar cactus?**

*Niéde - Sim, esse projeto a gente fez. Pedimos para o BNDES o dinheiro, demos até o local, cercamos 400 hectares, um local com uma fonte de água, e a ideia era fazer um viveiro de cactus e plantas ornamentais, porque é um mercado muito bom no mundo todo. Na Europa, nos Estados Unidos todo mundo tem flores e plantas em casa. Os Estados Unidos e o México estão ganhando fortunas com o cactus, e aqui na caatinga nós temos cactus que não existem em outros lugares. Mas não conseguimos o dinheiro. Daí começaram a fazer esses assentamentos, que dão os terrenos para as pessoas, mas não ensinam nada, não fazem nada. As pessoas desmatam e tocam fogo, e depois não plantam, porque a seca não deu e aquelas coisas. Então, nós propusemos à EMBRAPA para fazer isso, para começar, então, esses assentamentos a fazer o cultivo de cactus e flores. A resposta foi então que o dinheiro da agricultura familiar só pode plantar coisa para comer. Aí eu disse: 'Está bom, aí vem a seca e não tem nada e não come? Não pode plantar cactus, vender e ir no supermercado, como todo mundo?' 'Não, não pode.' Então são coisas assim, não é?*

*Nós tínhamos feito, eu vi nos Estados Unidos e no México, eles têm também o golfe do deserto. O golfe, no geral, é em zona de green...*

*aquela coisinha bonitinha. E eles lá fizeram, e tem um sucesso fantástico. Nós tínhamos visto um local que daria para fazer um golfe do deserto.*

*Tínhamos, que mais? Ah sim, Arqueópolis! Que nós compramos uma região onde você tem lugares como os sítios com pinturas, só que não têm pinturas. E a gente pensou: ali, pessoas que quisessem ficar, passar aqui uma semana, dois dias, três dias vivendo como homem pré-histórico, seria o local. Nós íamos trazer os índios para fazer uma aldeia indígena verdadeira, fazer também os chalés no meio do mato para quem quisesse ficar com a família, com os amigos. E então, teriam pessoas como o Nivaldo, que iriam mostrar como é que lascam a pedra, como os homens faziam tudo aquilo. Eles poderiam, então, ter uma experiência diferente, não? Também não tivemos o dinheiro para isso. E sem o aeroporto, aliás, nem adianta.*

***É, é muito frustrante.***

***Niéde - Quer dizer, a gente fez tudo para ser autossustentável, para desenvolver a região, para ter bastante imposto para pagar, mas nem isso eles querem, não é?***

***Mas e você conseguiria, por exemplo, agora, ir embora?***

***Niéde - Eu? Sim, sem nenhum problema. Já mudei tantas vezes, fui de Jaú para São Paulo, de São Paulo fui pro interior, para cá. Não teria problemas, não.***

*Vou para um lugar onde tenha muitos passarinhos. Na França, na minha casa no campo tinha muitos passarinhos.*

***Mas você não ia sentir falta de nada aqui?***

***Niéde - Sinto falta dos amigos, mas os amigos a gente toma um avião e vai ver.***

**Mas aí você não vai para a França.**

*Niéde - Não, eu vou duas, três vezes por ano à França. Eles me mandam todo ano o programa de concertos da sala ...Em Paris, eu sempre frequentava muito lá e eles continuam me mandando aqui.*

**E eles vêm te visitar aqui?**

*Niéde - Não, os meus amigos? Nada, por causa do aeroporto. São todos meio velhinhos. Já teve alguns que vieram, mas eles reclamam do caminho até aqui, não é?*

**E aí? Você acha que as pessoas estão prontas para...**

*Niéde - Sem dinheiro, quem é que vai fazer isso? Ninguém vai fazer isso. Isso é obrigação do governo federal, do IPHAN e do Chico Mendes*

**Sim. É verdade.**

*Niéde - Se eles não fizerem é porque estão pegando nosso imposto não sei para que, não é? Aliás, eu digo sempre: Sempre tive ideias de esquerda. Quando eu era jovem lutei pelo direito das mulheres. Ela não é uma mercadoria. Hoje eu me arrependo, porque as pessoas que sobem ao poder, a primeira coisa que querem é ficar ricas, tanto ou mais do que aquelas da direita. E as mulheres, hoje, viraram uma mercadoria e estão todas pedindo para ser uma mercadoria. Todo mundo "adora tirar a roupa peladinha", não é? Então é isso..quer dizer: o que eu lutei na minha juventude foi tudo errado.*

**Mas tem algumas coisas que não são só aqui, não é? Não é só no Brasil.**

*Niéde - Ah não, é no mundo todo, no mundo todo. Hoje você vê isso no mundo todo. O mundo hoje tem só uma cultura, que é a cultura do din-*

heiro. É tudo "como é que eu faço para ter mais dinheiro?", entende? É uma coisa impressionante.

**Você acha que as sociedades que tem naquelas pinturas eram melhores?**

*Niéde - pelo menos, você vê, tão todos com as mãos para cima, muito felizes [sorri] Você sabe que os índios (não sei hoje, porque agora que estão botando eles na nossa sociedade, é que é capaz de estragar tudo), o chefe indígena é escolhido em função dos conhecimentos dele, em que ele pode ajudar a comunidade. Ele não é pago. Não é pago, entende? E se uma pessoa fica doente, se o índio fica doente, a família não passa fome. Todos trazem coisas para eles, entende? Ali é a sociedade igualitária. A nossa não existe.*

**Quanto tempo você já passou em uma tribo?**

*Niéde - Eu já passei de uma vez, assim direto, três meses.*

**E você acha que não tem problema?**

*Niéde - Assim, do nosso nível não tem.*

**Nós não somos. Mas assim, pensando no índio, nos seus estudos, em toda essa frustração com a política, você acha que o homem é essencialmente bom, ou essencialmente..não ruim, mas problemático?**

*Niéde - É aquilo que eu digo, quer dizer: nós temos todas essas regras, e todos então fingem que acreditam nas regras e depois não cumprem. Então é uma vida toda meio escondida, entende? E é isso que eu acho que faz com que a sociedade humana seja algo insuportável.(...)*

**(...) Mas você está arrependida de ter feito tudo isso?**

**Niéde** - *As vezes eu me arrependo ter deixado Paris e vir para cá, porque acho que eu perdi meu tempo. Eu acreditei, entende? Porque foi um pedido do governo federal e eu pensei que se o governo federal pediu para fazer um programa, era para cumpri-lo...daí...*

**Tá, mas você já percebeu que não era bem assim há muito tempo.**

**Niéde** - *Sim, mas acontece...Não, a situação ficou catastrófica ultimamente...porque ainda, você vê: 97 saiu o dinheiro para o aeroporto, e o problema é essa coisa, não sei por que que o dinheiro federal vem para mão dos governos estaduais, não é? Porque quando era relação direta com Brasília, vinha de Brasília para nós, aqui. Entrou o governo estadual no meio e deu isso, entende? E o aeroporto era aquilo que a gente sonhava, e começamos o trabalho com o Banco Interamericano, foi quando? Foi 92, 93, e já em 96 o aeroporto foi criado. Em 97 foi liberado o dinheiro. Eu conhecia muita gente no Itamaraty, conhecia lá em Brasília e agora não conheço mais ninguém, então fica difícil. E agora o governo está sem dinheiro, não é? Cortou tudo.<sup>119</sup>*

---

119 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011.



26 - 1993...

## O FUTURO

Falar de futuro com a equipe da FUMDHAM me traz certa aflição. Muitos levantam as sobrancelhas e afinam os lábios para dizer: "É...como ela não tem mais". É consenso que será necessária uma equipe para resolver tudo que Niéde Guidon resolve até hoje: Não só pesquisar, mas avaliar, planejar e orientar a manutenção das estradas e da estrutura do Parque Nacional, desde encanamentos e drenos, até pagamento de funcionários. Como ela disse no último programa Roda Viva de que participou, ninguém mais quer ir brigar. Ela é a pessoa que foi à Brasília, ao exterior, aonde fosse necessário para conseguir verbas para o parque, e isso se faz necessário praticamente todos os anos. Frustrada e cansada, mais uma vez ela teve de responder à pergunta: "Mas por que lutar tanto, ainda?"

**Niéde** - *É porque se a a gente vai perder, luta até o último momento, não é? A hora que acabar o último round, eu vou estar desmaiada, caída no chão e pronto.*<sup>120</sup>

**Niéde** - *Se eu morrer antes, volto para assombrar vocês!*<sup>121</sup>

...Disse a doutora, em conversa com a equipe que terminará o aeroporto. O prédio está mais bonito que a maioria dos aeroportos do Brasil. O acabamento é de primeira. Estamos em setembro de 2014, falta pouco! A arqueóloga decidiu assumir a obra para finalizar ainda este ano, buscando apoio de comerciantes da cidade e outras entidades financiadoras, não do governo. “Achei que poderia ir embora para França em um avião saindo daqui”, ela diz entre provocações à Rosa Trakalo e Sirleide, depois de passar por baixo da cerca de arame farpado porque o portão de acesso ao prédio está fechado e estão demorando para abrir. Não ouvi de sua boca, mas ouvi de mais de uma pessoa que o aeroporto seria sua grande realização e o encerramento de seu trabalho.

**E como vai chamar o aeroporto?**

**Niéde** - *Aeroporto Serra da Capivara*

**E se quiserem dar seu nome?**

**Niéde** - *Não, isso é besteira. Tem que ser aeroporto Serra da Capivara, porque..eles queriam por São Raimundo Nonato. Eu disse: "Não, São Raimundo Nonato ninguém conhece no mundo, Serra da Capivara conhece. Tem que ser Serra da Capivara.* <sup>122</sup>

---

120 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

121 Trecho de conversa entre Niéde Guidon e a equipe de construção do aeroporto Serra da Capivara, agosto de 2014

122 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

Fazendo uma retrospectiva, em 2013, 2012 e 2011 também vieram promessas de finalização do aeroporto, que está autorizado desde 1993. A pista estava pronta, alguns aviões de carga já pousavam. Nessa mesma visita, muitas das obras serão refação de coisas que estavam prontas e se deterioraram com a demora de uso. Os custos da obra (que não foram empregados, pois ficaram presos pelas administrações estaduais do Piauí entre 97 até hoje, com poucos homens trabalhando esporadicamente) já ultrapassaram 20 milhões de reais. A última descoberta foi que estava homologado pelo governo estadual como aeroporto particular, o que não viabilizaria a entrada de companhias aéreas.

Agora falta só o acabamento. Parte da verba destinada para a finalização veio de um prêmio que Niéde recebeu da Fundação Conrado Wessel, em São Paulo, por sua atuação na área de Cultura. Um prêmio que tem como característica a indicação de autoridades de instituições de pesquisa e fomento importantes no país.

O próximo passo após a inauguração do aeroporto é a construção do Museu da Natureza, já autorizado pelo BNDES. O hotel 6 estrelas também está atualmente em pauta.

Hoje, pesquisadores de diferentes áreas que queiram atuar na Serra da Capivara, depois de passarem por 5 a 7 horas de viagem de Teresina ou de Petrolina até São Raimundo Nonato, encontram dentro do parque e mesmo para os sítios arqueológicos mais distantes, estradas prontas e sinalização. Tudo isso graças à equipes que caminhavam dias com urnas cheias de terra e esqueletos em redes, ficavam sem água e comida por dias, sofriam ataques de abelhas e outros insetos.

*Niéde - (...) Você tinha, por exemplo, carrapatos..Houve um dia que eu tirei 45 carrapatos da Anne Marie. Você ficava coberta de carrapatos andando por aí, porque você andava no meio do mato, não é? (...) nós*

*íamos na segunda de manhã e voltávamos no sábado ou na sexta à tarde, não é? E levávamos rede, levávamos comida, quer dizer: lata de sardinha, essas coisas...e dormir na rede, você era picada pelas muriçocas, por tudo quanto é bicho. Era realmente muito difícil. As condições de trabalho... andar muito, carregar muito peso..era... O pessoal teve muita coragem para topa isso..*

***E dava vontade de desistir por isso, ou chega uma hora que acostuma?***

***Niéde*** - Não, o arqueólogo está acostumado a isso, entende? Todos os arqueólogos têm que dar duro na vida. Quem trabalha também na África ou nos desertos, não é fácil. Então eu acho que é o tipo de trabalho que você tem que estar acostumada (...) Mas faz bem, mantém a força.

***Acho que faz bem, e acho que ficar no computador é mais difícil.***

***Niéde*** - Eu me sinto pior no computador! O corpo dói todinho. Eu passava o dia inteirinho trabalhando, às vezes com pá, com picareta, arrebetando pedras. Aqui, quando tem muitas pedras enormes, blocos, pegava uma marreta e arrebetava pedra e não tinha dor nenhuma. Hoje, fico no computador e fico doente.<sup>123</sup>

*(...) Ah, eu escrevi uma carta dizendo que não quero ser enterrada, sobretudo que não me levem à nenhuma igreja. Não quero ser enterrada. Acho que depois de morta vou ser uma excelente comida para os urubus, não é? Urubu tem que comer. E eu deixei uma carta: já escolhi o lugar onde é para me levar e me deixar lá dentro do parque. Já me disseram que não pode, que a lei proíbe, o que eu não entendo... A lei proíbe o que eu quero fazer com meu corpo? Por quê? Não sou um ser*

---

123 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, maio de 2011

*livre? Está vendo como não é bom ser um homem hoje? Então, já disse: o dia que eu chego e vejo que o negócio está indo, tenho que ir lá e esconder lá dentro. Assim ninguém vai me achar.*

***Entrar numa caverna, não deixar resquícios?***

*Niéde - Não deixo. Lá os urubus vão se ocupar. Os urubus e as raposas. "Mas como? Você vai ser comida?" Como vou ser enterrada, vou ser comida pelos vermes. Eu to escolhendo quem vai me comer. Eu prefiro o urubu do que o verme.<sup>124</sup>*

Niéde Guidon vive em uma casa espaçosa e confortável, porém sem luxos. O que se vê em abundância são pássaros pretos pousando para comer os grãos que cobrem quase todo o jardim, os brinquedos dos animais de estimação, livros, garrafas de vinho e quadros do artista piauiense Afrânio Castelo Branco.

Muito do seu discurso, relatei à sua formação humanista e às falas de Vilma Chiara, com quem viveu na França. Tanto Niéde quanto Vilma e a maioria das pesquisadoras que entrevistei para este trabalho, tiveram a paixão, o respaldo financeiro e/ou familiar para irem atrás do que queriam.

A diferença que observo entre esta arqueóloga que tanto me atraiu e outras pessoas que também têm as condições para ir atrás de suas paixões é que ela abriu mão de seus luxos e usou tudo que teve, aprendeu e conquistou para abraçar uma floresta, um passado, um presente e até um futuro, com tudo de bom e ruim que isso pode trazer. Niéde se entregou 100% à vida, não se ateve a moralidades, mesmo vivendo entre burgueses, não se prendeu a partidos, nem à consensos científicos, nem a instituições, mesmo as familiares, nem mesmo às formalidades de gênero. Talvez sua maior arma tenha sido seu carisma para, usando as palavras de Silvia Maranca, "aglutinar pessoas", desde políticos até mateiros.

O que talvez muitas pessoas não saibam, e por isso vêm a pesquisadora

---

124 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2012

quase como uma “super” pessoa, é que o trabalho de Niéde Guidon precisa ser associado ao de suas amigas fiéis e parceiras no trabalho: Anne Marie Pessis e Gabriela Martín. Complementares, as pesquisadoras trocam execução, análise e contextualização de todo esse processo. Niéde, em uma das entrevista mostrou um quadro de Afrânio na parede de sala e disse: "Veja, sou eu, Gabriela e Anne Marie. "(...) personalidades muito fortes, todas as três, mas acho também que é isso que faz com que isso aqui tenha acontecido" (...) completa Sirleide.

***Como você definiria a doutora Niéde?***

***Gabriela Martins - (...)*** Ela não tem muitos amigos, mas é muito amiga dos amigos, é muito fiel à amizade. Essa é uma coisa que posso dizer, é uma das características mais sérias da doutora Niéde Guidon: ela nunca traiu ninguém, ela é amiga mesmo. Se você precisar, pode contar com ela. E você sabe que, nessa vida, amigos desse tipo você conta com os dedos da mão, se tem sorte, se não tem, conta com um ou dois. É da personalidade, é realmente dela. <sup>125</sup>

Enfim, concluo que Niéde fez sua vida como desejou, e se preciso defini-la de uma forma, Niéde Guidon não é a mulher original, mas é a mulher livre.

***Niéde -*** Eu me imagino como uma pessoa normal, que procura viver como um cidadão tem que viver: fazer o meu trabalho corretamente, entende? E tentar viver na sociedade de uma maneira que seja positiva, não negativa. Quer dizer, uma maneira.. é aquilo que eu disse: se eu posso colaborar, se meu trabalho pode ajudar os outros, melhor ainda,

---

<sup>125</sup> Trecho de entrevista com Gabriel Martín Ávila. Piauí, maio de 2011. Ver fala completa em ANEXO 6

*não é? Mas realmente, no fundo eu acho que sou uma pessoa egoísta.  
Eu procurei viver de uma maneira que me diverte (...)<sup>126</sup>*

---

126 Trecho de entrevista com Niéde Guidon. Piauí, outubro de 2011



*27 - Escavar em silêncio*

## CAPÍTULO 3 - DOCUMENTÁRIO - A MULHER ORIGINAL

*Jornalista (não identificada) - Estou nervosa por estar falando com a senhora.*

*Niède - Quer que eu saia?*

*(Diálogo entre Niède Guidon e jornalista não identificada durante entrevista em seu escritório)*

Uma diferença ao se escrever sobre ou fazer documentário, é o fato de que ao se escrever, tem-se uma gama de exemplos prontos que servem como comprovação de hipóteses levantadas. No caso de se fazer documentário, a tentativa de se seguir as teorias traz o perigo da perda da cara espontaneidade e voz própria que aquele tema, naquele momento, "com aquela luz" podem proporcionar. Assim como a história analisada se difere da fabricada, também o documentário dificilmente consegue ser categorizado, pois no momento em que se determinam padrões e entendimentos, novos desafios e estilos de produção surgem ou se mesclam, demandando novas compreensões de processos que também derivam de inovações tecnológicas, mudanças nas relações e acontecimentos históricos.

Se o que caracteriza um procedimento científico é a possibilidade de se repetir o processo em ordem de se obter o mesmo resultado, a produção de um documentário definitivamente não conseguirá ser um procedimento científico. São variáveis demais para se controlar e impossíveis de se repetir. Mas nesse caso, em que o fazer foi continuamente analisado e autocrítico, proponho que seja visto, também, como um trabalho científico.

Foram 5 visitas a São Raimundo Nonato, Piauí, que resultaram em aproximadamente quinze horas de conversas com Niéde Guidon. A primeira viagem, que foi a que me fez conhecer o Parque Nacional Serra da Capivara e ouvir as histórias sobre a pesquisadora ocorreu em 2009, por um trabalho de gravação não relacionado à arqueologia.

Em 2011, decidi que gostaria de tentar gravar uma entrevista com a pesquisadora, entrei no site e telefonei para a FUMDHAM. Josetti passou o telefone para Rosa Trakalo que, muito atenciosa, me passou o email direto de Niéde, e então escrevi a ela pela primeira vez.

Em maio de 2011, viajamos de Campinas, São Paulo, para São Raimundo Nonato, via Teresina, em uma equipe de 3 pessoas: eu, Gabriel Duarte e Gustavo Almeida, com recursos próprios e um cronograma de gravações de 6 dias. O senhor Lourival seria nosso motorista durante toda a semana, revezando com um de

seus filhos, James. Quem nos recebeu e acompanhou durante os dias foi Leandro, biólogo e estudante de mestrado que também estava há alguns meses em São Raimundo, sendo treinado para assumir a chefia do parque. Visitamos o Boqueirão da Pedra Furada, inclusive à noite, fomos ao loteamento do Novo Zabelê, onde visitamos um dos guias de Niède, senhor Nilson, e uma família de ex-moradores da Serra Vermelha. Fomos também à casa do outro guia, senhor Joãozinho, com seu chapéu de cangaceiro todo colorido e minuciosamente bordado e uma arena em seu quintal. Também conhecemos a Cerâmica, um dos projetos de sucesso idealizados por Niède, e lá estava Girleide, a atual responsável pela oficina, senhor Nivaldo e dona Carmelita, sua esposa. Os equipamentos utilizados foram uma câmera Panasonic HMC 150, uma câmera Canon T2i e microfones de lapela Azden. Tínhamos um cronograma apertado de gravações, com entrevistas e locais já pré estabelecidos para captação de imagens com foco nas histórias de vida de Niède Guidon.

Em 2012 retornei a São Raimundo Nonato, via Teresina, com outra configuração de equipe e uma proposta diferente: de acompanhar os acontecimentos e as pessoas sem um roteiro pré-definido. O mês era outubro, auge da seca. Toda a paisagem estava diferente de minhas primeiras visitas. Dessa vez, acompanhei a equipe do projeto Arqueologia e Divulgação Científica - Diálogos e Saberes, realizado pelos laboratórios LabJor - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e pelo Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte, ambos da UNICAMP. A equipe era composta também pela comunicadora e professora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo - LabJor, Dra. Vera Regina Toledo Camargo, pela jornalista e mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo LabJor - UNICAMP, Glória Tega Calippo, e pelo cinegrafista e mestre em arqueologia pela Universidade Federal do Piauí, Pedro Gaspar. Com mais tempo, visitamos lugares como o Baixão das Andorinhas e pude conviver com pesquisadores da FUMDHAM. Os equipamentos utilizados foram câmeras Canon 5D, D60 e T2i.

Em 2013, além da viagem à São Raimundo Nonato, por Petrolina, dessa vez em junho, desloquei-me até o Rio de Janeiro para entrevistar a jornalista Solange Bastos, e depois para Curitiba, ao encontro da dra. Vilma Chiara. Também fui a São Paulo, onde entrevistei a dra. Silvia Maranca e Ernesto Guidon, irmão de Niéde (este em 2014). Equipamentos: Câmera Canon T2i, gravador de áudio Tascam e microfone de lapela Azden.<sup>127</sup>

*"Fim de festa, começo das saudades. É como eu me sinto. Acabo de me despedir da doutora. São 6:42 da manhã. Estou triste por não ter mais perspectiva de voltar nem de poder fazer alguma coisa por tudo aqui.*

*Estou apaixonada por essa cidade pobre, poeirenta, onde a água do chuveiro é feia e cheira mal. Estou apaixonada por estes gatos de cada lugar onde passei. Pelo sotaque meio manso e com uma sabedoria amigável, meio brincalhão. Estou apaixonada por estas cores. E como trabalhar sem essa paixão? Qual é essa frieza que dizem que é necessária? (...) (Diário pessoal. Piauí, 25/06/2013)*

Finalmente em 2014 decidi ir novamente, de última hora. Minha viagem ocorreu em agosto, e dessa vez pude ver, com Niéde, as obras do aeroporto sendo, finalmente, concluídas. Foi um momento importante da pesquisa, por ter passado 18 dias sem foco na gravação. Interagi com os pesquisadores de maneira informal e fui tratada de forma diferente: mais como pesquisadora do que documentarista. Equipamentos: Câmera Canon T2i e gravador de áudio Tascam e microfone de lapela Azden.

Ao longo destes 4 anos de gravações, muitas expectativas surgiram. A primeira delas era se eu conseguiria montar um vídeo interessante e coeso com o material captado, ou seja, se eu tinha uma história para contar. A próxima preocupação era de qual seria o principal enfoque do trabalho: seria a vida pessoal, o trabalho de Niéde ou a Serra da Capivara? Dentro de qualquer um destes enfo-

---

127 Sozinha, pude acompanhar a missão Franco-Brasileira e participar de uma expedição para a Serra das Confusões produzida pelo fotógrafo André Pessoa. Dormindo em redes e sem banho por 3 dias, posso ter sentido um pouquinho do que as equipe pioneiras sentiram em busca dos sítios arqueológicos.

ques, deveria haver mais recortes. Me afligi por me envolver e ao mesmo tempo sentir a pressão para ser imparcial, sofri com cobranças, sugestões e conselhos vindos de todos os lados até firmar o pé na concepção de que este trabalho é meu, com meus erros e acertos, e de insistir em pontuar as diferenças entre o jornalismo e o documentário.

*"O mito da informação, balanceada e imparcial. Objetiva. Em nome disso, que sequer se tenta cumprir, rejeita-se todo produto que tenha um olhar paciente e respeitoso. Tudo que não for "informação", é poesia inútil, antropologia pretensiosa, divagação elitista (Coutinho em carta-depoimento para Paulo Paranaguá em BRAGANÇA, 2008. p.19)*

O documentário, que para Sérgio Puccini (2010) é o discurso sedimentado em ocorrências do real, e para Fernão Ramos são asserções sobre o mundo, não se prende à factuaisidades e tem seu discurso mais fiel às visões de seu autor do que um compromisso com a verdade.

No cenário internacional, o documentário possui suas raízes históricas no cinema. Devemos levar em conta, contudo, que no Brasil, o documentário partiu dos cinejornais e documentários feitos sob encomenda (SOUZA, G. 2006).

No primeiro ano posso dizer que, o ainda não envolvimento me permitiu fazer perguntas mais diretas a todos os entrevistados. Ao longo dos outros anos, conforme reencontrava as pessoas, apesar de saber mais sobre elas e as dinâmicas de vida e trabalho na região, senti maior dificuldade para abordar assuntos com liberdade e espontaneidade. Entrevistar a maioria das pessoas logo no primeiro contato foi um grande acerto, pois, no meu caso, a intimidade intimidou, e faria de mim, provavelmente, uma etnógrafa nota zero.

Eduardo Coutinho não tinha nenhum contato com seus entrevistados antes de ligar a câmera, mas os assistentes sim. Estes já coletavam algumas informações. Essa metodologia do cineasta permitia que ele captasse momentos espon-

tâneos, e que o momento da entrevista, já com a câmera ligada, fosse o das primeiras trocas entre ele e seus entrevistados. A primazia de seu trabalho está justamente no momento 'Histórico" que ele documenta ser a própria entrevista. Coutinho soube dominar o tempo em seu trabalho. Coutinho, aliás, traz nas entrevistas publicadas por Felipe Bragança, muitas respostas aos meus maiores conflitos durante a produção do documentário sobre Niède Guidon, como o de formas de abordagem dos entrevistados e como lidar criativamente com o material captado.

Ao tratar do roteiro de documentário, Sérgio Puccini trata a concepção de um projeto, buscando um mínimo de sistematização num processo que muitos se atrapalham para conduzir, trazendo os métodos usados por diferentes documentaristas e as análises de estudiosos da área.

*"Contrariamente à impressão de criação instantânea, dirigir um documentário é resultado menos de um processo de investigação espontânea que de uma investigação guiada por conclusões preliminares obtidas durante o período de pesquisa. Em outras palavras, a filmagem deverá ser preferencialmente a coleta de evidências para relações e suposições básicas identificadas anteriormente." (RABIGER, M. 1998, p. 113)*

Pois bem, essa afirmação de Rabiger, apesar de verdadeira, nessa experiência de produção, tratou-se somente de um estado inicial de organização e tornou-se um conflito, já que enquanto eu tentava construir Niède Guidon como na minha imaginação, ela se desconstruía à minha frente, e mais uma vez, humildemente me espelho em Coutinho, cujas entrevistas publicadas em "Encontros | Eduardo Coutinho" me trouxeram à luz de muito sofrimento durante toda essa jornada. Aliás, penso que se tivesse lido seus depoimentos antes de iniciá-la, teria mais segurança em muitos momentos de entender se minhas questões eram ou não inocentes e solitárias.

*"[Claudio Bojunga sobre o filme " Cabra marcado para morrer"] - Entre o filme original e o filme final, você não perdeu suas ilusões?"*

*Coutinho - A palavra ilusão é boa. É um problema pessoal e histórico. Antes de fazer o filme, eu me disse, e ingenuamente: "quero fazer um filme que seja a morte das ilusões."- um filme contra as ilusões. Ilusão é muita coisa, é ideologia que não se sabe ideologia, otimismo revolucionário entre aspas etc...Na verdade, tolíce minha: se você mata algumas ilusões, nascem outras." (BRAGANÇA, F. 2008. P. 43)*

Foram referências importantes para este trabalho, os documentários: "Theodorico, o imperador do Sertão" (1978), de Eduardo Coutinho; "Jesus Camp" (2010), de Heidi Ewing e Rachel Grady; "Cave of Forgotten Dreams" (2010) e "Encounters at the end of the world" (2007), ambos de Werner Herzog. Os quatro filmes, tratam de deslocamentos à ambientes e dinâmicas culturais específicas, mas no primeiro caso, o personagem principal, Theodorico Bezerra, coronel fazendeiro no Rio Grande do Norte, narra sua própria vida e entrevista seus funcionários, conduzindo o espectador à sua "realidade", ao mesmo tempo que "a câmera" parece contradizer essa narrativa. Ela se faz presente como um olhar crítico de um visitante.

Jesus Camp é sobre um acampamento evangélico para crianças chamado "Kids On Fire School of Ministry", localizado em uma cidade de Dakota do Norte, Estados Unidos. As filmagens trazem efeitos de *flare* (brilho na lente da câmera que, geralmente, é considerados ruído) e uma colorização levemente dessaturada; recursos que, a meu ver, passam a imersão devota em que os personagens se compreendem. O antagonista aos discursos apresentados pelos protagonistas (uma pastora e 3 crianças) é o locutor de uma rádio em *Kansas City*, que critica o partidarismo religioso que se fortaleceu durante o governo Bush (2001 a 2009) e as implicações disso para a sociedade americana.

No terceiro filme, "Cave of Forgotten Dreams", Herzog acompanha cientistas à caverna Chauvet, localizada ao sul da França e famosa pelas pinturas rupestres mais antigas já encontradas. O filme tornou-se uma referência para o meu traba-

Iho, não só por tratar de arqueologia, mas pela forma como Herzog se posiciona e aborda seus entrevistados.

Finalmente, no quarto filme, Herzog visita uma estação de pesquisas da National Science Foundation localizada num local chamado McMurdo, Antártida, e conversa com pesquisadores e funcionários da estação de pesquisa trazendo desde histórias pessoais, até conceitos científicos, construindo uma abordagem única e livre, que ele logo demonstra, ao dizer que este não será um filme sobre pinguins, pois suas questões sobre a natureza são outras.<sup>128</sup>

Os quatro filmes tratam de assuntos interessantes aos cineastas por razões subjetivas e no caso de Theodorico Rei do Sertão e de Jesus Camp, os documentaristas não se incluíram como personagens e não confrontaram seus entrevistados, mas ainda assim conseguiram trazer suas inquietações. O que admiro neles, são as formas como conseguiram se fazer narrativas “camaleônicas” e que representam satisfatoriamente interesses opostos, trazendo mais experiências de provocações ideológicas do que de julgamento.

---

128 Tradução da autora. Fala original: My questions about nature, I let them know, were different. I told them I kept wondering why is it that human beings put on masks or feathers to conceal their identity? And why do they saddle horses and feel the urge to chase the bad guy? And why is it that certain species of ants keep flocks of plant lice as slaves to milk them for droplets of sugar? I asked them why is it that a sophisticated animal like a chimp does not utilize inferior creatures? He could straddle a goat and ride off into the sunset (Encounters at the end of the world, Werner Herzog, 2007)

Minhas questões sobre a natureza, deixei logo claro, são outras. Eu disse a eles que fico imaginando por que os seres humanos usam máscaras ou penas para demarcar suas identidades; e por que montam os cavalos e sentem a necessidade de perseguir os bandidos? E por que certas espécies de formigas mantém pulgões como escravos para alimentá-los com gostas de açúcar. Perguntei a eles por que um animal sofisticado como o chimpanzé não utiliza animais inferiores? Ele poderia montar em uma cabra e subir até as montanhas para observar o pôr do sol.



*28 - Muitos ângulos*

## IMPOSIÇÕES TÉCNICAS E A MONTAGEM.

*"(...)nota-se que o processo de maturação de um roteiro de documentário pode ser bem mais longo que o de ficção, e envolver todas as etapas de realização do filme. Essa peculiaridade é consequência da maior dificuldade de apreensão e controle do universo de representação, aberto e sujeito a transformações, oposto ao universo fechado e controlado da ficção. Trata-se de um gênero em que o imprevisto pode desempenhar papel tão importante quanto aquilo que é cuidadosamente planejado. Essas características do gênero justificam a diversidade de modos de preparação e condução do filme documentário; a cada novo projeto de um filme, o documentarista é obrigado a se deparar com particularidades advindas do universo de abordagem escolhido, que o obrigam a rever seus métodos de organização da produção. A ampliação do campo das possibilidades na forma de condução do projeto documental acentua o caráter autoral do gênero mani-*

*festado nas escolhas dos universos de abordagem que refletem interesses próprios de cada cineasta.” (PUCCINI, S. 2009, pg18)*

Algumas características técnicas e estéticas, de decupagem, variação de câmeras, enquadramentos e iluminação se farão presentes no filme e, em muitos casos, a situação presente determinou a estética muito mais que a intenção. A primeira justificativa para este fato é: este foi um trabalho que, além de concebido individualmente, foi também produzido quase 100% individualmente, e com recursos próprios, que totalizaram aproximadamente dez mil reais. Um valor abaixo, por exemplo, do edital de financiamento do Fundo de Incentivo à Cultura de Campinas FICC, para curtas-metragens, que é de dezoito mil reais. Nos dois primeiros anos, que viajei com mais pessoas e equipamentos, apesar de termos mais segurança nos momentos de gravação, o desconforto do entrevistado e a lentidão na mobilidade eram maiores. Sozinha pude aproveitar melhor momentos espontâneos mas em compensação, não pude controlar todas as variáveis para uma qualidade de imagem e som ideais.

As diferentes texturas de imagem, ocorridas por diferentes equipamentos de gravação, pontuam os diferentes anos e contextos de interação pessoal. Existem, também, materiais de arquivo, fornecidos pela FUMDHAM e pela TV UNICAMP, além gravações feitas com o celular, o que demonstra também a polifonia de captações/captadores unidas por meu viés autoral. Muitas entrevistas e cenas são escuras, já que não trabalho com iluminação artificial, e decidi absorver a interferência e passagem do tempo nas gravações.

Os olhares dos entrevistados e as distâncias também são muito variados, já que as entrevistas foram conduzidas muito mais como conversas e, em alguns casos, os outros membros das equipes fizeram perguntas. Tanto na elaboração do texto quanto para a montagem do filme, os depoimentos/conversas foram primordiais enquanto construções narrativas, acompanhando a visão de Alessandro Portelli (1997) enquanto teórico da metodologia da História Oral.

*"As fontes históricas orais são fontes narrativas. Daí a análise dos materiais da história oral dever-se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria narrativa na literatura e no folclore. Isto é tão verdadeiro no testemunho recolhido em entrevistas livres quanto nos materiais de folclore organizados de modo mais formal. Por exemplo, algumas narrativas contêm recursos na "velocidade" da narração, isto é, na proporção entre a duração dos eventos descritos e a duração da narração. Um informante pode relatar em poucas palavras, experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios. Estas oscilações são significativas, embora não possamos estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser uma estratégia para desviar a atenção de outros pontos mais delicados. Em todos os casos, há uma relação entre a velocidade da narração e a intenção do narrador."(PORTELLI, A. e FENELÓN, D. Projeto História, 1997. p.29)*

Também a iluminação natural determinou estes posicionamentos e, assim, muitos dos entrevistados conversam olhando em diferentes direções, o que tornou-se uma condição explorada posteriormente na montagem.

*"coisas se passam no nosso espírito. Vemos algo acontecer um dia, vemos outra coisa acontecer dez dias mais tarde e o espírito faz uma relação. A montagem é isso. Eu ponho em relação aquilo que o meu espírito põe em relação na medida em que me parece que isso ajuda a compreender. E isso é tudo(..)" (SAIVRE, 1977 apud FREIRE, 2012 p.30).*

Acredito que por minha maior experiência com montagem do que com a escrita, construí este texto menos com o intuito descritivo e cronológico e mais acompanhando meus fluxos de pensamento e repertório, assim como aprendi a fazer em uma montagem sem roteiro, em que se experimenta as cenas para que elas demonstrem suas forças e induções.

Como já mencionado, as cores da região de São Raimundo Nonato se fixaram, para mim, como elementos fortes nas captações, especialmente o azul do céu e o rosa da terra. Optei por fazê-las presentes, dividir muitas das imagens com a linha do horizonte e meu estado constante de envolvimento: dividida.

Bill Nichols, no livro *Introdução ao Documentário* (2005), traz classificações que facilitam o processo de discorrer sobre filmes desta linguagem, mas deixa claro que muitos filmes transitam entre essas classificações e não se prendem a elas, tratam-se muito mais da compreensão das produções já concluídas do que de formas de se direcioná-las. Dentre as classificações, a de temas traz a que mais se aproxima do que busquei neste filme, que é o Cerimonial ou Panegírico.

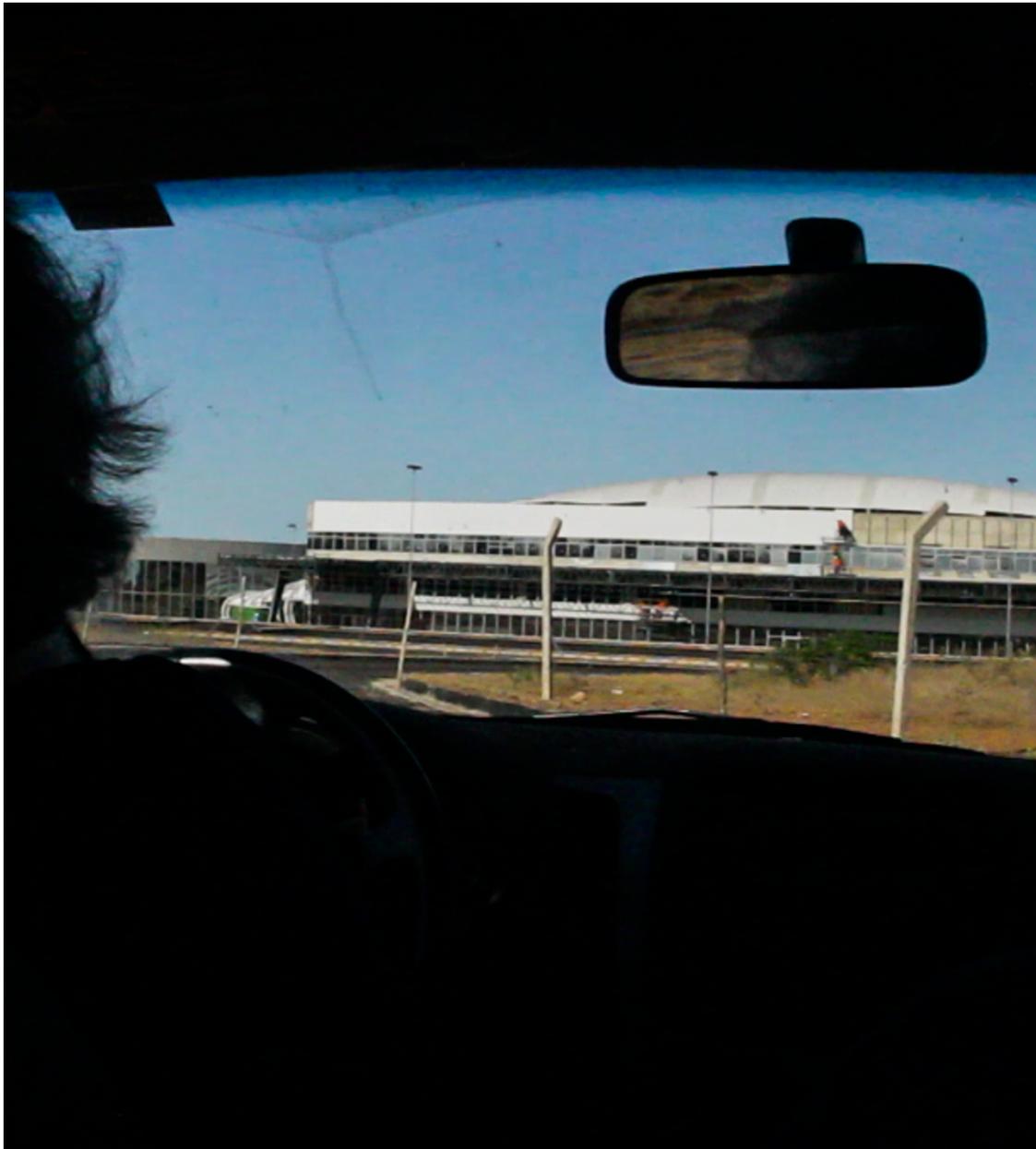
*"Grande parte do que podemos classificar como retórica cerimonial também poderia ser denominada retórica biográfica, ensaística ou poética: ela se dirige a uma pessoa ou situação e tenta dar-lhes uma coloração afetiva e moral. Ela procura apresentar pessoas, lugares e coisas em tonalidades agradáveis ou desagradáveis." (NICHOLS, B. 2005, P.105)*

Compreendendo também "A "Mulher Original" nos modos documentais de Nichols, transitei entre os modos participativo e o reflexivo, pois assumi minha presença quase como personagem do filme, deixando presentes minhas perguntas, respiros e posse da câmera.

*"Se, no modo participativo, o mundo histórico provê o ponto de encontro para os processos de negociação entre cineasta e participante do filme, no modo reflexivo, são os processos de negociação entre cineasta e espectador que se tornam o foco de atenção. Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico, como também dos problemas e questões de representação."(NICHOLS, B 2005. P. 162)*

Conduzido pelas entrevistas com pessoas importantes na vida de Niéde Guidon, o documentário inicia de forma cronológica, mas logo se organiza por temas,

não necessariamente em ordem temporal, mas pelos fluxos de diálogo com os entrevistados. Praticamente os mesmos temas foram revisitados em todas as entrevistas e, enfatizados na montagem, podem ser divididos entre: a chegada de Niéde (e a minha chegada) à São Raimundo Nonato, Arqueologia, o Parque Nacional Serra da Capivara, as escolas, a relação de Niéde com as pessoas e o futuro dos trabalhos conduzidos por ela. Durante quase todo o filme, Niéde aparece dirigindo pelo parque enquanto conversa. Também uma situação explorada tanto para o ritmo quanto como recurso estético e sugestivo do filme.



29 - **Rosa** - *Niéde, ainda bem que sua memória facial é ruim.*

**Niéde** - *Por quê?*

**Rosa** - *Porque você não se lembrou que essa foi a moça que você tentou passar por cima da última vez que veio a esse aeroporto.*<sup>129</sup>

---

129 Trecho de conversa entre Rosa Trakalo e Niéde Guidon, após visita às obras do aeroporto. Piauí, agosto de 2014.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensaiei?

Para conceber este perfil escrito, minha primeira inspiração foi no texto "Frank Sinatra has a cold" (Frank Sinatra está resfriado), do jornalista literário Gay Talese. O texto caracteriza, desenha o cantor sem uma entrevista, sem um contato direto com ele. É uma visão distanciada construída a partir de depoimentos de pessoas próximas.

Creio que me afastei um pouco dessa premissa, ou talvez tenha feito aqui o que seriam as bases para um texto literário, mas que foram as bases para a cons-

trução do documentário "A Mulher Original", que complementa o que busquei montar de Niéde Guidon. Montar, porque é um texto polifônico, atravessado e presente. É um texto instantâneo, em que me permiti, porque como nova pesquisadora, já precisei de um material assim, em que o autor se permitisse.

Gostaria de dizer que este é um Ensaio, mas temo não ser. Temo que essa coleta de depoimentos foi mais o que Jorge Larrosa traz em seu artigo: "O ensaio e a escrita acadêmica", como investigação, pois levantei, montei e refleti sobre o processo e sobre o material coletado.

*"Para o ensaísta, a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa, o seu meio de trabalho, mas também o seu problema. O ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê."(LARROSA, 2003. p.8)*

Estou satisfeita com o que alcancei até aqui, pois aprendi, consegui enfrentar o desafio mais difícil que já assumi: o de escrever.

*"Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. Basta-me referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, algumas dos seus mais temíveis poderes. O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso — a psicanálise mos-*

*trou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-mos. (FOUCAULT, M. 1998. p.02).*

Descobri, afinal, que este trabalho fala de contradições. Das contradições que a vida nos impõe com o passar do tempo. A mulher que não acredita no assistencialismo, construiu escolas e poços; o governo, que deveria se comprometer, se ausenta; os ex-moradores, que guardam mágoa e se orgulham; o brasileiro do sertão que fala francês; os mais eruditos só acreditam nos índios; no lugar mais afastado de qualquer assistência médica, é onde a saúde se vai mais rápido. E assim nos fazemos, esperando um sentido e uma ordem, uma direita e uma esquerda (inclusive políticas) e oposições que não se sustentam, pois somos todos seres humanos: contraditórios por sobrevivência.

Assim foi como consegui contar história. Escrevo intencionalmente sem o artigo “uma”, pois tratei aqui da história de Niéde Guidon, mas também da História como uma observação de fatos sociais passados, em especial no Brasil.

As entrevistas com arqueólogos, antropólogos, jornalistas e especialistas em outras áreas demonstrou-se muitas vezes o material mais rico para a concepção conceitual deste material do que muitos livros e artigos, como foi o caso, por exemplo, da entrevista com a antropóloga Vilma Chiara, que ao comparar os povos indígenas com as sociedades civilizadas ocidentais em seu trabalho sobre os mitos de origem, trouxe uma visão interessante de como nós somos sociedades históricas condicionadas pelo tempo e buscamos todos os nossos entendimentos olhando para eventos passados, enquanto os índios (ao menos os que ela estudou) são sociedades do espaço e, mais sensíveis ao meio, reagem aos eventos de formas diferentes.

Escrevo esta parte da conclusão de São Raimundo Nonato. O mês é agosto. Lá fora está tudo cor de rosa da terra, azul e cinza. Essa mesma poeira cor de

rosa cobre a tela do meu computador. O calor não é tão forte dessa vez. E o silêncio é raro por aqui, já que ora ouço o som de motores e ar condicionado, ora de carros de som dando números de candidatos ou anunciando a festa da padroeira. O barulho mais silencioso é o dos gritos das araras da FUMDHAM.

Cada ano que vim a São Raimundo, vi mudanças e outras pessoas. Senti ter que começar uma relação do zero todas as vezes. Entendi bem a reclamação de Niéde da alta rotatividade de funcionários por aqui, seja porque a instituição tem a necessidade de cortar gastos pela falta de verba fixa, ou porque essas pessoas buscam novos desafios ou não se adaptam. Enfim, a equipe muda bastante e apesar de muitas pessoas reclamarem da alta exigência e aridez do trabalho, têm a confiança de que aprendem muito. Saem daqui bons profissionais, com portas abertas para onde quiserem ir, e sabem disso.

Construí este conteúdo sobre imagens, sons, textos, conversas e sensações. Não foi fácil, principalmente, separar e organizar tudo, e muito do que registro aqui não interessa a quem só quer saber sobre a vida de Niéde Guidon, espero que entendam que este trabalho não é um fim, é uma partida para outros. É a origem do seu.

Daqui, muitos caminhos podem ser seguidos e aprofundados, como uma escavação. Mas se posso concluir algo agora, é que é impossível conhecer uma pessoa por sua história, porque a história de entrevistador e entrevistado (neste caso) se fazem ao mesmo tempo, conforme as pessoas se encontram, conforme os desafios aparecem. Eu sou diferente do que era quando comecei essa pesquisa. Embora uma das minhas frustrações seja a de não alcançar doutora Niéde "por traz" de suas respostas "pré-formuladas", entendi, na prática, o que Coutinho já havia relatado de sua experiência: Os encontros são a história.

Dentro da caminhonete, Niéde era solta, jovem, natural. Talvez mais próxima da Niéde do passado, que muitas pessoas lamentaram por eu não ter conhecido.

Em sua casa, em frente ao computador, era a mulher de negócios, comportada, cansada e frustrada com as burocracias em que se afundou.

Os vidros ao redor de sua sala, embora deixem entrar a luz e as imagens dos pássaros voando fora, concentram o frio do ar condicionado e revelam a imagem e os movimentos dessa mulher de 81 anos e tantos feitos, mas ao mesmo tempo não a integra ali. Uma vitrine de uma vida que por mais que tentemos retratar, é impossível de ser revelada, pois cada um enxerga diferente.

Uma espécie de embate entre tempos e memórias inicialmente dificultou meu trabalho enquanto eu, inicialmente, tentava organizar a vida que escolhi documentar. Uma das minhas conclusões foi essa, afinal: de longe até podemos chegar à uma homogeneização da vida humana, reconhecer padrões, repetições e intenções, mas se a vida de cada um fosse só uma parte igual de uma massa, realmente, acho que não seríamos tão adaptáveis.

Embora Hannah Arendt pareça buscar e acreditar em uma verdade, e foi com esse anseio que iniciei o trabalho: de conhecer uma personagem por trás das histórias contadas e de suas entrevistas, Coutinho, por outro lado, me mostra em seus exercícios que isso é impossível, ao menos através do que ele faz e eu tentei aqui fazer: atravessados pela câmera.

Entendi com Arendt, para pensar em um ser político em meu país, que o pensamento se faz com a vida e vice-versa, e que o tempo é, nada mais que nossas ações. Numa necessidade de controlar nossa natureza, podemos nos formatar às tradições, ou relativizá-las, modernizá-las. Podemos formular nossas teorias e seguir em frente, usando cada novo evento para reforçá-las (e será que para torná-las bases de tradições?), mas pergunto-me o quanto perdemos com essas teorias.

Decidi, nestes últimos 3 anos, me deixar levar por um exercício acadêmico. Concluo que "A Mulher Original" foi um exercício de vida. Isso pode ser óbvio, mas o envolvimento de que tanto tentei fugir veio e sinto que devo trazê-lo, não como uma fraqueza, mas como minha condição. Não como uma escolha ou um partido,

mas como um encanto pelos processos, que vi em tantos pesquisadores que conheci.

Um dos técnicos da FUMDHAM, durante um trabalho de conservação de pinturas, em que gravávamos com sua equipe trabalhando, começou a contar sobre sua experiência como estudante da escola criada por Niéde. Foi, então, solicitado por minha professora, Vera Toledo (que estava coordenando as gravações do projeto Arqueologia e Divulgação Científica - Diálogos e Saberes) a cantar o hino da França e, ali, debaixo de sol e poeira, cantou a Marselhesa. Minha memória é de que, naquele momento eu tive muitos sentimentos ao mesmo tempo: o primeiro foi crítico, uma visão de colonizador X colonizado, de submissão e perda de cultura. Em paralelo, fiquei fascinada pelo território que se fez naquele lugar, que é fora das delimitações cartográficas e culturais que conhecemos. Uma mistura de relações com tempos, realidades sociais e saberes, desequilibrada politicamente? Sim, mas que insiste em solicitar que eu derrube conceitos de "bom e ruim" de minha vida para ver os seres humanos e suas relações com outros, com outros vivos e com os materiais, como algo além de tradições e de teorias.

Também depois de rodar e sofrer em busca de um sentido para este texto, o sentido se fez. Conversando com pessoas de diferentes condições econômicas e culturais, diferentes idades e diferentes passados, ao falar com Niéde sobre todas as suas ações, com ela sentada em sua cadeira de escritório, depois de ouvir de muitas pessoas que eu não conheci a Niéde como ela realmente era, de ver algumas realidades muito tristes, de dar meus óculos a uma senhora que não conseguia ir ao médico e de ouvir a dificuldade que existe por um atendimento médico...senti que essas lembranças de tantas arqueólogas, hoje sérias e focadas, foram outrora energia da juventude, foi saúde para brigar, uma saúde que para as pessoas de lugares afastados das grandes capitais, como São Raimundo Nonato, é determinante de muitas coisas, inclusive de vontades e de perspectivas.

Se o que se espera é uma definição de Niéde Guidon, desconsertada eu traço algumas asserções.

A Niéde, no tempo em que eu a conheci, o presente, é Kamé: persistente e "pé no chão". Mas o que me contam dela me trazem a imagem de uma jovem Kañerú, ligeira e cheia de iniciativas.

Niéde escava em busca de sua avó, escava em busca de sua origem, seja essa espiritual, cultural, ou mesmo geográfica. É uma pessoa que agiu sempre. Não esperou fazerem nada por ela. Eu vi em minhas visitas, uma mulher metamórfica: ora de gosto fino requintado, ora de palavreado "rústico". Uma personalidade que praticamente se amalgamou com a Serra da Capivara, a ponto de ser difícil de eu perceber se o filme seria sobre ela ou sobre o parque. Sua vida se tornou o Parque Nacional Serra da Capivara, e sendo assim, valeu-se de todos os seus recursos e energia por sua sobrevivência.

Finalmente, depois de ligar com a personalidade política de Niéde Guidon, também construí um pouco da minha. Uma das linhas que pretendia usar para fazer este trabalho era a educação, mas se antes eu a valorizava (a educação formal) como o instrumento mais valioso para a "salvação" de uma sociedade, penso agora que não é bem assim. Penso agora que "salvação" já é, por si só um problema, uma imposição, um desdém; e a educação é um instrumento poderoso, sim, que pode ser usado para libertar, e ao mesmo tempo formatar pessoas, posicioná-las no mundo já dominado, talvez.

Apreendi que há diferentes formas de aprendizagem. E uma das mais ricas é a alteridade, pois como seres humanos contraditórios, temos atos conscientes e passionais, egoístas e generosos; e quando confiamos somente em nossa visão sobre a vida, deixamos de lado e até prejudicamos muitas outras. Deve ser por isso que vivemos em sociedade: para que outros nos conduzam em nossos pontos cegos. Até pouco tempo, eu diria que a educação é o mais importante para nossa vida em sociedade. Hoje eu valorizo a saúde. Lugares onde o ser humano pode ser livre, são lugares onde existe bom provimento de saúde, porque cada um

pode explorá-lo para acionar o que sua mente deseja e o que a política permite, ou enfrentar tudo isso para construir uma própria História.

Acredito que terminei. Acho que contei tudo que consegui. Acho que as palavras-chave para este material serão bem abrangentes, como: arqueologia, Niéde Guidon, política, unidade de conservação, saúde, educação, documentário, contradição, enfim. Sinto-me grata e culpada. Grata porque todas, todas as pessoas a quem pedi ou perguntei qualquer coisa para realizar este trabalho, me estenderam a mão e me passaram seus conhecimentos com muita generosidade. Grata por ouvir tanto de tantas pessoas diferentes. Grata por ter conseguido produzir um texto trazendo um pouco do que vi, ouvi e aprendi. E culpada porque queria ter feito mais, ter mostrado mais, ter apresentado com esse mesmo volume a vida de cada uma das pessoas que entrevistei porque são todas tão encantadoras e originais.

*"Aeroporto Internacional Serra da Capivara é concluído em SRN  
Autoridades aguardam autorização da ANAC*

*O polêmico Aeroporto Internacional Serra da Capivara, construído na zona rural do município de São Raimundo Nonato, região sudeste do Piauí e distante 525 km da capital Teresina, está com suas obras finalizadas. A construção se arrastava por mais de uma década sendo alvo de inúmeras denúncias de irregularidades. Com a conclusão dos trabalhos o terminal de passageiros e a pista de pouso e decolagem com 1.650 metros já estão recebendo voos privados e podem operar, inclusive, no período noturno.(...)"(PESSOA, A. Portal SRN. 2015)*

...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de; FALCÃO, Jorge Tarcisio da Rocha. (2005). **A estrutura histórico-conceitual dos programas de pesquisa de Darwin e Lamarck e sua transposição para o ambiente escolar**. Ciência & Educação: Bauru, Abril-Sin mes, p:17-32.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

ARRUDA, Rinaldo. **Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação**. Ambiente e Sociedade. 1999, n.5, p.79-92. ISSN 1809-4422. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X1999000200007>> Acesso em 23.jul.2014.

BASTOS, Solange. **O paraíso é no Piauí: a descoberta da arqueóloga Niéde Guidon**. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora, 2010.

BISPO, A. A. **Emigração e retornados na história cultural. Joseph de Maistre e o Brasil**. Revista Brasil - Europa. n.97, 2005. Disponível em <<http://www.revista-brasil-europa.eu/097/FRANCE-BRASIL-Chambery.htm>> Acesso em 29.set.2013.

CRUZ, Leonardo de Oliveira. **O “SER” EO “ESTAR” ÍNDIO: PRODUÇÃO DE IDENTIDADES ENTRE KAINGANG E KRENAK, EM VANUÍRE**. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007. Disponível em <[http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/cruz\\_lo\\_me\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/cruz_lo_me_mar.pdf)> Acesso em 29.set.2013

D'ANGELIS, Wilmar R., and Juracilda Veiga. **O trabalho ea perspectiva das sociedades indígenas no Brasil**. Simpósio Nacional da Pastoral Operária-O futuro do trabalho na sociedade brasileira. São Paulo, 2001. p. 14-17.

D'ASSIER, Adolphe. **Le Rancho - Le Brésil et la société brésilienne, Moeurs et Paysages**. Revue des Deux Mondes. Troisième quinzaine. Mai 1863. Disponível em <<http://www.revuedesdeuxmondes.fr/archive/article.php?code=62091>> Acesso em 29.set.2013.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade escravista colonial**. FUNDHAMENTOS VII–II, Simpósio Internacional–O Povoamento das Américas, 2006. Disponível em <<http://www.fundham.org.br/fundamentos7/artigos/20%20Claudete%20Dias.pdf>> Acesso em 29.set.2013.

DOBAL, H. **O tempo conseqüente**. 4. ed. Teresina: Corisco, 2001.

DRÉVILLON, Elizabeth. **Le secret de la roche percée: Niéde Guidon. Le destin d'une aventurière**. Paris: Fayard, 2011.

FERREIRA JR, Amarilio; BITTAR, Marisa. **Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar**. Cadernos Cedes, v.28, n.76, 2008. p.333-355. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a04v2876.pdf>> Acesso em 29.set.2013

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: AnnaBlume, 2011

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Trad. Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos. Estética: literatura e pintura, música e cinema (vol. III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.264-298

FREIRE, Marcius. **Perrault, Rouch: derivas entre**. Significação, v.38, 2012. Disponível em <[http://www.usp.br/significacao/pdf/significacao\\_38.pdf#page=27](http://www.usp.br/significacao/pdf/significacao_38.pdf#page=27)> Acesso em 29.set.2013

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação**. Revista de História da arte e Arqueologia, v. 1, 1994. p.23-41.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil**. Trabalhos de antropologia e etnologia 41, no. 1/2. 2001. p.23-32.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. Mneme-Revista de Humanidades, v. 6, n. 13, 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/mneme/article/viewArticle/267>> Acesso em 29.set.2013

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 65, n. 2, 2013. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252013000200010&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09.dez. 2014.

GIL, Gilberto e NETO, Torquato. **Tropicalia ou Panis et Circencis**. São Paulo: Estúdio RGE. 1 CD (38:38), 1968

GODOI, E, P de. **O Trabalho da Memória: Cotidiano e História no sertão do Piauí**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

GONÇALVES, Francisco Williams de Assis Soares. **A consolidação da república no Piauí: atores e projetos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2002. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000296060>> Acesso em 29.set.2013.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**, Campinas: Mercado de Letras, 2001

LARROSA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação & Realidade 28.2.2003. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643%3E%20%20Acesso%20dezembro%202012/0>> Acesso em 20.dez.2014

LATOURETTE, Bruno. **Políticas da Natureza. Como fazer ciência na democracia**. Tradução Carlos Alberto Mota de Souza. Bauru: EDUSC, 2004.

MACHADO, Gláucia Vieira. **Todas as horas do fim: sobre a poesia de Torquato Neto**. UFAL, 2005.

MARANCA, Silvia. **O outro lado da pesquisa arqueológica da Fundação Museu do Homem Americano: suas origens**. 2002.

MARSHALL, E. **Clovis Counterrevolution**. Science magazine: 249 (4970), Ago 1990. p.738-741. Disponível em <<http://www.sciencemag.org/content/249/4970/738.extract>> Acesso em 28.set.2014

MELTZER, D. J. ADOVASIO, J.M. DILLEHAY, T.D. **On a Pleistocene human occupation at Pedra Furada, Brazil**. Antiquity, n.68, 1994. p.695-714.

MOTA, Carlos Guilherme. **Cultura brasileira ou cultura republicana?**. Estud. av., São Paulo, v.4, n.8, Abril 1990. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141990000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100003&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 28. set. 2013.

MOTT, Luiz R. B. **Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí colonial**. Revista de antropologia, v. 22, 1979. p.61-78. Disponível em <<http://www.js->

tor.org/discover/10.2307/41615941?uid=2&uid=4&sid=21102696157617> Acesso em 29.set.2013

NETO, Torquato. **Os últimos dias de paupéria**. São Paulo: Max Limonad, 1982

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins Campinas: Papyrus, 2005.

NIETZSCHE, F. W. **Da utilidade e desvantagem da História para a Vida**. In:\_\_\_\_\_. Obras Incompletas - Coleção "Os Pensadores". Tradução de Rubens R. T. Filho. Rio de Janeiro: 1983. p.58-70

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará** / organização e apresentação Marco Antônio Gonçalves. Campinas: UNICAMP, 1993

OLIVEIRA, Phillippe Hanna de Almeida. **Aspectos da vida diária Kaingang: o gênero na aquisição, preparo e distribuição da comida**. In Seminário Internacional Fazendo Gênero. 8. Florianópolis, 2008. Disponível em < [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST6/Philippe\\_Hanna\\_de\\_Almeida\\_Oliveira\\_06.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST6/Philippe_Hanna_de_Almeida_Oliveira_06.pdf)> Acesso em 15.jan.2015

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Italianos no Novo Mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

ORLANDI, Eni P. **DISCURSO, IMAGINÁRIO SOCIAL E CONHECIMENTO**. Em aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em < <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>> Acesso em 10.jan.2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Silêncios: presença e ausência**. ComCiência n.101, Campinas, 2008. Disponível em <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000400007&lng=en&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400007&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 29.set. 2013.

PASSOS, Mateus Y. e BELDA, Francisco R. **TRANSPONDO O ABISMO: A CONSTRUÇÃO DE PERFIS DE CIENTISTAS**. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, E-ISSN 2175-4977, v.12, n.23, 2013. Disponível em < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/8710> > Acesso em 25 de setembro de 2014.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara**. FUNDHAM, 2003.

PINHEIRO, Niminon Suzel. **Terra não é troféu de guerra. Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina.: Editora UEI, 2004. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/NSPinheiro.pdf>>. Acesso em 29.set.2013

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. E-ISSN 2176-2767, v. 15, 1997.

PORTELLI, Alessandro, and Déa Ribeiro Fenelón. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442 14 (1997).

PRATA, Antônio; MATTOSO, Chico; WERNECK, Paulo de Frontin; VEIGA, Zé Vicente da. **Cabras - Caderno de Viagem**, 1999

PRIMI, Lilian. **Niéde Guidon - A mulher que mudou a história**. Revista Caros Amigos v.193, março de 2013, p:31-32.

PUCCINI, Sergio. **Roteiro de Documentário. Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus, 2009.

PUCCINI, Sergio. **Sobre as situações de filmagem no documentário**. Imagofagia, revista virtual de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, Buenos Aires, n.03, 2012. Disponível em <[http://www.asaeca.org/aactas/puccini\\_sergio.pdf](http://www.asaeca.org/aactas/puccini_sergio.pdf) > Acesso em 20.dez.2012

RABIGER, Michael. **Directing the documentary**. Boston: Focal Press, 1998.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. Campinas: Senac, 2008.

RAYMOND, Aaron. **O espectador engajado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RABELO, Elson de Assis. **A História entre Tempos e Contratempos: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2008. Disponível em <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/ElsonAR.pdf>> Acesso em 29.set.2013

ROLNICK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARTRE, Jean Paul. **Colonialismo e Neocolonialismo (situações, V)**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1968.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicologia clínica, v. 20, n. 1, p:65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN (eletrônico) 2176-2767, v. 30, n. 1, 2009.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Os exílios dos intelectuais brasileiros e chilenos, na França, durante as ditaduras militares : uma história cruzada**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates. 2007. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/5791>> DOI : 10.4000/nuevomundo.5791. Acesso em 29.set.2013.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. **O povo do Zabelê e o Parque Nacional da Serra da Capivara no Estado do Piauí: tensões, desafios e riscos da gestão principiológica da complexidade constitucional**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4355>> Acesso em 29.set.2013

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. **Documentário, Realidade E Semiose: os sistemas audiovisuais como fonte de conhecimento**. São Paulo: Annablume. Fapesp. 2001

SPÓSITO, Fernanda. **Nem cidadãos, nem brasileiros: indígenas na formação do estado nacional brasileiro e conflitos na província de São Paulo (1822-1845)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

SWAIN, Tania Navarro. **Niède Guidon, arqueóloga : uma aventura no tempo**. 2011. Disponível em <<http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys20/aventura/niedept.htm>> Acesso em 02.nov.2014.

TADDEI, Renzo. **As secas como modos de enredamento**. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 01 - Número 01. 2014 Disponível em <<http://climacom.mudancasclimaticas.net/?p=1123>> Acesso em 27.dez.2014

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Je meridional**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1994. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000078823>> Acesso em 29.set.2013

VIDAL, Laurent; DE LUCA, Tânia Regina. **Franceses no Brasil: séculos XIX-XX**. UNESP, 2009.

VOGT, Carlos et al. **Indicadores de ciencia y tecnologia em iberoamerica**. Agenda 2008. Buenos Aires: RICYT; CYTED; FAPESP; UNESCO, 2008. p. 285-298.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP**. Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ZIOLI, MIGUEL. **PAULO DUARTE (1899-1984): um intelectual nas trincheiras da memória**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis. 2010. Disponível em <<http://polo3.assis.unesp.br/posgraduacao/teses/historia/MIGUEL.pdf>> Acesso em 29.set.2013

## Filmes

ENCOUNTERS at the end of the world. Direção Werner Herzog. 2007, 99 min.

CAVE of forgotten dreams. Direção Werner Herzog. 2010, 90 min.

JESUS Camp. Direção: Heidi Ewing, Rachel Grady. 2006, 87 min.

THEODORICO, O Imperador do Sertão. Direção: Eduardo Coutinho. Globo Repórter, Rio de Janeiro: Rede Globo. 22 de agosto de 1978. Documentário.

## Sites

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos-1/2o-mandato/1999-2-semester/64.pdf/view>)

FUNASA - <http://www.funasa.gov.br/site/>

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ - <http://www.pi.gov.br>

MEMÓRIA PETROBRÁS - Depoimento de Niéde Guidon. 2007. <http://memoria.petrobras.com.br/depoentes/niede-guidon/depoimento-de-niede-guidon>

MUSEU DA PESSOA - A Arqueologia de Niéde Guidon. 2007. [http://www.museu-dapessoa.net/\\_index.php/historia/4879-a-arqueologia-de-niede-guidon](http://www.museu-dapessoa.net/_index.php/historia/4879-a-arqueologia-de-niede-guidon)

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Atlas de desenvolvimento humano no Brasil - <http://pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2000.aspx>

PORTAL KAINANG - <http://www.portalkaingang.org/>

**Programas de TV e canais online:**

CARLO Ginzburg - Da memória à História. Fronteiras do Pensamento. 18 de fevereiro de 2013. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=Zm1pnZdexcg>> Acesso em 15.out.2013. Vídeo online.

NIÉDE Guidon. Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 17 de novembro de 2003. Programa de TV.

NIÉDE Guidon. Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 29 de setembro de 2014. Programa de TV.

NIÉDE Guidon. Trip FM. São Paulo: Eldorado FM, 22 de julho de 2005. Programa de rádio.

**Reportagens em periódicos impressos e online.**

BRUM, Eliane. **Diálogos sobre o fim do mundo**. El País, Opinião. 29 de setembro de 2014. Disponível em <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283\\_365191.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html)> Acesso em 30.nov.2014

ESTEVES, Bernardo. **Fim da Controvérsia?** Revista Piauí, São Paulo, 05 de setembro de 2014. Questões de Ciência. Disponível em <<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-da-ciencia/geral/fim-da-controversia>> Acesso em 10.nov.2014

FRAIA, Emílio. **Capitã Caverna - Perfil de Niéde Guidon**. Revista Trip v.135. julho de 2005. Disponível em <<http://revistatrip.uol.com.br/135/niede/02.htm>> Acesso em 29.set.2013

GORGULHO, Silvestre. **Maior patrimônio arqueológico brasileiro corre perigo**. Folha do Meio. Brasília, 23 de fevereiro de 2005. Disponível em <<http://folhadomeio.com.br/publix/fma/folha/2005/02/parque154.html>> Acesso em 27.set.2014

LOPES, Renato José. **Crânio de 12 mil anos achado no México é similar a brasileiros da época.** Folha de São Paulo. São Paulo, 15 de maio de 2014. Caderno Ciência. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/05/1454937-cranio-de-12-mil-anos-achado-no-mexico-e-similar-a-brasileiros-da-epoca.shtml>> Acesso em 20.nov.2014

MENDONÇA, Lena. **Parque Serra da Capivara virou rota ao tráfico de drogas no PI.** Jornal Diário do Povo, 02 de junho de 2011. Disponível em <<http://180-graus.com/noticias/parque-serra-da-capivara-virou-rota-ao-traffic-de-drogas-no-pi-431228.html>> Acesso em 15.jul.2014

PESSOA, André. **Aeroporto Internacional Serra da Capivara é concluído em SRN.** Portal SRN. São Raimundo Nonato , 26 de janeiro de 2015. Disponível em <<http://www.portalsrn.com.br/noticias/noticia.php?id=1371151>> Acesso em 26.jan.2015

SAKAMOTO, Leonardo. **História Acorrentada.** Repórter Brasil, São Raimundo Nonato, 01 de março de 2000. Disponível em <<http://reporterbrasil.org.br/2000/03/historia-acorrentada/>> Acesso em 30.set.2014

SILVEIRA, Evanildo da. **Assentamento do Inbra é novo problema.** O Estado de São Paulo, Vida, p.A27, 13 de março de 2005. Disponível em <<http://uc.socioambiental.org/noticia/assentamento-do-incra-e-novo-problema>> Acesso em 20.jan.2014



## ANEXOS

### 1. DVDS - AUDIOS DAS ENTREVISTAS

2. A teoria elaborada por Alis Hardilick e a mais aceita para explicar o povoamento das Américas indica que os índios americanos descenderiam dos asiáticos (o que explicaria as semelhanças físicas): eles teriam atravessado da Sibéria para o Alasca através do estreito de Bering, que possui apenas noventa quilômetros de extensão e onde, durante a última glaciação as águas se tornaram menos profundas e possibilitaram a passagem de grupos humanos há quinze mil anos.

- PESSIS. A. M. & GUIDON. N.,1996. Leviandade ou falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio & Dillehay. Falsehood or untruth? A reply to Meltzer, Adovasio & Dillehay. FUMDHAMENTOS, v.1,n.1, p. 379-394;

- PARENTI, F, MERCIER,N, VALLADAS, H., 1990. The Oldest Hearths of Pedra Furada, Brasil: Current Research in the Pleistocene, Vol 7: 36-38 Orono, Maine.

- ARAÚJO. A, FERREIRA. L.F, CONFALONIERI. U, CHAME, M. 1988. Hookworms and the peopling of America. Cadernos de Saúde Pública. RJ., 2 (4): 226-233.

- ARAÚJO. A, FERREIRA. L.F. , 1995. Paleoparasitologia e o povoamento das Américas - Paleoparasitology and the peopling of the Americas. FUMDHAMENTOS: v.1, n. 1, p. 105-111.

- SANTOS, G.M., BIRD, M.I., PARENTI, F., FIFIELD, L.K., GUIDON, N., HAUSLADEN, P.A., 2003. A revised chronology of the lowest occupation layer of Pedra Furada Rock Shelter, Piauí, Brazil: the Pleistocene peopling of the Americas. *Quaternary Science Review* 22 (2003) 2303-2310.

- VALLADAS, H., MERCIER, N., MICHAB, M., JORON, J.L., REYSS, J.L., GUIDON, N., 2003. TL age-estimates of burnt quartz pebbles from the Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Northeastern Brazil). *Quaternary Science Review* 22 (2003) 1257-1263.

- FELICE, G.D. 2002. A controvérsia sobre o sítio arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Piauí-Brasil. *FUNDAMENTOS II, Fundação Museu do Homem Americano*. 143-178.

3. Trecho do texto original: (...)The challengers, who vigorously disagree with the arbitrary barrier at 12,000 years, point to sites that are now at the center of this dispute and argue the entry date must be pushed back to 16,000--even maybe 30,000-years ago. And, until recently, it was beginning to look as though their radical view might indeed be taken as the basis of a new consensus. But in recent months; there has been a backlash from anthropologists whom some researchers feel function as a kind of "Clovis police," patrolling the old barrier against any new incursions. And this counterrevolutionary movement has, in turn, sparked some sharp exchanges in the community of archeologists and anthropologists who study the early prehistory of the Americas. Thomas Lynch of Cornell University earned a place among the Clovis police with an *American Antiquity* article earlier this year. Dismissing the decades of work by the Clovis iconoclasts, he argues that in 100 years of searching for proof of very early, glacial-age humans, "no indisputable or completely convincing cases" have come to light in the Americas. Another counterrevolutionist is Dina Dincauze of the University of Massachusetts who, in a forthcoming issue of the

journal of Field Archaeology, says the data from Monte 738 Centrist, David Meltzer, sympathetic to both sides in the debate over when the Americas were populated, stands where Clovis tools were found. Monte Verde, Chile - one of the most celebrated of the pre-Clovis sites - suffers from an "enthusiastic, uncritical use of the radiocarbon ages" that tends to overstate its antiquity. Aside from that, she praises the work of the Monte Verde's principal investigator, Tom D. Dillehay, now of the University of Illinois. These salvos may be the beginning of a movement designed to restore the Clovis hypothesis to its previous position of unquestioned authority. It is too soon to tell how successful they will be, but their story provides a window onto what happens in a field when an old consensus begins to erode and a new one appears to be taking shape. Opinions and interpretations take on great importance. Personal questions of style, nuances of presentation, even endorsements from colleagues (or the lack of them) loom large. Until a new consensus is firmly established, rising tempers and radical shifts of opinion are the rule. One reason why the argument over estimated times of arrival in the Americas has escalated is that the challengers to the old view have received wide publicity.

4. Trecho do texto original: In a review of the problems and controversy surrounding the peopling of the Americas, Guidon & Arnaud (1991: 177) very rightly suggest, 'Working parties, meetings of specialists on site, and formal debates, should take place regularly if we are to establish an agreed basis for evaluating evidence.' It was in that spirit an invitation was graciously extended to us to visit Toca do Boqueirão da Pedra Furada and participate in the Reunião Internacional Sobre o Povoamento das Americas in Sao Raimundo Nonato, Brazil, in December 1993. It was also in that spirit we accepted the invitation. While we returned from Brazil greatly impressed by the scope of the work at Pedra Furada, we also returned without having been convinced of the site's

claims for a Pleistocene human antiquity. This is not, we hasten to add, a final judgement about the site; that must await the appearance of Parenti's unpublished dissertation on the material remains (Parenti 1993b), and the summary monograph(s) on the site. It does, however, reflect concerns we have about the chronology, geology, artifacts, features, and related aspects of the purported Pleistocene human occupation at Pedra Furada.

Of course, we are not experts on the data and evidence recovered from Pedra Furada; our knowledge of the site is based on presentations we heard at the Conference, two site visits (and visits to six other apparent Pleistocene sites in the region), and a cursory inspection of the recovered material, supplemented by a reading of the available site literature. Nor do we expect our opinions will be shared by our colleagues (even those who viewed the site with us); we understand only too well how other individuals or groups may see the same evidence differently.

#### 5. Outras matérias relevantes sobre os conflitos relacionados a formação do Parque Nacional Serra da Capivara

- <http://www.mma.gov.br/informma/item/2435-serras-da-capivara-e-das-confusoes-serao-unidas-por-corredor-ecologico>
- <http://defender.org.br/noticias/nacional/fogo-ameaca-pinturas-rupestres-fora-da-serra-da-capivara/>
- [http://www.saoraimundo.com/noticias/headline.php?n\\_id=16489](http://www.saoraimundo.com/noticias/headline.php?n_id=16489)
- <http://jornaldacidadepi.com.br/detalhe.php?n=2740&e=8>
- <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/parque-nacional-da-serra-da-capivara/>
- <http://veja.abril.com.br/blog/leonel-kaz/sem-categoria/os-parques-nacionais-estao-sendo-destruidos-mais-um/>

- <http://www.reporterambiental.com.br/suplicy-denuncia-situacao-da-serra-da-capivara-na-tribuna-do-senado.html>
- <http://www.clicapiaui.com/piaui/73939/niede-guidon-e-proibida-de-fiscalizar-obras-em-aeroporto-de-sao-raimundo-nonato.html>

6. *Trecho de entrevista com Gabriel Martín Ávila. Piauí, maio de 2011.*

***Como você definiria a doutora Niéde?***

***Gabriela Martins*** - *Não é fácil, porque se eu não a conhecesse, ia fazer uma definição assim: a cientista, a amiga e a heroína, que você falou. Ou seja, as três vertentes. Se eu não a conhecesse, as três vertentes poderiam vir através dos escritos, através do seu trabalho, fazer uma opinião de que ela é uma grande cientista, uma pessoa que é cientificamente muito séria, leva muito a sério o trabalho arqueológico desde que iniciou, sempre procurou se assessorar com os melhores que havia em cada momento, procurou laboratórios científicos que a apoiassem no que tinha encontrado. Não chutou informações, foi muito minuciosa. Você pode até discordar dela como cientista, como outros já fizeram, mas ninguém pode negar seu trabalho minucioso.*

*Tenho uma relação de amizade já de 40 anos. 40 anos não, mas de 30, 35 anos. Viajamos, às vezes, juntas. Pegamos umas férias. Depois que fiquei viúva, ainda teve mais tranquilidade para: "Vamos agora aqui, vamos agora lá", e meu marido era muito amigo dela também, de modo*

*que... Há uma parte muito "entrañable" de nossa relação. Dela com meu filho, eu com ela...nos entendemos bem, temos a mesma maneira de nos divertir, de maneira que para mim é enriquecedora a amizade dela. Foi muito enriquecedor. Vim ao Brasil, e nos primeiros anos me senti muito isolada, sozinha. Onde eu morava, em Pernambuco, não tinha ninguém...Eu digo "Bem, vou fazer arqueologia aqui. Vou começar por onde?" De maneira que encontrei com ela, que imediatamente me estendeu a mão e disse "Vem, venha para o parque(...)" Vamos ver, a primeira vez que eu vim aqui, eu vim com uma kombi que saiu do Recife! Depois, a terceira dimensão dela: ela é muito amiga dos amigos. Ela não tem muitos amigos, mas é muito amiga dos amigos, é muito fiel à amizade. Essa é uma coisa que posso dizer, é uma das características mais sérias da doutora Niéde Guidon: ela nunca traiu ninguém, ela é amiga mesmo. Se você precisar, pode contar com ela. E você sabe que, nessa vida, amigos desse tipo você conta com os dedos da mão, se tem sorte, se não tem, conta com um ou dois. É da personalidade, é realmente dela.*

*Depois, logicamente, a mulher social, a mulher que não somente se preocupa. Ela tem uma visão muito longa de ver que só se poderia desenvolver toda uma pesquisa arqueológica, todo um mundo arqueológico que, é lógico que ela tinha perfeitamente ciência, não poderia acabar com ela. O trabalho no parque é para 100 anos, para 200 anos, para gerações que vão poder trabalhar aqui. Se não criasse uma infraestrutura, um mínimo de infraestrutura, uma estrutura que seria a FUMDHAM e o que poderíamos chamar, a periferia da FUMDHAM, que é essa cidade, são as forças públicas, para que compreendam o que tem aqui dentro. Ela grita e briga com os políticos, mas ela tem um relacionamento, é muito respeitada, ela realmente se fez respeitar. E como se faz respeitar, se permitiu de falar "de tu a tu" , desde o presidente da*

*república até o governador. E se acha que a coisa que tem feito está errada, diz na cara dele, porque não tem nada a perder. Ela tem a consciência muito tranquila: não ganha nada. As contas dela são claríssimas: não tem nada. Tudo o que ela tinha, ela botou aqui dentro, entendeu? Então está muito "à cavaleiro" para defender suas ideias, para defender o parque, para defender o que é. Digamos que a folha de pagamento dela é zero. Então, são três aspectos que eu assinalaria: a mulher humana, a cientista e a amiga.*

7. Última notícia publicada sobre o aeroporto antes da finalização deste trabalho. 26/01/2015: <http://www.portalsrn.com.br/noticias/noticia.php?id=1371151>

*Aeroporto Internacional Serra da Capivara é concluído em SRN  
Autoridades aguardam autorização da ANAC*

*Por André Pessoa  
Reportagem Especial*

*O polêmico Aeroporto Internacional Serra da Capivara, construído na zona rural do município de São Raimundo Nonato, região sudeste do Piauí e distante 525 km da capital Teresina, está com suas obras finalizadas. A construção se arrastava por mais de uma década sendo alvo de inúmeras denúncias de irregularidades. Com a conclusão dos trabalhos o terminal de passageiros e a pista de pouso e decolagem com 1.650 metros já estão recebendo voos privados e podem operar, inclusive, no período noturno.*

*Em visita ao local na última sexta-feira, dia 23, nossa reportagem constatou que toda a parte estrutural, hidráulica e elétrica, incluindo piso, revestimento, cobertura, forro, vidros, iluminação, portas, janelas, bancadas, área de quiosques e lojas, espaço para lanchonete, equipamentos contra incêndios, área para escritórios administrativos, base de apoio para empresas e funcionários, estacionamento, acesso, entre outros itens estão finalizados.*

*Até mesmo o elevador interno já foi instalado. No entanto, dentro do prédio faltam pequenos detalhes como o corrimão nas escadas de acesso ao segundo piso e nos corredores desse andar. A obra foi executada pela construtora Sucesso com recursos do Ministério do Turismo através de emendas parlamentares do deputado federal José Francisco Paes Landim (PTB) e apoio do Governo do Piauí.*

*Informações repassadas pela empresa Esaero, que administra o local e mantém funcionários para auxílio aos passageiros e operação das aeronaves, confirmam que o aeroporto conta com sinalização horizontal na pista e no pátio de aeronaves, além de balizamento noturno que pode ser utilizado para pousos e decolagens durante a noite. A brigada dos Bombeiros que teve a equipe treinada em Natal (RN) e na Base Aérea de Alcântara (MA), já dispõe de uma viatura equipada para combate a incêndios mas ainda não recebeu nenhuma ambulância para atendimentos de emergência.*

*Na parte estrutural falta a ligação da rede de água através da empresa de Águas e Esgotos do Piauí (AGESPISA), para que os banheiros, chuveiros do sistema automático contra incêndios e torneiras possam funcionar, além da operacionalização da "torre" de controle aéreo, a instalação do terminal de combustível e a construção do reservatório de água para o grupamento contra incêndios.*

*O impasse agora para seu pleno funcionamento parece se resumir as condicionantes apontadas pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), que esteve no aeroporto para uma vistoria oficial e encontrou algumas incorreções e falhas. Foram solicitados ajustes técnicos que o Governo do Piauí diz estar tratando diretamente com Brasília. Algumas semanas atrás o governador Wellington Dias (PT), esteve na capital federal em audiência com o ministro da Aviação Civil, Eliseu Padilha (PMDB), tentando agilizar os trâmites necessários para a homologação do aeroporto.*

*Segundo a vice-governadora, Margarete Coelho (PP), que desembarcou recentemente no aeroporto com uma comitiva internacional que incluía, entre outras autoridades, o embaixador da Alemanha no Brasil, Dick Brengelmann, a meta é viabilizar a operação regular de pequenos voos comerciais para que nos próximos anos ele se consolide como um pólo de transporte regional, desencadeando uma revolução na economia local com o incremento no fluxo de visitantes que chegam principalmente para conhecer os parques nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões, as duas maiores unidades de conservação do Nordeste.*

#### *Internacional só no papel*

*Apesar de ter sido batizado e planejado para ser um aeroporto internacional, existem algumas restrições que impedem que o local tenha capacidade para receber voos originários de outros países. Para que isso fosse possível seria necessário uma série de ajustes no projeto que não foi executado completamente.*

*Em primeiro lugar a pista que atualmente conta com 1.650 metros precisaria ser ampliada conforme o projeto original para 2.400 metros além de vários detalhes técnicos como a criação de unidades da Polícia Federal, Receita Federal, Alfândega, Vigilância Sanitária, Torre de Controle Aéreo com atendimento bilíngue, entre outros aspectos.*

*Enquanto a cidade não dispõe desses órgãos, a alternativa para que o aeroporto possa eventualmente receber vôos do exterior a médio prazo é ter as configurações da pista adequadas para suportar grandes aeronaves, assim os aviões de voos charters, como por exemplo os oriundos da Europa poderiam ser nacionalizados em qualquer aeroporto internacional do Brasil, fazendo com que os passageiros passem pela migração e alfândega e depois sigam na mesma aeronave para São Raimundo Nonato.*

#### *Museu na Caatinga*

*A homologação do Aeroporto Internacional Serra da Capivara através da ANAC é pré-requisito para que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), libere as primeiras parcelas de um aporte financeiro de 13,7 milhões para Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), iniciar a construção do Museu da Natureza, na zona rural do município de Coronel José Dias, nas proximidades do principal circuito turístico do Parque Nacional Serra da Capivara, o Boqueirão da Pedra Furada (BPF).*

*Segundo a instituição financeira a operação acontece no âmbito do Programa BNDES para o Desenvolvimento da Economia da Cultura (BNDES Procult), com recursos não reembolsáveis do Fundo Cultural do Banco. A participação do BNDES corresponde a 68% do valor total necessário para viabilização do projeto.*

*Localizado nas proximidades do Centro de Visitantes do Parque e de uma fábrica de cerâmica artesanal, o museu abrigará entre outras atrações uma coleção inédita de fósseis de animais da megafauna que ocupava a região e que entrou em extinção há cerca de 10 mil anos devido às mudanças climáticas ocorridas nessa parte do planeta. Alguns fósseis são de espécies que até o momento só foram encontradas nessa área do Piauí e receberam nomes científicos que fazem referência a região.*

*Com dois pavimentos e uma área construída total de 4 mil m<sup>2</sup>, o museu terá espaço de exposição, restaurante, auditório, lojas, área reservada ao acervo, instalações administrativas e sanitários.*

*Além dos objetos expostos, serão usados recursos de animação, fotografias, perspectivas digitais e interatividade, assim como projetores, computadores, sensores, telas de cristal líquido e plasma, instrumentos interativos, sonorização, iluminação e sistemas de automação.*

O projeto também contempla sistema de segurança, com iluminação de emergência, vigilância eletrônica, alarmes e extintores de incêndio. A obra deverá ser entregue em dois anos e o valor total do projeto é de R\$ 20 milhões.

#### *Visão de futuro*

O sonho que se materializa na construção do Aeroporto Internacional Serra da Capivara é o resultado da incrível trajetória da pesquisadora paulista Niéde Guidon, que completa 82 anos no próximo mês de março e que chegou na região de São Raimundo Nonato no começo da década de 1970. Nesses ininterruptos 35 anos de investigação científica e de um vasto legado de obras estruturantes, ela conseguiu projetar de forma positiva, mundo afora, um pedaço do sertão do Piauí desconhecido até então pelos próprios piauienses.

Niéde foi a protagonista da criação do Parque Nacional Serra da Capivara – declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco -, e da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) – que mantém laboratórios de alto nível e um museu que é referência mundial sobre a pré-história do continente. Também foi ela que sugeriu e lutou pela instalação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) – que oferece cursos de graduação em Arqueologia e Ciências da Natureza no campus Serra da Capivara -, e agora deseja finalizar essa odisséia com dois novos projetos futuristas.

Um deles, o Museu da Natureza, deve ser viabilizado nos próximos meses com apoio do BNDES. O outro, visto como a cereja do bolo de toda essa revolução cultural, econômica e social, seria a construção do resort Serra da Capivara numa área muito próxima ao parque nacional. O projeto – que já teve incentivo fiscal aprovado anos atrás pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), e terras cedidas em regime de comodato pelo Governo do Piauí através de aprovação pela Assembléia Legislativa do Estado -, prevê a construção de um mega complexo hoteleiro de alto nível dotado de cinema, teatro, restaurantes e toda estrutura necessária para atender turistas do Brasil e do exterior, numa área conhecida como Serra Vermelha.

Ao hotel se conecta uma espécie de Disneylândia da pré-história, um parque temático onde os visitantes poderão participar de escavações arqueológicas, conhecer sítios históricos, interagir com espécies da fauna e flora da Caatinga, contemplar maquetes em tamanho natural dos animais da megafauna, entre outras atrações.

O projeto ganhou o nome de Arkeópolis e está todo planejado pela arqueóloga e sua equipe que já adquiriu, inclusive, algumas áreas de interesse natural para a sua futura implementação. Agora é esperar os grupos econômicos que possam investir nos projetos acreditando no potencial de uma das mais importantes regiões naturais e culturais do planeta, berço de nossos antepassados e de um bioma exclusivamente brasileiro, a mítica Caatinga.



